

Deutscher Morgen

Berausgeber: E. Sommer

Aurora Allemã

Erscheint wöchentlch

Folge 20

São Paulo, 17. Mai 1940

9. Jahrgang

Schriftleitung, Verwaltung und Druckerei: Rua Victoria 200 — Fernruf: 4-3393, Caixa postal 2256 — São Paulo. — Zuschriften nicht an Einzelpersonen, sondern nur an die Verwaltung. — Bezugsgebühr: halbjährlich 15\$000, ganzjährig 30\$000, für Deutschland und die Welpostvereinsländer 7 Mark

A confiança no soldado alemão é illimitada e firme é a fé no grande triumpho final germanico

A Guerra das Falsidades

Nosso Quadro Negro

36.a Semana

kt. — No mesmo dia em que o presidente do Ministério inglês, sr. Chamberlain, foi obrigado a resignar o cargo, desencadeou-se, com todo o vigor, a luta na frente occidental terrestre. Os aspectos circunstanciais da renúncia pouco honrosa do ex-Primeiro Ministro, notadamente uma série de confissões feitas por elle proprio e pelos seus adversarios mereceriam ser focalizados de modo todo especial nesta columna em que pomos a nú todas as falsidades espalhadas pelo mundo. Mas, deixemos isso para outra oportunidade.

Agora outras coisas interessam mais. Desde que em 10 de maio começou a luta decisiva nos velhos campos de batalha na zona em que desembocam o Escalda, o Mosa e o Rheno, empallidecem todos os outros acontecimentos ante a magnitude desta acção de grande convergadura que a Alemanha foi forçada a empreheender. De 2.000 annos para cá, já por diversas vezes que alli foram lançados os dados que decidiam da sorte da Europa. Pelejaram alli germanos e celtas, romanos, teutões, francezes, hespanhões, ingleses e, não por ultimo, os proprios holandeses — desde os flamengos, no extremo occidente, até aos frisios, francos e westfalianos, na região nordeste do paiz — os quaes se desligaram, pouco a pouco, nos seculos após a Reforma, do Reich e do povo allemão. Muito sangue precioso correu alli; lutou-se pelos mais elevados ideais da humanidade. Também hoje se encontra em campo aberto o que a juventude de grandes povos cultos possui de melhor — Juventude de Langemark, a melhor força moral e tecnica apoiada por centenas de milhões de seres que com suas esperanças e seus temores lhe estimulam o espirito de sacrificio. Também desta vez a luta se fere em torno de objectivos os mais altos: a liberdade ou a escravidão de povos inteiros. Hoje, entretanto, trata-se da liberdade dos povos centro-europeus encabeçado pelos allemães.

Tenhamos isto em mente e não o esqueçamos: Não é uma guerra em prol da liberdade dos Paizes Baixos, da Belgica, do Luxemburgo, da Tchecoslovaquia ou da Polonia que se fere alli, mas sim uma guerra pela libertação da letra morta e do espirito homicida de Versalhes, para o qual existiam vinte milhões de allemães demais no mundo. Os allemães apresentam-se agora na liça na Hollanda, onde, a seu tempo, foram esmagados Philippe II com sua inquisição e Napoleão I com seu desalmado imperialismo. Os allemães defendem o seu direito a uma existencia digna de homens, o seu direito e o dos seus filhos de viver, o direito de suas mulheres de darem, tambem de futuro, á luz, direito primitivo este, que Versalhes lhes pretende negar com os meios mais abjectos. Alli empenham-se, com toda dedicação, por uma Europa melhor. Mas não se trata de uma Europa pela qual os potentados plutocratas das potencias occidentaes arriscam seu dinheiro e que, na opinião de um de seus porta-vozes, poderá surgir „talvez daqui a 500 annos“. Trata-se, isto sim, da Europa da paz interna, da liberdade cultural achincalhada em Versalhes, mesmo dos pequenos povos, da Europa revolucionaria da Juventude que já vem surgindo ahi, radiosa e mascula, desde o Rheno até ao Vistula e desde o Baltico até á Sicilia. Juventude esta que faz palpar mais fortemente o coração no peito de todos aquelles que se acham verdadeiramente vivos.

Os soldados das potencias occidentaes ainda não sabem, em sua grande maioria, contra quem estão sendo lançados. Em compensação, porém, os homens que dominam em Londres e Paris, bem como seus satellites nas capitães de menor importancia sabem-n'o tanto melhor. Eis a razão por que não se limitam a enfrentar homem com homem e machina com machina, recorrendo, sobretudo, a todos os instrumentos da mentira, da deturpação, da calumnia. São impotentes em encontrar um meio melhor para enfrentar o vigor dynamico e victorioso dessa alvorada que desponta festivamente.

E' assim que se comprehendem as manobras, mediante as quaes em Londres e Paris se

(Continua na 2.a pagina.)

Berlin, 16 (TO) — O chefe da Imprensa do Reich, dr. Dietrich, divulga a seguinte cronica datada do Quartel General do Fuehrer: „Com passo seguro e firme, o exercito alemão progride, avançando para uma nova era da Historia. O troar dos canhões fazem calar a harena democratica. Desmorona-se um mundo de illusões e mentiras, senil e arrogante, e sobre as ruínas da plutocracia, como das cinzas da fabula, surge uma nova era. A baioneta do soldado alemão rasga novos horizontes. As façanhas incomparaveis de Eben Emael e do Canal de Rei Alberto; e tomada de Liege, a conquista de Rotterdam e das „fortalezas da Hollanda“; as victorias em centenas de combates aereos, e o fulminante avanço sobre o Mosa em Dinant, Givet e Sedan, são marcos que assinalam a proxima victoria final. O mundo admira-se do denodo e coragem do soldado alemão na Hollanda, na Belgica e na França. A guerra moderna, que é praticada com as ultimas inovações tecnicas e com o entusiasmo dos corações incendiados, — que é mais rapida e movimentada, mais extensa, centrifuga e centripeta no mesmo tempo, — já poude ser entrevista em seus contornos na Polonia e na Noruega; agora, mostra-se em detalhes, aos olhos do mundo inteiro. O „Fuehrer“ previra ha muitos anos esta nova forma da guerra tal como ela se apresenta no oeste, e, presentindo-a em seus minimos detalhes, organizara o novo exercito germanico. Agora agita a arma por ele forjada contra o inimigo que provocou o conflito. Quantos momentos sublimes, quantos dias decisivos, nessa luta pela Alemanha, temos vivido ao lado do Fuehrer! Sempre pensamos que o momento que viviamos era o maximo, quando lutavamos pela nossa Alemanha; hoje, entretanto, vemos o Fuehrer em meio ao centro dos acontecimentos historicos, como genio creador, inspirando e dando o exemplo. Na madrugada de 10 de maio, quando nossas tropas terrestres, na-

vaes e aereas lançarem-se na batalha do oeste, o Fuehrer acompanhou a luta, transferindo-se para o seu Quartel General de campanha. De lá observa com sangue frio, mas com o coração palpitante, a marcha das operações por ele engendradas. Ali, tomam-se as ultimas decisões com calma soberana e segurança; ali, decide-se da sorte da Alemanha e dos seus inimigos. E' illimitada a sua confiança no soldado alemão, e firme sua fé no triunfo germanico. Em seu intimo, a fé que depositava na nação já se consolidou em esplendidas realidades. Os comunicados que em rapida sucessão annunciam inauditas façanhas do soldado alemão, enchem-no de alegria e de orgulho. Quem combateu como soldado na frente occidental, durante a guerra de 1914, pode apreciar os sentimentos do Fuehrer ao ouvir novamente os nomes das aldeias, cidades, rios e comarcas, que, 25 anos mais tarde, os jovens soldados da jovem Alemanha, voltam a pisar. Durante vinte e cinco annos, governaram a Europa o perjurio e a charlatanice. O povo de nada valia diante dos interesses dos exploradores plutocraticos. Afogaram as verdades sob as avalanches de mentiras e de hipocrisias, ofuscando o senso comum dos povos. Instigaram a guerra e se recusaram a aceitar a paz que o Fuehrer lhes oferecia. E' passado o tempo do palavrorio. Agora fala a espada alemã. Conscientes de seus sagrados direitos, os filhos da nova Alemanha marcham contra os vassallos dos plutocratas. Domina cada soldado alemão o desejo incoitado de apresar o degolador da nação alemã. Com seus soldados, o Fuehrer romperá toda a resistencia.

„Nosso coração está com o nosso „dinheiro“, — esta é a miseravel mentalidade das plutocracias judaico-democraticas. O coração do povo alemão está com seus soldados, que combatem pelo futuro da Alemanha, pela sua gloria e grandeza“.

Englands Krieg—Englands Empire:

Ein hoffnungsloser Fall

Der Leser im weiten Hinterland, dem wir vor acht Tagen von den Folgen der britischen Katastrophe in Norwegen berichteten, muss sich heute im Hinblick auf die erdrückende Fülle und Wucht der Geschehnisse in der letzten Woche mit folgenden Stichworten begnügen.

Der Blitzkrieg, das von den Alliierten so gelästerte wie gefürchtete deutsche Phänomen, hat am 10. Mai, 5,30 Uhr morgens, auf einer Front von 450 Kilometern begonnen. Der Führer, in genauer Kenntnis der Pläne der Briten und Franzosen über den Einfall in das Ruhrgebiet, erteilte an die deutschen Fliegergeschwader, Panzerdivisionen und übrigen schnellen Truppen den Befehl zum Vormarsch.

In den Tagen vom 10. bis zum 15. Mai erlebte die Welt eine beispiellose Offensive: Die Festung Lüttich ist gefallen, die holländische Armee hat kapituliert, bei Sedan in Nordfrankreich wurde die nordwestliche Verlängerung der Maginot-Linie durchbrochen. Englands Flotte erlitt wieder schwerste Verluste, die deutsche Luftwaffe beherrscht den Luftraum an der Westfront. Sie haben den Krieg bekommen, wie sie ihn wünschten, der Führer hat sein Wort gehalten.

Chamberlain trat ab. Winston Churchill, ehrgeizig wie immer, bildete mit Duff Cooper, Anthony Eden und anderen Plutokraten eine neue Regierung; er verhiess dem britischen Volk „Schweiss, Blut und Tränen“ und danach den Sieg. Es scheint aber, als würden

viele Engländer heute gern das halbe Empire verschenken, wenn sie das Schicksal dieses Krieges, das sich so folgerichtig gegen sie auswirkt, noch wenden könnten.

Es ist schon zu spät. Lord Lothian, der Botschafter S. M. in Washington, sagte, dass Hitler den Krieg gewinnt, falls seinen Divisionen nicht innerhalb von 30 Tagen eine ernsthafte Niederlage bereitet würde. Diese Prophezeiung ist verhängnisvoll, denn hatte nicht schon der USA-Senator Pittman seinerzeit zum Fall Norwegen erklärt, dass das Reich den Sieg über die Alliierten erringen würde, falls es nicht gelänge, seine Truppen aus Skandinavien hinauszuerwerfen?

Nur noch wenige fragen heute, wie dieser Krieg enden wird; die meisten fragen: wann ist er aus? Das englische Pfund stürzt an den Weltbörsen unaufhaltsam. Italiens Druck im Mittelmeer hat eine explosive Spannung erreicht. Der amerikanische Kontinent wartet noch ab; man kalkuliert. Die britische Regierung hat die Kontrollhäfen in den Downs und Kirkwall auf den Shetland-Inseln am 14. Mai geschlossen.

Es ist aus mit der Blockade. Es gibt nichts mehr zu kontrollieren und zu beschlagnahmen. Aus Skandinavien kommen keine Hölzer und Erze mehr, aus Dänemark kein Speck und Fleisch, aus den baltischen Ländern keine Eier und jetzt aus Holland auch nicht mehr die 750.000 Doppelzentner Butter. England kann

(Schluss auf Seite 2)

Der Lügenkrieg

Unser schwarzes Brett

36. Woche.

kt. — An demselben Tage, an dem der englische Ministerpräsident Chamberlain zum Rücktritt gezwungen wurde, entbrannte der Kampf an der Landfront im Westen mit aller Härte. Die Begleitumstände des wenig rühmlichen Rücktritts, vor allem manche Bekanntschaften des ehemaligen Ministerpräsidenten selbst und seiner Gegner, verdienen in einer kritischen Betrachtung des Lügenkrieges ganz besonders gewürdigt zu werden. Sie seien aber heute zurückgestellt.

Denn seit dem 10. Mai, seit dem Beginn des Entscheidungskampfes auf den alten Schlachtfeldern im Mündungsgebiet der Schelde, der Maas und des Rheines, verblasst alles andere Geschehen vor der Grösse dieser Ereignisse. Seit 2.000 Jahren sind dort mehr als einmal die Würfel über das Schicksal Europas gefallen. Germanen und Kelten haben dort gerungen, Römer, Deutsche, Franzosen, Spanier, Engländer und nicht zuletzt die Niederländer selbst — von den Flamen im äussersten Westen bis zu den Friesen, Franken und Westfalen im Nordosten des Landes — die sich in den Jahrhunderten nach der Reformation langsam aus dem deutschen Reiche und vom deutschen Volke lösten. Viel und edles Blut ist dort geflossen, um die höchsten Ideale der Menschheit wurde dort gekämpft. Und heute ist wieder die beste Jugend grosser Kulturvölker eingesetzt, Langemark-Jugend, die beste sittliche und technische Kraft, getragen und in ihrem Opfergeist erhoben durch Hoffnung und Bangen von hunderten von Millionen. Gilt es doch auch jetzt wieder die höchsten Ziele, Freiheit oder Sklaverei von ganzen Völkern, aber diesmal die Freiheit der mitteleuropäischen Völker unter Führung der Deutschen.

Das darf nicht vergessen werden. Nicht ein Krieg um die Freiheit der Niederlande, Belgiens, Luxemburgs, der Tschechoslowakei oder Polens wird dort ausgetragen, sondern ein Krieg um die Freiheit von dem tödenden Buchstaben und dem mörderischen Geist von Versailles. nach dem zwanzig Millionen Deutsche zu viel auf der Welt lebten. Die Deutschen sind jetzt in den Niederlanden angetreten, wo einst Philipp II. mit seiner seelenlosen Imperialismus zerschmettert wurden. Sie verteidigen ihren Anspruch auf ein menschenwürdiges Dasein, ihren Anspruch auf das nackte Leben für sich und ihre Kinder, auf das Recht ihrer Frauen, auch künftig noch Kindern, das Leben zu schenken, ein primitives Recht, das Versailles ihnen mit dem verwerlichsten Mitteln vorenthalten will. Sie treten dort mit aller Hingabe ein für ein besseres Europa. Und das ist nicht jenes Europa, für das die plutokratischen Machthaber der Westmächte ihr Geld einsetzen und das nach dem Wort eines ihrer Sprecher „vielleicht einmal in 500 Jahren“ entstehen kann. Es ist das Europa des inneren Friedens, der in Versailles verhöhten kulturellen Freiheit selbst der kleinen Völker, des revolutionären Europa der Jugend, das vom Rhein bis zur Weichsel und vom Belt bis Sizilien bereits im Werden begriffen ist und die Herzen aller wahrhaft Lebendigen höher schlagen lässt.

Die Soldaten der Westmächte wissen heute zum grossen Teil noch nicht, gegen wen sie angesetzt worden sind. Aber die herrschenden Männer in London und Paris und ihre Trabanten in kleineren Hauptstädten wissen es um so besser, und deshalb stellen sie nicht nur Mann gegen Mann, Maschine gegen Maschine ein, sondern vor allem auch alle Werkzeuge der Lüge, Verleumdung und Verleumdung. Gegen die siegende Kraft eines jungen Morgens finden sie kein besseres Mittel.

So sind die Machenschaften zu verstehen, mit denen sie die eigenen Völker zum Kampf ermutigen und die unbeteiligten beeinflussen oder gar in ihren Dienst zwingen wollen. Allein von diesem Punkte aus ist jede verleumderische und hetzerische Nachricht richtig zu werten, die zu uns über den Ozean dringt. Es ist ein Freiheitskampf, die grosse Schlacht im Frühling der gesegneten Niederlande, aber ein aufgezwungener Freiheitskampf des deutschen Volkes für sich und zugleich für ein junges und besseres Europa und gegen den händlerischen, kalt rechnenden

und tödenden Geist einer überholten Vergangenheit, die ihrem Schicksal verfallen ist und fühlt, dass ihr Ende herannaht.

Deutsche Fallschirmjäger

Zu den ersten Nachrichten der deutsch-feindlichen Propaganda nach Beginn des Feldzuges in Holland und Belgien gehören die Verkündungen der deutschen Fallschirmjäger. Bereits am 10. 5. berichtete United Press in mehreren Telegrammen, im Haag hätten die abgesprungenen Jäger englische Uniformen, die den holländischen gleichen, und nach einer amtlichen Mitteilung des holländischen Generalstabes vom 10. 5., 17.50 Uhr, auch „zum Teil holländische Uniformen“. Am 12. 5. veröffentlichte der französische Ministerpräsident Reynaud eine Mitteilung, in der behauptet wurde, deutsche Fallschirmjäger seien entgegen den internationalen Bestimmungen in holländischen und belgischen Uniformen sowie in Zivilkleidung niedergegangen; die französische Regierung werde sofort jeden Feind erschossen lassen, der sich auf französischem Boden befinde und in einer anderen Uniform als derjenigen seines Heeres kämpfe (T. O., 12. 5.). Und in seiner Oberhausrede vom 13. 5. erklärte der britische Außenminister Lord Halifax sogar, dass die deutschen Fallschirmjäger in Holland zum Gegensatz zu Recht und Brauch des Krieges nicht nur Uniformen der alliierten Truppen benutzten, sondern selbst Kleider von Geistlichen und Frauen (H., 13. 5.). — Der Zweck derartiger Behauptungen ist leicht zu durchschauen, konnte man doch schon während des Polenfeldzuges ähnliche Machenschaften beobachten. Die Bevölkerung im Kampfgebiet soll beunruhigt werden und die Fallschirmjäger als Freischärler, Spione oder ähnliches betrachten und behandeln. Tatsächlich sind in Polen sogar deutsche Flieger, die abstürzten und sich mit dem Fallschirm zu retten suchten, von Soldaten und von der Bevölkerung grausam misshandelt worden. Allen derartigen Zweckmeldungen gegenüber, die in neutralen Ländern zudem die deutsche Kriegsführung in Verruf bringen sollen, muss man sich an die amtliche deutsche Feststellung halten: die deutschen Fallschirmjäger tun wie alle übrigen Formationen der Wehrmacht Dienst in einer für sie geeigneten und besonders geschaffenen Uniform. Diese Uniform kann weder mit der Kleidung von Zivilpersonen noch mit anderen Uniformen verwechselt werden (T. O., 10. 5. und 12. 5.). Zu welchen Folgen aber eine derartige Verhütung führen kann, beweist eine derartige deutsche Verlautbarung vom 13. 5.: Jede Art von Misshandlung deutscher Fallschirmjäger, jedes Vorgehen, das den internationalen Gesetzen widerspricht, wird unverzüglich die ernstesten Gegenmassnahmen hervorrufen. Für jeden deutschen Jäger, die die französischen Behörden erschossen lassen, werden sofort zehn französische Gefangene erschossen. So ist Deutschland fest entschlossen, für sich gegen die Folgen einer unverantwortlichen Hetze zum Recht der Notwehr zu greifen.

Fliegerbomben gegen friedliche Bürger?

Schon im September hiess es so. Damals bombardierten und beschossen die „deutschen Barbaren“ aus der Luft die ach so friedlichen polnischen Bürger und Bauern. Alles ist inzwischen verraucht, und nur die geblühtete ehemalige polnische Regierung bleibt im trauten Verein mit anderen Emigranten bei der hundertfach widerlegten Anschuldigung. Dann hiess es so im April. Lazarette, Hospitalschiffe, flüchtende Frauen und Kinder in Norwegen wurden bejammert, bis aufrechte Norweger und selbst Engländer den Heuchlern die Maske abriessen. Und heute wiederholt sich dasselbe Spiel, wenn man Havas und United Press glauben will, seit dem 10. Mai in Holland und Belgien. Da werden offene Städte angegriffen, das Parlamentsgebäude im Haag, die Kapelle einer päpstlichen Nuntiat, die Kapelle der nordamerikanischen Botschaft in Brüssel, und immer wieder wehrlose Zivilpersonen. Von deutscher Seite erfolgen die Widerlegungen bis in Einzelheiten. Aber es bedarf solcher Widerlegungen garnicht mehr. Die Erfahrung der letzten Monate sind die beste Widerlegung, und Havas und United Press mögen drahten und funkeln, soviel sie wollen, ganz gleich ob aus amtlicher oder privater Quelle. Sie haben ihr Ansehen endgültig verscherzt und werden keine Gläubigen mehr finden. Man weiss ja, welche Gefühle sie anrufen. Vielleicht aber befassen sie sich einmal mit dem Falle Freiburg im Breisgau? In jener offenen Stadt fielen am 10. Mai 35 Zivilisten den alliierten Fliegerbomben zum Opfer, unter ihnen 13 Kinder im Alter von 5 bis 12 Jahren, die auf einem Spielplatz getötet wurden. Das wäre doch ein Gegenstand für längere Betrachtungen menschlicher und religiöser Gemüter, zumal es sich hier um einen Fall handelt, der bisher von niemand in Zweifel gezogen werden konnte!

Gefangene als Kugelfang!?

Eine der erstaunlichsten Greuelmeldungen des ereignisreichen 10. Mai findet sich in der amtlichen Mitteilung des holländischen Oberkommandos. Es heisst da nach Havas wörtlich: „Berichte von verschiedenen Punkten der Grenze geben an, dass die deutschen Truppen Kriegsgefangene und einfache Zivilisten zur Deckung ihres Vormarsches benutzten. Die deutschen Soldaten lassen die Gefangenen vor sich hergehen und benutzen sie so als Kugelfang.“ Auch wenn nicht sofort eine amtliche deutsche Berichtigung erfolgt wäre, würde man hier doch wissen, welchen Wert man einem solchen Bericht des holländischen Oberkommandos zumessen darf. Alle Behaup-

(Schluss von Seite 1)

kaum die Bedürfnisse der Kriegsrüstungen decken, es kann viel weniger Industriegüter exportieren.

Europa weiss das alles. Und noch viel mehr. Russland rechnet mit einer glatten Niederlage der Alliierten. Die militärischen Sachverständigen in aller Welt diskutieren die Be-

tungen, die derartig die Ehre des deutschen Soldaten in den Schmutz zogen, sind noch immer einwandfrei widerlegt worden, von der Geschichte mit den abgehackten Kinderhänden aus dem Jahre 1914 angefangen. Die Verbreiter von Greuelmärchen dieser Art sollten sich daran erinnern, dass nach dem Weltkrieg ganz Amerika vergeblich nach einem Kind mit abgehackten Händen und dessen Angehörigen gesucht hat. Seit jenen Tagen wird solches Märchen selbst durch den amtlichen Stempel nicht glaubhafter, aber die Schande fällt auf ihre Urheber zurück.

Darüber hinaus

Die Greueljüden stehen, wie nicht anders zu erwarten war, wieder einmal im Vordergrund der deutschfeindlichen Berichterstattung. Nebenher aber laufen, und ebenfalls in ein-toniger Wiederholung, die zahllosen Meldungen, die den Eindruck der militärischen Erfolge Deutschlands abschwächen sollen. Da heisst es, der deutsche Vormarsch sei an dieser oder jener Stelle zum Stehen gekommen, die Deutschen hätten unerhörte Verluste gehabt, sie seien zurückgewichen, in der Flanke bedroht, in eine Falle geraten, usw. Die „Freunde der Alliierten“, zu denen sich kürzlich eine grosse neutrale Zeitung offen bekannte, mögen sich damit trösten. Wer aber erkannt hat, um was es diesen Wochen wirklich geht, der kann nach den bisherigen Erfahrungen nicht anders, als sich in jedem Falle auf die unbestechlichen Angaben des deutschen Oberkommandos zu verlassen. Diese sachlichen und ruhigen Berichte, in denen nie ein ehrlich kämpfender Feind geschmäht und verleumdet worden ist, aus denen immer wieder Ritterlichkeit und vornehme soldatische Gesinnung sprechen, stehen hoch über allen Künsten der Lüge. Um diese Feststellung kommt selbst der Neutralste nicht herum.

(Conclusão da 1.a pag.)

animam os próprios povos á luta, ao mesmo tempo que se trata de exercer influencia sobre os neutros, procurando mesmo obrigá-los a servir os designios dos aliados. Deve-se avaliar, com exactidão, tão só partindo deste ponto, toda notícia calumniosa e intrigante que chegue até nós através do Atlantico. A grande batalha que se fere ao sol da primavera dos abençoado Países Baixos é uma luta em prol da liberdade. E', porém, uma luta libertadora que foi imposta ao povo teuto. Este se empenha nesta peleja não apenas em seu proprio interesse, mas também no de uma Europa rejuvenescida e melhor. A Alemanha luta contra o espirito mercantil, friamente calculista e embotador de um passado aboletado, cuja sorte está traçada e que já sente a aproximação do seu fim.

Os páraquedistas alemães

Entre as primeiras notícias da propaganda germanophoba, ao iniciar-se a campanha na Holanda e na Belgica, temos as calumnias em torno dos páraquedistas teutos. Logo no dia 10-5 a United Press noticiou, em varios telegrammas, que os páraquedistas que saltaram sobre Haya teriam trajado uniformes ingleses; em outros pontos teriam descido com uniformes parecidos com os dos holandeses, e, segundo um comunicado do Estado Maior neerlandez, de 10-5 (17.50 h.), os

setzung Englands durch deutsche Truppen bereits in ganz konkreter Weise. Niemals haben Menschen mehr Geographie gelernt als zur Stunde.

Was heisst hier „geheimnisvolle deutsche Waffe“? Das deutsche Volk hat die weit-schauendste Führung und den besten Soldaten dieser Erde. Wer ehrlich ist, muss das zugeben.

alemães teriam apresentado „em parte fardas holandesas“. Em 12-5, o presidente do Ministerio francez Reynaud fez publicar um boletim em que se affirmava, que páraquedistas alemães teriam descido, em contravenção ás disposições internacionaes, trajando uniformes holandeses e belgas, bem como a paisana, accrescentando, que o governo francez mandaria fuzilar immediatamente todo inimigo que fosse encontrado em solo francez e que combatesse em uniforme differente do pertencente ao seu exercito (T. O., 12-5). Em seu discurso perante a Camara dos Lordes, em 13-5 o ministro do Exterior britannico, Lord Halifax, chegou ao cumulo de affirmar, que os páraquedistas tudescos envergavam, na Hollanda, contrariando as leis e as praticas de guerra, não apenas uniformes das tropas aliadas mas mesmo vestes sacerdotaes e femininas (H., 13-5). Percebe-se facilmente a finalidade de taes affirmativas, pois já durante a campanha na Polonia pôde-se observar manobras deste naipe. Visa-se com isso inquietar a população da zona de combate, fazendo com que ella trate os páraquedistas como franco-atiradores, espiões ou cousa parecida. Effectivamente, na Polonia deu-se que aviadores alemães, que, tendo soffrido de sastrre com seu aparelho, procuravam salvar-se por meio de páraquedas, foram trucidados barbaramente por soldados e civis polonezes. Deante de noticias quaes as que vimos apon-tando, acintosamente forjadas, com que se visa, além do mais, diffamar nós paizes neutros os methodos de guerra alemães, devemos sempre ter em mente o que affirmam a respeito as autoridades competentes alemãs: os páraquedistas alemães prestam seu serviço, como todas as demais armas do Exercito Alemão, usando um uniforme proprio e adequado ao fim a que se propõe esta arma. Não é possivel confundir esse uniforme com trajes civis, nem tampouco com outros uniformes (T. O., 10-5 e 12-5). Temos agora o reverso da medalha. Essas calumnias dão azo a reacções naturaes, conforme prova a seguinte advertencia alemã de 13-5: Toda especie de maus tratos infligidos a páraquedistas alemães, todo acto que infrinja as leis internacionaes provocarão promptas e as mais severas represalias. Por páraquedista alemão que as autoridades francezas mandem fuzilar serão immediatamente baleados dez prisioneiros francezes. Assim, a Alemanha está firmemente decidida a valer-se do direito da legitima defesa contra as consequencias de uma instigação partida de irresponsaveis.

Bombas aéreas contra cidadãos pacíficos?

A cantilena já se conhece desde setembro. Fez-se constar, naquella occasião, que os „alemães barbaros“ lançariam bombas e disparariam suas armas, do ar, contra — ai! — pacificos burguezes e camponeses polacos. Entremetidos tudo isso se evaporou, e só o ex-governo polonez refugiado se mantem, em amena companhia com outros emigrados, obstinadamente aferrado a essa accusação já cem vezes contestada. Vejo então a edição norueguesa, em abril. Deplorou-se que fossem bombardeados hospitaes, navios-lazaretos, mulheres e crianças em fuga, até que noruegueses sinceros e mesmo ingleses arrancassem a mascara aos calumniadores. Hoje repete-se o mesmissimo jogo. A Havas e a United Press publicam, desde 10 de maio,

a edição neerlandeza e belga das barbaridades aéreas alemãs... Assaalham por ahi, que os alemães bombardariam cidades abertas e que teriam attingido o edificio do Parlamento em Haya, a capella da nunciatura apostolica, a capella da Embaixada norte-americana em Bruxellas, e, naturalmente, sempre e sempre, civis inermes. Os desmentidos alemães não tardam, porém, e se exgotam em minucias. Essas contestações são superfluas. A experiencia que o mundo adquiriu nestes ultimos mezes é a melhor contestação. A Havas e a United Press fazem funcionar o telegrapho e o radio em pura perda; suas patranhas não pegam mais, quer procedam de fonte official, quer de fonte privada. Perderam definitivamente seu prestigio e não mais encontrarão quem lhes dê credito. Todo o mundo sabe a que sentimentos ellas appellam. Por que não se occupam, por um momento, do incidente de Freiburg, no Breisgau? Naquella cidade aberta as bombas aliadas fizeram, no dia 10 de maio, 35 victimas entre os civis, das quaes 13 creanças nas edades de 5 a 12 annos, que foram mortas quando brincavam num parque infantil. Pois temos ahi um assumpto para longas considerações a que se queiram entregar espiritos humanitarios e religiosos, tanto mais quanto se trata de um caso que até aqui ninguém poz em duvida!

Prisioneiros servindo de pára-balas?

Uma das noticias de atrocidades mais espantosa que veio á lume no memoravel dia 10 de maio consta do communicado official do Alto Commando holandez. Reza o respectivo boletim, textualmente, segundo a Havas: „Informações chegadas de varios pontos da fronteira annunciam que as tropas germanicas estão empregando prisioneiros de guerra e simples civis para cobrir seu avanço. Os soldados alemães fazem-nos marchar deante delles, protegendo seus corpos com os dos prisioneiros.“ Mesmo que não tivesse vindo, immediatamente, uma rectificação official alemã, saber-se-ia, neste caso especial, qual o valor a emprestar a um tal communicado do Alto Commando holandez. Emfim, até hoje têm sido contestadas todas as affirmações com que se têm tentado tsnar a honra do soldado alemão, a começar pela historia absurda das mãosinhas de creanças decepadas, que se explorou tanto no anno de 1914. Os inventores e divulgadores de lendas desse jaez deviam estar lembrados, que depois da guerra mundial toda a America procurou em vão uma unica creança que fosse e que tivesse as mãos decepadas, não encontrando nem mesmo o parente de uma dessas victimas da imaginação fertil dos aliados. Desde aquelles dias, uma fabula dessas não se torna mais verosimil nem mesmo sob appoção do sello official; entretanto, a vergonha tomba sobre os respectivos autores.

Seja como fôr

As mentiras horripilantes dos noticiarios germanophobos encontram-se de novo no proscenio, como, aliás, era de esperar. Parallelamente correm, na mesma repetição monotona e enfadonha, as numerosas noticias que visam diminuir o effeito dos successos militares da Alemanha. Lê-se, por exemplo, que o avanço allemão teria sido detido neste ou naquelle ponto, que os teutos teriam soffrido enormes baixas, que teriam recuado, que estariam sendo ameaçados nos flancos, que teriam cahido numa emboscada e assim por deante. Que se consoltem com isso os „sympathizantes dos aliados“, segundo qualifcou a si proprio, abertamente, ha pouco, um grande jornal que se publica neste paiz neutro. Todavia, quem tiver percebido o que está de facto em jogo nas semanas que correm, nada mais fará, depois das experiencias que até aqui tem feito, senão voltar toda sua confiança, em cada caso, aos communicados insophismaveis do Alto Commando Alemão. Os boletins militares alemães, sobrios e objectivos, em que jamais foi achincalhado e calumniado um inimigo que peleje honestamente e dos quaes resaltam, a cada passo, cavalheirismo e nobres sentimentos soldatescos, encontram-se a cavalleiro de todos as artimanhas da mentira. Esforçam-se por não enxergar-o apenas os espiritos tacanhos e fossilizados dos inveterados e gratuitos adversarios da Alemanha.

Ein objektives brasilianisches Urteil über das deutsche Heer

Die brasilianische Militär-Zeitschrift „Brasil armado“ in Rio de Janeiro schreibt, nachdem sie ihrer Bewunderung für die von dem deutschen Heer erreichten Erfolge Ausdruck gegeben hat: „Nur ein Volk in einer ausgezeichneten Verfassung, mit einer sehr reichen Kultur und politischen Erziehung ist fähig, so riesenhafte Taten auszuführen. Das müssen auch die Gegner selbst zulassen. Während die Generalstäbe der Alliierten überlegen, handeln die deutschen.“

A sede do governo da Belgica transferido para Gante

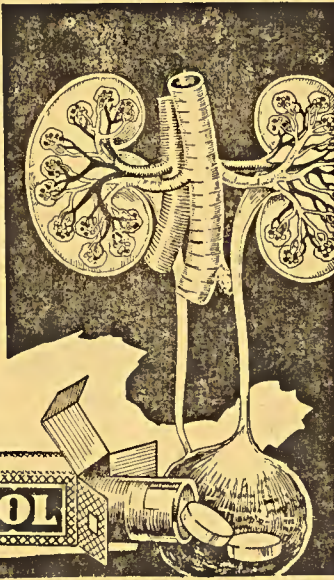
Genebra, 16. (TO) — Os circulos officiaes Genebrinos receberam informação de que o governo belga acaba de transferir sua sede de Bruxellas para a cidade de Gante. Achan-do-se interrompidas as communicações com Bruxellas foi impossivel obter confirmação desta noticia.



Das Sieb ist unbrauchbar geworden!

Es ist nicht mehr imstande die überflüssigen Bestandteile zurückzuhalten.

Auch Ihre Harnwege könnten nicht mehr richtig arbeiten und das Blut muß dann die Nierenfilter passieren, ohne genügend gereinigt zu sein. Machen Sie deshalb von Zeit zu Zeit eine innere Desinfektion mit HELMITOL-Tabletten. Ihr Arzt wird Ihnen die Richtigkeit dieses Rates bestätigen. Denken Sie daran, daß man Gesundheit und Kraft durch eine Desinfektion der Harnwege mit HELMITOL-Tabletten leicht wiedergewinnen kann.



Der Feind ist gestellt

Entscheidungskampf an der Westfront hat begonnen / Hans Freyche

Als am 10. Mai früh das deutsche Volk in Stadt und Land seine Tagesarbeit aufnahm, da hörte es durch Rundfunk und Presse, dass die feldgrauen Millionen, die acht Monate lang im Westen treue Wacht gehalten hatten, beim ersten Schein des Tages angetreten waren zur grossen Entscheidung. Der Aufruf des Führers an die Soldaten der Westfront begann mit folgenden Worten: „Die Stunde des entscheidendsten Kampfes für die deutsche Nation ist gekommen!“, und es gab keinen in Deutschland, der diesen Ruf nicht in seiner ganzen Bedeutung begriffen und mit dem stillen Gelöbnis beantwortet hätte, sich an seiner Stelle und an seinem Arbeitsplatz würdig zu erweisen wie der Soldat jetzt draussen im Kriege.

Wir erfuhren in den Memoranden der Reichsregierung an die belgische und holländische Regierung, in denen mit lückenloser Genauigkeit der Beweis erbracht wurde von dem Bestehen eines sorgsam vorbereiteten englisch-französischen Angriffs über belgisches und niederländisches Gebiet gegen das Ruhrgebiet, eines Angriffes, dem, wenn er einmal in Gang gekommen war, Belgien und Holland ebensowenig hätten Widerstand leisten können wie den 127 einwandfrei festgestellten Ueberfliegungen holländischen Gebiets durch feindliche Flugzeuge. Denn Belgien und Holland hatten trotz aller Neutralitätsversicherungen ihre gesamten Verteidigungsanlagen gegen uns, also Deutschland gegenüber, angelegt, während nach Westen, nach Frankreich, zu Anfang des Krieges lediglich einige Feldbefestigungen aufgeworfen worden waren, die man dann sogar auch bald wieder weggeräumt hatte. Es ergibt sich also aus den bisher beobachteten Tatsachen und auch dem vollständigen umfangreichen Beweismaterial, dass Belgien und Holland von den englischen und französischen Urheber des Krieges nur als bequemes Einfallstor nach Deutschland betrachtet wurde, wie auch die Tschechoslowakei, Polen und Skandinavien bereits vorher in Paris und London nur als Startplatz für einen Krieg betrachtet wurden, den man in deutsches Reichsgebiet hineinzugetragen gedachte. Verschärft wurde das Bild dieser militärischen Tatsachen durch gewisse politische Begleitumstände, die, wie in den Memoranden der Reichsregierung ebenfalls genau dargelegt, darauf schliessen liessen, dass es nicht nur an der Widerstandskraft, sondern auch am Widerstandswillen Belgiens und Hollands gegenüber dem bevorstehenden englisch-französischen Angriff fehlen würde. Die Folgerungen, die die Deutsche Reichsregierung den Regierungen in Brüssel und im Haag in ihren Memoranden übermittelte, wurden mit einer Fülle von kleinen und genauen Einzelmeldungen belegt, die in je einem Bericht des Oberkommandos der Wehrmacht und des Reichsministers des Innern als Doppel an die Reichsregierung niedergelegt waren. Die Deutschen, die diese Berichte lesen, haben daraus das beruhigende Gefühl, dass das deutsche Volk und Reich heute die weltweiten dunklen Machenschaften einer kriegshetzenden Plutokratie nicht mehr mit in den Schoss gefalteten Händen und dem Vertrauen auf eine sich doch vielleicht einmal irgendwo durchsetzende höhere Gerechtigkeit ansieht, sondern dass die Führung Deutschlands das Unheil, das aus den Londoner und Pariser Giftküchen zusammengebraut wird, nicht nur aufmerksam verfolgt, sondern auch rechtzeitig bekämpft. Darüber hinaus wissen wir alle, die wir durch die harte aber lehrreiche Schule des Versailler Diktats und durch die Schule des deutschen Wiederaufbaues aus eigener Kraft unter unsäglichen feindlichen Widerständen gegangen sind, dass der Missbrauch Belgiens und Hollands zur Kampfbasis gegen Deutschland nicht erst geplant, sondern eigentlich schon längst durchgeführt war. Wir haben es erlebt und mit Sorgen verfolgt, wie England und Frankreich seit Jahren den Ring um Deutschland zu schliessen versuchten. Es lief unter dem Motto eines angeblich rein defensiven Bündnisses, dessen wahre Absichten sich dann freilich allzu bald enthüllten. Erinnern Sie sich der Zeit, da ein französischer Luftfahrtminister, Pierre Cot, von der Tschechoslowakei als einem Flugzeugmutter Schiff sprach, das Frankreich im Herzen Deutschlands unterhielte? Erinnern Sie sich jener Jahre, in denen französische und englische Minister von Sowjetrussland als dem natürlichen Feind Deutschlands sprachen, auf dessen Hilfe für das Reich man nicht rechnen könne? Erinnern Sie sich auch noch der wüsten Schimpfereien zwischen den berühmten Pariser und Londoner Lohgerbern, als dann Deutschland und Russland zum Hohne beider Völker einen Strich durch ihre primitive Rechnung machten?

Vor unseren Augen taucht dann das Drama Polens auf, das als Ersatz für die Tschechoslowakei und Sowjetrussland gegen das Reich vorgeschickt werden sollte, ein Vorstoss, der in 18 Tagen mit der Vernichtung Polens endete. Sie wissen doch um diese Monate dieses Winters und Frühjahrs Bescheid, in denen die englische Spinne im europäischen Netz nach den gescheiterten kriegerischen Aktionen wirtschaftliche Fäden um Deutschland herumspann, um uns zu erdrosseln. Ein Land nach dem andern wurde bearbeitet, ein Land nach dem andern sollte sich verpflichten, jeden Austausch wirtschaftlicher Güter mit Deutschland einzustellen, wenn es nicht selbst in den Ring der Blockade gegen Deutschland eingeschlossen werden sollte. Sie wissen, dass Belgien und Holland sich diesen Bedingungen fügten. Und wo einige Länder sich nicht fügten, da wurden Schiffe mit Dynamitladungen die Flüsse heraufgeschickt und Attentate auf anderen Verkehrswegen organisiert, um Deutschland so oder so von jedem Verkehr langsam abzuschneiden. Als auch diese Versuche scheiterten, da glaubte England wenigstens im Machtbereich seiner Flotte an der skandinavischen Küste das Luftloch für Deutschland schliessen zu können. Es begann mit einer Minenlegung in norwegischen Hoheitsgewässern, der nun mit dem beginnenden Frühjahr der weitere Versuch folgen sollte, an dieser Stelle den Würgerling, den aktiven militärischen Stoss, gegen eine offene Flanke Deutschlands schliessen zu können. Am 9. April 1940 kamen deutsche Soldaten zu Lande, zur See und in der Luft nur um wenige Stunden die

sem englischen Stoss zuvor. Es folgte ein kurzes hartes Ringen auf norwegischem Boden, dann war dieser Vorstoss des englischen Angriffs endgültig abgewehrt.

Und nun erwuchs aus dem alten schon geschilderten Plan der Erdrosselung Deutschlands bei gelegentlicher Führung eines aktiven militärischen Stosses, verstärkt durch die Wut über den im Norden erlittenen Prestigeverlust, der ganz grosse und weitausgreifende Plan einer weiteren Umfassung. Englische und französische Politiker und Journalisten waren viel zu deprimiert über die Niederlage in Norwegen, als dass sie es über sich gewonnen hätten, diese Absichten zu verschweigen. Angefangen vom Ministerpräsidenten bis zum letzten agitatorischen Handlanger brüllte in den letzten 14 Tagen alles in England und Frankreich die Prophezeiung in die Welt, dass man Deutschland auf einem neuen Kriegsschauplatz packen wolle. Dutzende von verschiedenen Ländern und Meeren wurden genannt als Ausgangspunkt für diesen Vorstoss. Nur ein Land fehlte, nämlich Frankreich, wo die englisch-französische Hauptmacht versammelt war. Sollte man einen Krieg nur machen können, um ihn durch andere führen zu lassen und möglichst zu vermeiden, dass einem die Front auch räumlich allzu nahe rückt? Wir wissen heute, dass die Verantwortlichen des Krieges eben in diesen Tagen entschlossen waren, einen grossen Schritt näher an Deutschland heranzugehen, und zwar durch das Gebiet der neutralen Staaten, denen man es ausnahmslos bereits versichert hatte, dass sie nur dann als neutral anerkannt würden, wenn sie sich aktiv am Krieg gegen Deutschland beteiligen würden. Der Stichtag für diese Aktion ist der 10. Mai gewesen, aber, siehe da, wieder waren ihnen die Deutschen zuvorgekommen, wenigstens an den Stellen, wo der Krieg näher heran an Deutschland ihnen am ausichtsreichsten zu sein schien, weil er unmittelbar heranzuführte an eins der wirtschaftlichen Nervenzentren des Reiches, an das Ruhrgebiet, also bei Belgien, Holland und Luxemburg.

Nur an einer Stelle gelang der grosse Vorstoss unserer Gegner, nämlich in Island! Diese gänzlich unverteidigte Insel, am Rande des europäischen und am Anfang des amerikanischen Interessengebietes, eine Insel, die für die Operationen dieser Entscheidung gänzlich bedeutungslos ist, die hatte sich der alternde britische Löwe als einzige Beute, die er noch erreichen konnte, gesichert.

In Belgien und Holland aber, wo es um mehr ging als um eine ferne Insel, nämlich um das Sprunggebiet ins Ruhrgebiet, da stand die deutsche Wehrmacht, die so lange „Gewehr bei Fuss“ gewartet hatte, im entscheidenden Augenblick an der richtigen Stelle. Und die deutsche Luftwaffe pflügte mit Bomben die Flugplätze um, an denen englische und französische Maschinen gegen die Millionen des westdeutschen Industriegebietes starten sollten. 300 bis 400 feindliche Flugzeuge auf 72 verschiedenen Flugplätzen wurden nach Angabe des ersten Wehrmachtsberichts am Boden vernichtet, 23 feindliche Flugzeuge in Luftkämpfen abgeschossen, in denen 11 eigene Flugzeuge blieben.

Kaum hatte die deutsche Wehrmacht zu diesem Schlag ausgeholt, da begann — wie konnte es denn anders sein — die Greuelkampagne der anderen. Nachrichten, die wir im gleichen Wortlaut aus dem polnischen Feldzug her kennen, wurden erneut in die Welt gesetzt, z. B. die Behauptung, wir hätten ein Irrenhaus oder ein Lazarett bombardiert. Als ob unsere Flieger nicht wichtigere Ziele hätten als Irrenhäuser und Lazarette! Oder die Behauptung, wir hätten Bomben auf die Zivilbevölkerung abgeworfen und damit Frauen und Kinder getötet. Es ist eine Wiederholung sehr folgenschwerer Verleumdung, die übrigens indirekt von den englisch-französischen Nachrichtenbüros selbst als Verleumdung zugegeben wird, weil beide in Aufrufen an die Zivilbevölkerung ihrer Länder erklären, es wären bei Luftangriffen auf militärische Flugplätze auch Zivilisten zu Schaden gekommen, weil sie aus Neugier während des Angriffs auf die Strassen getreten waren und dann von feindlichen Bombensplittern oder eigenen Flakgranaten getroffen worden waren. Das deutsche Volk, das in einer kraftvollen aber friedlichen inneren Erneuerung zu sich selbst und zur Erkenntnis der Lebensgrundlagen eines Volkes überhaupt zurückgefunden hat, besitzt eine viel zu grosse Hochachtung vor der Frau als Trägerin der Zukunft eines Volkes und vor dem Kinde in seiner Schutzlosigkeit, als dass seine Luftwaffe Frauen und Kinder in Gefahr brächte. Dazu ist die deutsche militärische Macht viel zu gross, als dass sie es notwendig hätte, durch einen wahllosen Bombenabwurf auf die Zivilbevölkerung eines fremden Landes etwa Angst, Schrecken und Panik zu verbreiten. Um so grösser ist die Erbitterung dieses so selbstbewussten und starken Volkes über einen Fall, der sich in Freiburg ereignete, wo drei französische Flugzeuge, weit entfernt von allen militärischen Zielen, über einer offenen Stadt Bomben abwarfen und 35 Menschen töteten, darunter 13 Kinder auf ihrem Spielplatz. Das ist ein Verbrechen, dessen Wiederholung dem Verbrecher wohl allzu teuer zu stehen kommen würde, und es ist eine Frechheit, wenn eine französische Nachrichtenagentur diesen Bombenabwurf über Freiburg mit dem Dementi abtut, dass nach einer Londoner Meldung keine englischen Flugzeuge über Freiburg gewesen wären.

Wenn jetzt ganz allgemein von England und Frankreich, aber auch von anderen, die Klage erhoben wird, dass nun praktisch und tatsächlich doch Deutschland die Initiative ergriffen habe und dass auch Deutschland den ersten Schuss im Entscheidungskampf löste, da können wir demgegenüber noch feststellen: An dem Tage, an dem der damalige englische Ministerpräsident Chamberlain und der damalige englische Ministerpräsident Daladier an Deutschland den Krieg erklärten, sowie an dem Tage, an dem Herr Chamberlain die nach Beendigung des polnischen Feldzuges ausgestreckte Friedenshand des Führers überheblich zurücksties, weil er dieses Angebot als Schwäche anzusehen wagte, seit diesem Tage wussten wir Deutschen, dass es zu diesem Kampf der Waffen des Soldaten kommen würde. Wir wussten, dass England und Frankreich gerade diesen Kampf scheuten, und dass insbesondere die verantwortlichen Engländer mit allen Mitteln einer heuchlerischen Moral gegen diesen soldatischen Kampf agitierten. Sie haben diesen Krieg um des grossen Geschäftes willen begonnen; sie sind für eine Kriegführung mit unblutigen Waffen, mit Waffen, in deren Gebrauch sie Meister zu sein behaupten, den Waffen der wirtschaftlichen Würgetatzen. Die Opfer dieser Art von Kriegführung sind nicht

LACERDA ORTIZ

DO MEU CANTO

Fenómenos estratégicos interessantes — Outra diferença de relógios — O poder naval inglês no Mediterraneo

(Especial para o „D. M.”)

Um fenómeno interessante desenrola-se, presentemente, no theatro da guerra que se alastra pela Europa: desdémimento e contracção dos movimentos estratégicos, dentro de prazos curtissimos, simultaneos.

Ha cerca de vinte dias tinhamos ainda a nossa atenção voltada para as operações militares na Noruega, onde as frentes de guerra ganhavam uma extensão de cerca de 1.500 kilometros, em terra e mar.

A acção fulminante das armas germanicas, na península escandinava, vem provando de maneira eloquente que o espirito da grande guerra de 1914, de demorado martellamento de trincheiras, foi lançado a total desprezo. Os factores maximos da actual peleja estão condemnados em dois pontos fundamentais: tempo e rigorosa técnica estratégica da acção conjunta de terra e ar.

Foi o que vimos na Polonia. Foi o que vimos na Noruega, com perfeita uniformidade cronométrica.

Tudo isso somado é a comprovação de que na actualidade os lances navais desempenham função irrisoria, quasi desprezível.

E tanto isto é verdade que, se fosse pelo prestigio da marinha de guerra, a Inglaterra, de ha muito já teria annullado a acção allemã e quicá mesmo a teria asfixiado de todas as maneiras, mortalmente. E economicamente tambem.

Acontece isto? Não podemos collocar a nossa apreciação á margem da verdade clara dos factos. A actual guerra, tudo indica, será resolvida pelo paiz que dispuser de maior efficiencia qualitativa e quantitativa, na aviação, conjugada á disciplina militar.

Não tenhamos illusões. Os quadros que se desenharam e que ainda se desenharam á nossa vista, levam-nos áquelle raciocínio, em atracção lógica.

Voltando, porém, ao caso da Noruega, o mundo sentiu o effeito moral da acção fulminante germanica, desencadeada naquella região, e de maneira muito especial a sentiu, politica e militarmente, o eixo franco-britânico. Tal acontecimento chegou, ha dois dias, a produzir a reforma do gabinete inglês, que outra coisa não expressa senão uma verdadeira queda ministerial.

As proprias nações neutras experimentaram uma profunda e manifesta depressão moral, traduzida em desconfiança aos movimentos coordenadores de significado militar, da parte dos alliados. Eis um ponto de nevrálgica importancia, que colloca a Alemanha em uma situação moralmente superior.

Novo lance estratégico militar attinge agora a Hollanda e a Belgica. A razão dessa attitude germanica?

Os estudos jogados ao taboleiro de Hitler, auscultavam os movimentos pelo Mediterraneo, onde grossa massa naval britannica fora lançada, em caracter ameaçador, indicando que ia calajetar a bocca daquelle mar pelas duas pontas: Gibraltar e Suez, como que pretendendo tolher os movimentos da Italia, sujeitando-a á immobilidade, e tambem em sentido despistador á estrategia allemã.

O estado-maior allemão auscultava ainda outros movimentos que lhe indicavam preparativos politicos no sentido de uma occupação dos paizes baixos por parte dos alliados, preparativos aquelles, segundo affirma, visavam a invasão do sólo germanico.

Assim o caso da Hollanda e da Belgica tem os mesmos matizes do da Noruega. A documentação virá a seu tempo.

Ainda, como no caso da Noruega, havia diferença entre os relógios de Hitler e de Chamberlain.

Não foi um outro avanço de 600 minutos? Não trabalhou o relógio, de novo, a favor dos allemães?

A remessa da esquadra inglesa para o Mediterraneo, apenas colloca o povo italiano em estado de excitação nervosa e em delicada posição moral o governo do Duce.

Todavia isto não infunde ao fascismo a menor dose de receio e nem tão pouco elemento de recuo ao seu programma de poder offensivo e defensivo. Disto, a patria peninsular já deu no caso Etiopico as mais claras provas.

Não será através de Malta ao sul da Sicilia, nem por Gibraltar, e ainda menos pelo Suez, que a Inglaterra conseguiria escravizar a liberdade de movimentos da Italia, cujo poder naval, e notadamente na aviação é força tremenda.

Teria a politica britannica andado bem, fazendo-se presente no Mediterraneo por meio da sua esquadra?

Não nos illudamos: a acção final desta guerra terá por maximo theatro, de qualquer forma, o mar Norte e visinhanças da Mancha. Parece inutil qualquer tentativa no sentido de attrair as forças allemãs para os Balkans.

E se a guerra estalar com a Italia, não vá o poderio naval inglês ficar em estado de sandwich entre as duas boccas mediterraneas, ou como um coco rachado entre as forças dos paizes totalitarios?

Todo o mundo sabe, e não duvida, que o coco naval britannico é durissimo. Mas com martello quebra-se ...

aus denen in unmissverständlicher Weise hervorging, dass zwischen den Generalstäben Belgiens, Frankreichs und Englands gemeinsam alle notwendigen Massnahmen zu einer Aktion gegen Deutschland getroffen worden seien. Wenn trotzdem Belgien und Holland nach aussen hin die Politik der Unabhängigkeit und Neutralität proklamierten, so erscheint dies im Licht der Tatsachen betrachtet nur als ein Versuch, die wahren politischen Absichten Belgiens und Hollands zu vertuschen. In einer derartigen Situation konnte die Reichsregierung keinen Zweifel mehr hegen, dass Belgien und Holland entschlossen waren, nicht nur den bevorstehenden englisch-französischen Angriff zu dulden, sondern diesen in jeder Hinsicht und gemäss den Verabredungen zu unterstützen, die zwischen den Generalstäben dieser Länder und dem englischen und französischen Generalstab getroffen worden waren und nur diesem einen Gedanken dienten.

Der von belgischer und holländischer Seite vorgebrachte Vorwand, dass diese Entwicklung ihren Absichten nicht entspräche, sondern dass sie angesichts ihrer Machtlosigkeit von Frankreich und England zu dieser Haltung gezwungen worden wären, kann nicht als stichhaltig angesehen werden. Vor allem wird dadurch an der Situation für Deutschland nichts geändert. Die Reichsregierung ist nicht gewillt, in diesem, ihm von Frankreich und England aufgezwungenen Existenzkampf einen Angriff Englands und Frankreichs untätig abzuwarten und zuzulassen, dass der Krieg über belgisches und holländisches Gebiet auf deutschen Boden getragen wird. Aus diesem

Grunde erhielten die deutschen Truppen den Befehl, mit aller militärischen Kraft des Reiches die Neutralität dieser Länder zu garantieren.

Die Reichsregierung hat dieser Erklärung noch folgendes beizufügen:

Die deutschen Truppen kommen nicht als Feind des belgischen und holländischen Volkes, dem die Reichsregierung hat diese Entwicklung niemals gewünscht noch provoziert. Die Verantwortung hierfür fällt auf England und Frankreich, die den Angriff gegen deutsches Gebiet bis in alle Einzelheiten hindurch vorbereitet haben, wobei sie von dem belgischen und holländischen Regierungsstellen Zustimmung erhielten und begünstigt wurden. Die Reichsregierung erklärt ferner, dass Deutschland nicht die Absicht hat, weder jetzt noch in Zukunft die Souveränität des Königreiches Belgien und des Königreiches Holland noch die europäischen und aussereuropäischen Besitzungen dieser Länder anzutasten. Jedoch können die Regierungen der beiden Länder, wenn sie wollen, noch im letzten Augenblick das Wohlergehen ihrer Völker sichern, indem sie diese veranlassen, den deutschen Truppen keinerlei Widerstand zu leisten. Reichsregierung ermahnt beide Regierungen, sofort die notwendigen Befehle hierfür zu erlassen. Wenn die deutschen Truppen in Belgien und Holland auf Widerstand stossen sollten, dann wird dieser mit allen Mitteln gebrochen werden müssen. Für die Folgen und etwaiges Blutvergiessen sind dann die Regierungen der Königreiche Belgien und Holland allein verantwortlich.

Ergänzender Bericht des Oberkommandos der Wehrmacht

Berlin, 10. (T.-O.) — Der Bericht des Oberkommandos der Wehrmacht vom 4. Mai an die Reichsregierung hat folgenden Wortlaut: „a) Belgien: Im Oktober 1936 erklärte der belgische König, dass Belgien in Zukunft jede Unterstützung einer Grossmacht meiden würde und die Absicht habe, eine Politik der Unabhängigkeit von jeder Mächtegruppe zu verfolgen. Als Folge dieser Neutralitätspolitik hätte man erwarten können, dass damals die für die Verteidigung des Landes notwendigen Massnahmen nicht nur an der Front nach Deutschland, sondern auch nach Frankreich und England ergriffen werden würden. Demgegenüber muss festgestellt werden:

1. Die Verteidigung des belgischen Landes ist seit dem Weltkriege einseitig gegen Deutschland gerichtet. Lüttich wurde zu einer der mächtigsten Festungen Westeuropas ausgebaut und die Bauten von Namur nur auf dem östlichen Teil verengert. An der deutschen, luxemburgischen und holländischen Grenze wurde ein starkes und tiefgreifendes dichtes Netz von Grenzbefestigungen geschaffen. Seine Grenze zu Frankreich blieb indessen von jeder Art von Befestigung frei. Dass dieses Befestigungssystem mit der eingeleiteten Neutralität nicht im Einklang stand, musste selbst der belgische Generalstabschef van der Berge im Sommer 1937 zugeben. Er erklärte damals, das ganze belgische Verteidigungssystem befände sich an der Ostfront. Nach einer gewissen Zeit indessen würde Deutschland Gelegenheit haben zu sehen, dass belgischerseits die neue Lage in Rechnung gestellt und das Land nach allen Seiten hin befestigt würde. Diese belgischen Erklärungen sind in den zweieinhalb Jahren, die seither verflossen sind, nicht erfüllt worden. Bereits am 2. März 1938 erklärte der belgische Verteidigungsminister, Generalleutnant Denis, in der Kammer Sitzung, dass Belgien freie Hand habe, sein Land zu befestigen, indessen unter der Bedingung, „Ratschläge Fremder zu befolgen, d. h., die Notwendigkeit in Rechnung zu stellen, mit anderen Staaten zusammen arbeiten zu müssen“. Nach dem Stand der Dinge bezog sich diese gemeinsame Arbeit auf eine Zusammenarbeit mit Frankreich und England. Während 1939 für die Befestigung der Südgrenze Belgiens 90 Millionen Francs ausgeworfen waren, mussten für die Befestigung der Ostgrenze — die an sich schon sehr stark befestigt war — 270 Millionen Francs ausgegeben werden. Damit wurde das Missverhältnis zwischen beiden Grenzen noch erhöht.

Bei deutschen Aufklärungsflügen über die französischen Befestigungen an der Grenze zu Belgien konnte einwandfrei festgestellt werden, dass die belgische Grenze nach Frankreich absolut frei von jeglicher Befestigung geblieben war. Aus anderen vertrauenswürdigen Nachrichten erfuhr man, dass nur südlich von Brüssel etwa über die Linie Minove—Hal—Waterloo sehr wenige Befestigungen erbaut wurden. Diese schwache Position konnte indessen kaum als eine Befestigung bewertet werden. Diese Linie stellt vielmehr eine Erweiterung des „Reduit National“ dar, d. h., des Rückzugtraumes des belgischen Heeres für den Kriegsfall mit Deutschland; in diesen Rückzugsraum ist die belgische Hauptstadt nicht einbezogen. Der Südschnitt des Landes beiderseits der Sambre und der Maas ist für einen französischen Vormarsch gegen die deutsch-belgische Grenze offen. Diese Tatsache führte am 8. Februar ds. Jrs. in der belgischen Kammer zu einer heftigen Diskussion zwischen dem belgischen Verteidigungsminister und dem Abgeordneten Crammens. Angesichts der geringen Tätigkeit an der französischen Grenze ist es umso bezeichnender, dass nicht nur nach dem Sommer 1937, sondern auch noch in der letzten Zeit ständig und fieberhaft an den gegen einen vermeintlichen deutschen Angriff gerichteten Befestigungen gearbeitet wurde.

2. Der französische General Dosse, der damalige Inspekteur für die Ausbildung der französischen Reserveoffiziere, besuchte im Januar 1931 die „Ecole de Perfectionnement des Officiers de l'Armée française“. Man erfuhr nicht in welchem Masse belgische Offi-

ziere hieran beteiligt waren, doch haben jedenfalls belgische Generäle, unter ihnen der belgische Verteidigungsminister, teilgenommen, der als offizieller Vertreter des Heeres seines Landes an einem nach dem Besuch Dosses in der Schule gegebenen Bankett teilgenommen hat. Es wurden die üblichen Reden gehalten. Eine derartige französische Tätigkeit auf belgischem Gebiet unter Zustimmung und Teilnahme der offiziellen belgischen Stellen konnte mit der vom König proklamierten Unabhängigkeitspolitik nicht im Einklang gebracht werden.

3. Belgien hat nichts weiter getan, das Terrain für eine wahre neutrale Haltung der Bevölkerung, besonders dem deutschen Heere gegenüber vorzubereiten. Inzwischen wurden enge Beziehungen zwischen dem belgischen, französischen und englischen Heere aufrecht erhalten. Während französische Ehrenkompagnien noch im Jahre 1939 zu Besuch bei belgischen Heeresteilen weilten, öffentliche Kundgebungen der Verbrüderung gefeiert wurden, liess man die Verhetzung gegen die deutsche Wehrmacht zu und förderte sie sogar. Bezeichnend hierfür ist, dass noch 1937 in der Zitadelle von Namur, also in einem Militärgelände, Zeichnungen von angeblichen Greueltaten vorhanden waren, die im Weltkriege begangen worden sein sollten und die zur systematischen Verhetzung gegen das Deutsche Reich benutzt wurden.

4. Die in Warschau vorgefundenen Akten des polnischen Generalstabes bringen einen untrüglichen Beweis für die belgisch-polnische Zusammenarbeit bezüglich des Nachrichtenaustausches über Deutschland. So lässt sich aus einem vom polnischen Militärattaché in Paris, dem Obersten im Generalstabe Fyda, an den Chef der zweiten Abteilung des polnischen Generalstabes folgendes entnehmen: Am 1. Mai 1937 wurde zwischen dem belgischen Generalstab und dem Obersten Fyda folgendes Einvernehmen getroffen:

a) Der belgische Generalstab willigt in Uebereinstimmung mit dem belgischen Kriegsministerium darin ein, mit der zweiten Abteilung des polnischen Generalstabes bezüglich des Nachrichtenaustausches über die deutsche Wehrmacht gemeinsam zu arbeiten.

b) strenge Verschwiegenheit ist zur Pflicht zu machen;

c) Die Durchführung des Austausches von Nachrichten mittels des polnischen Militärattachés in Brüssel.

Oberst Fyda berichtete ferner, es sei anzunehmen, dass der belgische Ausserminister einer polnisch-belgischen Zusammenarbeit günstig gesinnt sei. Der belgische Generalstabschef bot unverzüglich einen Austausch der belgischen Arbeiten vom März 1937 über die Beurteilung des deutschen Landheeres, das Urteil über die deutsche Luftwaffe und das Urteil über die deutsche Kriegsmarine an. Oberst Fyda wies dies unter dem Vorwand zurück, Befehl abwarten zu müssen, den er telegraphisch beim Chef der zweiten Abteilung mit Sitz in Warschau angefordert habe. Die Antwort lautete: „Einverstanden. Polnisches Material geht Mitte Juni ab.“ So ist die belgisch-polnische Zusammenarbeit klar erwiesen, die zu Beginn des Polenfeldzuges fortgesetzt wurde.

5. Die Kräfteverteilung und Vorbereitung des belgischen Heeres richtete sich einseitig gegen Deutschland. Bereits in Friedenszeiten war die belgische Ostgrenze viel stärker von Truppen besetzt als die Süd- und Westgrenze. Hinzu kommt noch, dass an der Grenze zu Deutschland von Belgien Grenztruppen unterhalten wurden, die in ständiger Alarmbereitschaft lagen. Zu Beginn des Krieges deckte das Heer mit der Mehrzahl seiner Divisionen die Südgrenze des Landes. Ende September befanden sich an der Grenze nach Süden und Westen vier Infanteriedivisionen, zwei Kavalleriedivisionen, an der Ostgrenze 2 Kavalleriedivisionen, ferner eine Division in Reserve und zwei auf dem nahen Truppenübungsplatz Beverloo zusammengestellte Divisionen. Seit Oktober 1939 wurde eine völlige Umordnung der Verteilung des belgischen Heeres vorgenommen und der grösste Teil desselben nach

der Nordostgrenze geworfen. Ueberraschenderweise wurde am 2. Oktober die Aufstellung der bis dahin nicht mobilgemachten Infanteriedivisionen in der zweiten Linie angeordnet. Am gleichen Tage begannen die Schwierigkeiten für die Deutschen, die nach Belgien kamen. Seit der zweiten Oktoberhälfte befanden sich von 21 mobilisierten Divisionen 14 an der Nordostgrenze zwischen Antwerpen und südlich von Lüttich drei Divisionen Reserve, im Raum um Brüssel etwa vier Divisionen, der grösste Teil der dritten Linie an der Südwestgrenze und dem Küstenabschnitt. In der Nacht vom 7. zum 8. November wurde für das ganze belgische Heer Urlaubssperre verfügt und die Behörden requirierten im ganzen Lande zahlreiche Omnibusse und Lastkraftwagen. Es wurde bestätigt, dass am 8. November die Bewegung für den Truppentransport einsetzte, durch den starke Streitkräfte aus dem Gebiet um Brüssel, aus dem Küstenabschnitt und von der Südostgrenze des Landes zurückgenommen wurden. Diese Zurücknahme von Streitkräften entblösste die belgische Grenze nach Frankreich und den Kanal fast vollständig. Die späterhin vorgenommenen Truppenverschiebungen beweisen deutlich, dass zwei Drittel der belgischen Streitkräfte sich an der Ostgrenze und hinter dem Albert-Kanal befanden. Der Rest des Heeres befand sich teils in Reserve, teils an der Küste.

Sehr schwach gesichert und fast gänzlich ohne Artillerie blieben auch die französische Grenze bzw. der Küstenabschnitt. Stärker ins Gewicht fällt, dass die einseitige Anordnung der belgischen Streitkräfte auch dann noch erhalten wurde, als sich deutlich ergab, dass beträchtliche englisch-französische motorisierte Truppen vom Albert-Kanal nach dem Landesste zusammengezogen wurden. Vom 10. April ds. Jrs. an begann auch die Verschiebung der Truppen vom Albert-Kanal nach dem Landesinneren, wobei es sich indessen nicht darum handelte, die belgische Südgrenze zu verstärken, sondern nur um gewisse Reserven hinter der Front zusammenzuziehen. Ein Teil dieser Streitkräfte wurde neuerdings bald danach nach der Nordwestgrenze geschickt. Es muss festgestellt werden, dass die Anordnung der belgischen Streitkräfte mit der Spitze gegen Deutschland keine Veränderung erfahren hat. Die belgischen Truppen, die an der Südwestgrenze Belgiens konzentriert sind, können einem dort vorrückenden Gegner keinen merklichen Widerstand entgegenstellen. Ein solcher Widerstand soll auch gar nicht gemacht werden, da es auf unwiderlegliche Weise bewiesen ist, dass am 14. Januar morgens allen belgischen Truppen an der Südwestgrenze und in der Gegend der Ardennen verboten wurde, auf englische und französische Truppen zu schießen, die von dort her einrückten.

6. Die von Militäringenieuren getroffenen Vorbereitungen zur Sicherung der Grenze sind einseitig gegen Deutschland gerichtet. Schon bei Ausbruch des Krieges gab es an der deutschen Grenze ein dichtes Netz von Barrikaden, die fertig waren und bewacht wurden, während an der französischen Grenze nur einige wenige, sehr mässige Hindernisse bestanden. Während nun die Hindernisse an der Ost- und Nordgrenze Belgiens fieberhaft ausgebaut wurden, sind seit Oktober 1939, und insbesondere seit Anfang 1940, wie einwandfrei festgestellt werden konnte, diejenigen an der französischen Grenze beseitigt worden, wie es auch mit den in den Befestigungswerken angebrachten Explosivstoffen geschah.

Allein in den an Deutschland angrenzenden Bezirken wurden Vorbereitungen zur Räumung militärischer Anlagen und von militärisch bedeutenden Fabriken getroffen, ebenfalls zur Evakuierung der Zivilbevölkerung. Charakteristisch ist, dass die Evakuierung in Richtung der französischen Grenze und der Küste vor sich gehen sollte.

8. Von Oktober 1939 an äussern sich immer mehr Anzeichen dafür, dass Belgien durch seine einseitige Haltung nicht nur England und Frankreich begünstigt, sondern dass es mit beiden Staaten auch militärische Vereinbarungen getroffen hat. In einer Erklärung des Aussenausschusses im Senat vom 22. Juni 1939 behält sich Belgien das Recht vor, dass sein Generalstab mit fremden Ländern Aussprachen pflegt. Der belgische Verteidigungsminister erklärte in der Kammerdebatte vom 7. Februar 1940 bezüglich der von gewissen Mächten gegebenen militärischen Garantien: „Die Garantie muss sehr schnell in Funktion treten; diese Verpflichtungen müssen in Rechnung gestellt werden, sie können nur dann gesichert erscheinen, wenn kein Faktor ausser acht gelassen wird und die Möglichkeit besteht, dass die Garantiemächte ihre freiwillig übernommenen Verpflichtungen auch erfüllen können.“ Aus diesen Erklärungen geht deutlich hervor, dass Aussprachen zwischen dem belgischen und den Generalstäben der Westmächte stattgefunden haben, denn Deutschland ist zu solchen niemals eingeladen worden. Es muss festgestellt werden, dass solche Aussprachen, die die Grundlagen für eine sofortige Verwirklichung von englischen und französischen Garantieverpflichtungen mit höchster Zustimmung geführt worden sind. In einem Befehl des Verteidigungsministers aus dem Jahre 1937 wurden schriftlich eingehende Instruktionen festgelegt zur Verteilung der Landstrassen während eines englisch-französischen Vormarsches. Folgende Feststellungen beweisen zugleich, dass belgischerseits die Vorbereitungen für den Einzug französisch-englischer Truppen getroffen wurden, wodurch auch das Vorhandensein der Gespräche zwischen den belgischen, französischen und englischen Generalstäben bestätigt wird, die sich ausschliesslich gegen Deutschland richten.

A. Die Ausschaltung der an sich recht unbedeutenden Massnahmen zur Schliessung der französischen Grenzen (Vgl. Ziffer 6);

B. Die Grenzgendarmarie an der Grenze zu Frankreich erhielt am 6. November 1939 Instruktionen, für den Fall des Einmarsches französischer Truppen den Weg freizumachen und die Landstrassen von allen zivilen Fahr-

zeugen frei zu machen. Während im Grenzgebiet nach Deutschland alle Wegweiser, Schilder mit dem Ortsnamen entfernt wurden, sind diese im Grenzgebiet nach Frankreich an ihrem Platze belassen worden oder wieder angebracht worden. Das gleiche beobachtete man am 13. und 14. Januar 1940. In den darauf folgenden Wochen sind ähnliche Massnahmen beobachtet worden.

C. Zur Erleichterung des Transports französisch-englischer Truppen ist das erforderliche Eisenbahnmateriale mit zahlreichen Lokomotiven längs der französischen Grenze bereitgestellt worden. Eine sehr beträchtliche Anzahl von Lokomotiven und leeren Zügen konnten auf der Linie Menin—Courtrai—Vaux—Les Tournai—Blaton in Quivrain und in Charleroi Maubeuge am 10. November, dann am 25. November und am 2. Dezember 1939 festgestellt werden. Ähnliche Fälle wurden am 23. und 24. Januar 1940 sowie gleich zu Anfang April an der Grenze zwischen Mons-Maubeuge und Robaix Carlet erkannt. Zu dem gleichen Zweck wurden auf der Strasse nach Frankreich Automobilkolonnen bereitgestellt, darunter in Quivrain am 10. November 1939.

D. In der Nacht vom 13. zum 14. Oktober wurde von der belgischen Eisenbahnenzentrale in Brüssel ein Telegramm abgeschickt, in dem leeres belgisches Eisenbahnmateriale den Franzosen und Engländern zur Verfügung gestellt wurde. Dieses Telegramm hatte folgenden Wortlaut: „Es besteht bereits nicht mehr das geringste Hindernis, dass das belgische Eisenbahnmateriale von den französisch-englischen Truppen benutzt werden kann.“

E. Einer Information zufolge befand sich am 15. Januar eine französische motorisierte Kolonne auf dem französischen Teil der Landstrasse von Steenvoorde nach Poperinghe, die bereit war, in Belgien einzurücken, wo diese Strasse mit der Grenze zwischen Frankreich und Belgien zusammentrifft. Der die Kolonne befehligende Offizier drang etwa 200 Meter weit auf belgisches Gebiet ein, um sich bei den dort anwesenden belgischen Offizieren zu erkundigen, ob hier schon Belgien sei. Als dann aber ein entsprechender Befehl ausblieb, kehrte der französische Offizier mit seiner Kolonne zurück. Der in Frage kommende Offizier wurde interniert. Am 15. Januar 1940 kreuzte eine französische motorisierte Kolonne die belgische Grenze und drang mehrere Kilometer weit in Richtung Poperinghe vor. Der belgische Ortskommandant gestattete der französischen Abteilung ohne weiteres, wieder nach französischem Gebiet zurückzukehren.

F. Die Gemeindevorsteher im Ardennen-Bezirk erhielten am 10. Dezember 1939 Instruktionen, für französische Truppen Quartier zu machen. Im Zusammenhang mit dieser Nachricht aus Frankreich arbeiteten die belgischen Verbindungstruppen im Dezember 1939 am Bau eines Verbindungspostens, für den ein französisches Kommando bestimmt war.

G. Im November und Dezember 1939 hielten sich französische Militärabteilungen bereit, in der Zone von Lüttich und dem Ardennen Wald mit voller Kenntnis der belgischen Offiziere einzumarschieren. Es waren hierzu Touristenfahrten zum Vorwand genommen.

H. Die unter Einsatz zahlreicher Truppen und Arbeiter in Lüttich und am Albert-Kanal erbauten befestigten Stellen, die anscheinend von Anfang an für die Intervention englisch-französischer Streitkräfte berechnet waren, wenn man deren Ausmass berücksichtigt, übersteigen das Potential des belgischen Heeres. Es wurde festgestellt, dass im Dezember 1939 in der Zone von Dinant und nordöst-



Der Sonnenschein
des Hauses

ist ihr Kind, wenn es sich
guter Gesundheit erfreut.
Aber was ist, wenn eine
Diarrhoe Ihr Kind quält.
Dann müssen Sie sofort zu
den bewährten Eldoformio-
Tabletten, dem Erzeugnis
der Firma »Bayer« greifen.

Vergessen Sie
niemals: Gegen
Diarrhoe stets



Eldoformio
Tabletten
die sowohl Kindern
wie Erwachsenen helfen.

lich von Mons Befestigungsarbeiten unter Anleitung französischer Ingenieure durchgeführt wurden. Die Franzosen kamen zu diesen Arbeiten täglich über die Grenze im Auto und wurden in Dinant von einem belgischen Militärwagen aufgenommen, der sie zum Arbeitsplatz brachte. Die Arbeiten im Abschnitt Eryelot in Flandern zum Bau eines Kanals und der Stellungen für die Flaks und zum Einbau weittragender Geschütze wurden von englischen Ingenieuren geleitet. Am 20. April wurde Antwerpen mitgeteilt, dass der Dampfer „City of Simla“ von etwa 11.000 t in London mit Munition, Waffen und grossen Tanks für die englischen Truppen angekommen sei und dass diese Ladung gelöscht wurde. Aus diesen Feststellungen zeigt sich eindeutig, dass zwischen Belgien und den Westmächten nicht nur Verabredungen der Generalstäbe bestanden, sondern dass Belgien seit Mitte Oktober die offene Unterstützung der Westmächte vorbereitete. Den Belgiern fiel es zu, den zu erwartenden deutschen Gegenangriff auf die englisch-französische Offensive auf das Ruhrbecken in der Nähe der Grenze aufzufangen bis die alliierten Truppen angelangt wären.

9. Bezüglich der Intervention der Militärstreitkräfte der Westmächte in Belgien wird seit einiger Zeit völlige Übereinstimmung der belgischen Bevölkerung mit den Westmächten hergestellt; diese Tendenz wird ständig mit behördlicher Genehmigung gefördert.

A. Am 26. Februar 1940 veröffentlichten die „Times“ einen Artikel auf höhere Anweisung, in dem offen gesagt wurde, dass die Verteidigung Belgiens viel wirksamer und gesicherter sein würde, wenn sich englisch-französische Streitkräfte an der Seite belgischer Einheiten im Kanal befinden würden.

B. In einer Nachricht vom 15. Februar 1940 wird deutlich, dass gerade in der letzten Zeit eine Reihe von kleinen belgischen Zeitungen meinte, es wäre vom strategischen Gesichtspunkt unter gewissen Umständen besser, wenn sich Franzosen und Engländer schon vor der Front an der Maas treffen würden.

C. Der belgische Abgeordnete Pierrard sprach in Paris über die „unlöbliche Einheit“ zwischen Belgien und Frankreich. Auch in diesem Falle erfolgte keine amtliche Widerlegung seitens der belgischen Regierung.

D. In der belgischen Zeitung „Metropole“ schrieb Augur nach Meldung vom 23. Februar 1940, dass „England eine parteiliche Neutralität Norwegens und anderer Staaten“ nicht zulassen wolle. Es wäre nur eine Frage der Zeit, bis diese Neutralität null und nichtig wäre. Ebensovienig hat es in diesem Falle eine belgische Behörde für notwendig gehalten einzugreifen.

E. Das französische Blatt „Journal“ schrieb folgende Meldung unter dem 9. Januar 1940 in einem aus Brüssel datierten Bericht, alle diejenigen Elemente in Frankreich täuschten sich, die da glaubten, Belgien sei nicht auf seiner Seite.

10. Alle diese, über die Bewegung englisch-französischer Truppen zusammengetragenen Informationen und die Ergebnisse der Luftaufklärung, liessen deutlich durchblicken, dass der linke Flügel für die Offensive durch belgisches Gebiet bereitgestellt war. An der belgischen Grenze sind fast sämtliche motorisierten und mechanisierten Infanteriedivisionen sowie Panzerdivisionen und Kavallerie zusammengezogen. Auf den Bahnhöfen dieser Zone und in der Etappe steht eine grosse Menge von Eisenbahnmaterial bereit. Unter den französischen Divisionen befinden sich vor allem grosse Teile nordafrikanischer Divisionen, die als die eigentlichen Stossdivisionen bezeichnet werden. Obgleich all diese englisch-französischen Truppenbewegungen für Belgien eine Gefahr bedeuteten, wurde die Verteilung der belgischen Streitkräfte weiterhin einseitig gegen Deutschland fortgesetzt. Am 13. Januar fanden weitere neue Truppenbewegungen in östlicher Richtung statt. Zwei früher im Sektor von Brüssel stationierte Divisionen wurden an die Ost- bzw. Nordostfront verlegt, um die Verteidigung des Albert-Kanals zu verstärken, eine andere, früher im Küstenabschnitt stehende Division, wurde ebenfalls nach Osten abtransportiert. Ausserdem wurden vom 12. Januar ab alle Ueberwachungsmassnahmen und solche zur Verteidigung der Grenze an der belgisch-deutschen Seite verstärkt, sodass eine fast völlige Schliessung der Grenze eintrat. Der Sender Bound Brook teilte am 16. Januar um 16 Uhr mit, dass englische Truppen an der Westfront bereitstünden zum Einmarsch. In den folgenden Wochen wurde die Truppenbewegung gegen Deutschland nicht aufgehoben, noch auch die völlige Öffnung der belgischen Südgrenze vorgenommen sondern im Gegenteil im gleichen Sinne noch verstärkt.

11. Auch auf dem Gebiet der Luftwaffe wurde die militärische Zusammenarbeit zwischen Belgien und den Westmächten festgestellt. In ihrer ständig gegen Deutschland gerichteten parteilichen Handhabung vervollständigt sie das Bild der belgischen Zusammenarbeit mit den Westmächten. Umfangreiches Material ist ins Land gekommen, die aktive Konstruktion von Flugzeugen und eine noch stärkere Förderung des Baues von Flugplätzen und Stützpunkten für England auf belgischem Gebiet ist erwiesen. Diese Flugplätze sind ausschliesslich zur Verwendung gegen Deutschland bestimmt. Mit diesen und nachfolgenden Massnahmen werden die zwischen dem belgischen Generalstab und den Westmächten bestehenden Vereinbarungen voll und ganz bestätigt. Der Reichsregierung sind die Verletzungen belgischer Neutralität durch Flugzeuge der Westmächte zur Kenntnis gekommen, die Belgien hingenommen hat ohne wirksame Massnahmen zur Verhinderung derselben zu ergreifen, auch das ist ein neuer Beweis für seine Parteinahme.

12. Auf dem Gebiet des Seekrieges unterstützte Belgien die Westmächte, ohne bisher einen Befehl zur strikten Achtung zu erteilen

oder wenn es sich um Handelsschiffe der Westmächte handelte, die bewaffnet waren. Es bestand ein Befehl, dass die Schiffe den Hafen von Antwerpen anlaufen, wenn sie eine Ladung Munition oder Explosivstoffe von mehr als 300 Kilo an Bord hatten.

13. Es konnte unwiderleglich bewiesen werden, dass Belgien bei der Vorbereitung seiner Beteiligung am Kriege gegen Deutschland auch vorgesehen hatte, Holland weitgehend zu begünstigen. Die holländischen Polizeitruppen des Bezirks Maastricht hatten schon am 11. November 1939 Befehl erhalten sobald ihre taktische Aufgabe auf belgischem Gebiet erledigt wäre, unter Benutzung belgischer Eisenbahnen nach Südholland zurückzugehen.

14. Ganz besonders ernst lauteten die Nachrichten der letzten Zeit und bewiesen ohne den geringsten Zweifel, dass England sich nicht nur darauf vorbereitete, in Belgien einzudringen, sondern dass schon Engländer dort waren, und dass sie, wenn auch logischerweise getarnt, die wichtigen Plätze, wie etwa Flugplätze, besetzt hatten. Bereits im April gab es versteckt englisches Militär in Belgien. Einer vertrauenswürdigen Information zufolge „hat England bereits alles vorbereitet und seine Massnahmen getroffen. Man kann sagen, die Engländer sind tatsächlich schon in Belgien und England wird im gegebenen Augenblick die Maske abnehmen“. Eine Vertrauensperson liess am 1. Mai folgendes aus Antwerpen verlauten: „In zwei Hotels in Antwerpen haben sich gestern Gruppen von Engländern einlogiert, aus deren Benehmen man deutlich erkennen kann dass es britische Offiziere sein müssen. Dies wurde dadurch bestätigt, dass sich bald danach zwei Gruppen belgischer Offiziere im Hotel einfinden, die mit den Engländern lange Gespräche führten. Einer am 1. Mai aus Belgien eingetroffenen Nachricht zufolge konnte man in Namur Franzosen sehen, die offensichtlich irgend etwas mit den Kommandostellen des belgischen Heeres zu tun hatten. Dies bestätigt sich u. a. aus den Erklärungen eines belgischen Soldaten, der gehört hatte, dass es sich um Teile eines Regimentes einer französischen Division handelte, die an der Grenze Frankreichs auf Befehl wartete, in Kürze in Belgien einzurücken. Aus Brüssel kam am 3. Mai folgende Information: „Durch Mitteilungen aus sicherer Quelle erfährt man streng vertraulich, dass in diesen Tagen mehrere englische und französische Verbindungsstäbe bei verschiedenen Kommandostellen des belgischen Heeres ankommen werden. Noch konkretere Nachrichten hierüber sind aus Gent Antwerpen, Areschoot und Lüttich vorhanden. Wie des weiteren in Erfahrung gebracht werden konnte, war der Einzug des Heeres der Westmächte in Belgien für den Mai geplant. Vielleicht würde der Zeitpunkt um etwas verschoben werden angesichts der allgemeinen Lage, wie eine soeben aus Belgien zurückgekehrte Persönlichkeit erklärte, es herrsche seit einigen Tagen im belgischen Heere eine viel sichere Stimmung. Ein langjähriger Geschäftsfreund, der ihm dieses erzählte, legte bei dieser Gelegenheit die Meinung an den Tag, bestimmt müssten gewisse Ursachen vorhanden sein, dass Belgien nicht das gleiche Schicksal erleiden werde wie Polen und Norwegen.“

b) Die Niederlande

Die wiederholten Hinweise hoher holländischer Persönlichkeiten auf die Politik der Unabhängigkeit und Neutralität liessen erwarten, dass Holland sich an diese Unabhängigkeitspolitik halten würde, nach allen Seiten hin gleichmässig und jegliche Neutralitätsverletzung zurückweisen, von woher diese auch immer kommen möge.

1. Die Bewegungen des holländischen Heeres stellten die Tatsache in Rechnung, dass seit dem 1. September 1939 die grösste Gefahr für die Neutralität des Landes in einer englischen Landung liegen müsste. Infolgedessen befanden sich Ende September im westlichen Teil des Landes, also besonders mit Front nach England, 5 Divisionen, an der Ostfront neben Karabinern (auch die leichte Division) zwei Divisionen. Indessen wurde in der zweiten Oktoberhälfte eine Verschiebung des holländischen Heeres vorgenommen, von der Küste bis zur Grebbe-Linie befanden sich am 25. Oktober bereits 3 Divisionen und im Fort Hollanda nur noch zwei bis drei Divisionen. Die Situation südlich der Maas blieb grösstenteils unverändert mit der 5. Division und einer leichten Besetzung, während die 6. Division, die an der Küste gestanden hatte, ebenfalls nach Osten geschoben wurde. Mitte November befand sich das Gros von 6 Divisionen an der Grebbe-Linie und deren südlicher Fortsetzung bis zur Maas. Im Fort Hollanda blieben anscheinend nur Teile der 1. und 2. Infanteriedivision, 12 Infanterieregimenter der dritten Linie und die Reserveeinheiten zurück. Zu Beginn des Jahres 1940 wurde die Formierung einer neuen Division in Pertheide mitgeteilt, der sogenannten „Division Peel“. Weitere zwei Divisionen der neuen Formation wurden an der südlichen Verlängerung der Grebbe-Linie angesetzt mit Front nach Osten. Von da an hat sich an der parteilichen Bewegung des holländischen Heeres mit seiner Front nach Osten, also nach Deutschland, nichts geändert.

Die Befestigungen und Vorsichtsmassregeln gegen Deutschland wurden intensiv fortgesetzt, während die Verteidigungsmassnahmen an der Küste oder der Südgrenze Hollands nicht durchgeführt oder nur zu Täuschungszwecken durchgeführt wurden. In der Nacht vom 7. bis 8. April wurden in Holland alle Urlaube des Militärs gesperrt und die zurückgerufen, die sich in Urlaub befanden. Am 11. Januar und an den folgenden Tagen wurden in Holland gleichlaufend mit der Urlaubssperre die Massnahmen zur Schliessung und Sicherung der deutsch-holländischen Grenze getroffen. Übereinstimmend mit diesen

Befehlen zeigt sich die enge Zusammenarbeit beider Generalstäbe. Diese Zusammenarbeit der beiden Generalstäbe bestätigt sich noch mehr durch die Tatsache, dass am 15. Februar Offiziere des holländischen Generalstabes in Zivil nach Brüssel fuhren, wo sie sich im Palace Hotel einquartierten. Am 16. Februar wurde ein grosses Bankett mit den belgischen Offizieren im Savoy und am 17. Februar Aussprachen im Kriegsministerium abgehalten. Der Transport holländischer Truppen durch belgisches Gebiet (s. Kapitel A, Ziffer 9) ist ein anderer Beweis für das Vorhandensein konkreter Abmachungen zwischen beiden Generalstäben. Von glaubwürdiger Quelle verlautet, dass hohe Militärschefs und andere noch höher stehende Persönlichkeiten fest entschlossen waren, plötzlich, doch wohl vorbereitet, das Heer der Entente einrücken zu lassen. Am 13. April nahmen im Hotel „Stadt Weimar“ in Rotterdam hohe Chiefs des englischen Heeres Wohnung, darunter ein Divisionsgeneral, um mit den holländischen Behörden über die Zusammenarbeit zu verhandeln. Die Zusammenarbeit des holländischen Informationsdienstes mit dem englischen wird glaubwürdig erwiesen durch einen Bericht eines sehr sicheren Gewährsmannes vom 12. März 1940, in dem es heisst, die holländische Grenzpolizei sei aufs beste informiert über die Erklärungen, die England früher bezüglich des Schicksals ihrer Reise nach Süden abgegeben hatte. Das Oberkommando der deutschen Wehrmacht verfügt indessen über noch weitere Vorgänge, die mit absoluter Gewissheit beweisen, wie der holländische militärische Informationsdienst mit dem englischen arbeitet.

2. Auf dem Gebiet der Seekriegführung und des Luftkrieges verfügt es gleichfalls über entsprechende Meldungen über eine Unzahl von Neutralitätsverletzungen sowie auch anderer Aktionen, die der einseitig gegen Deutschland ausgerichteten Neutralität entgegenstehen und daher offen den Beweis einer feindseligen Haltung Deutschland gegenüber erbringen. Da es sich um die besonders parteiliche Unterstützung der Feindmächte in deren Blockade gegen Deutschland und infolgedessen um feindliche Aktionen handelt, muss folgendes hervorgehoben werden: während zu Beginn des November festgestellt werden konnte, dass eine grosse Anzahl von England geharterter holländischer Motorschiffe unter holländischer Flagge zwischen Dänemark und England fuhren, weigerten sich die holländischen Piloten Mitte Dezember mit Hinweis auf Anordnungen der Regierung, deutsche Dampfer von Emden nach holländischen Häfen zu geleiten.

3. Auch im Luftkriege sind Beweise einer Stellungnahme Hollands zugunsten des Feindes vorhanden. Aus verschiedenen Quellen weiss man von Vereinbarungen zwischen dem englischen und dem holländischen Generalstab zur Zusammenarbeit ihrer Luftwaffen. U. a. prüften bereits im Juni 1939 englische Offiziere mit englischem Fliegerpersonal die holländischen Flugplätze und die Luftverteidigung sowie auch die Luftverbindungen. Die Flugplätze und Bodenorganisation der holländischen Luftwaffe sind aus diesem Grunde stark erweitert worden, viel mehr als die eigenen Anforderungen benötigten. Ende September wurde bestätigt, dass verschiedene holländische Luftabwehrformationen Lieferungen von englischem Material erhalten haben. Dies erklärt auch beispielsweise, dass bereits am 30. September englische Militärflugzeuge auf holländischen Flugplätzen in Shipel landeten, um Brennstoff zu nehmen. Nach einer Meldung vom 2. Februar 1940 lieferte die Flugzeugfabrik Koolhoven in Rotterdam Apparate an Frankreich. Ersatzteile von Flugzeugen werden in Peissy westlich von Paris von französischen Arbeitern unter Leitung holländischen Fachpersonals der Koolhoven-Fabrik aufmontiert. Am 8. März 1940 teilte ein Mitglied der holländischen Luftabwehr mit, dass die Flaks nicht auf befreundete Flugzeuge schiessen, d. h. auf die der Westmächte, um diese abzuschiessen, sondern um sie aufmerksam zu machen. Von besonderer Schwere muss man dennoch die wiederholten Neutralitätsverletzungen bezeichnen, die durch das Einfliegen englischer Apparate über das Gebiet der holländischen Souveränität durchgeführt werden, während deren Flüge die Luftabwehr nichts oder nur sehr wenig unternimmt. Hinzu kommen noch weitere schwere Neutralitätsverletzungen und die gemachte Feststellung, dass von holländischem Boden aus Leuchtsignale für die englischen Flugzeuge gegeben werden.

4. Auf dem Gebiet der Wirtschaft zeigt Holland fortlaufend eine immer feindseliger werdende Haltung gegenüber Deutschland, natürlich unter dem britischen Druck.

5. Zusammengekommen muss klargestellt werden dass die Niederlande sich entgegen ihres erklärten Neutralitätswillens zu Massnahmen haben hinreissen lassen, die eigenwillig und voller Feindschaft gegen Deutschland sind, und zwar sowohl auf militärischem Gebiet, in der Luft, zur See und auf dem Lande.

6. Angesichts der Entwicklung der militärischen Lage in den letzten Wochen stieg die Gefahr einer englischen Landung in Holland ganz bedrohlich. Schon am 18. April berichtete der Flottenattaché in Haag, dass in der Nacht vom 14. zum 15. und vom 15. zum 16. des gleichen Monats Bewegungen englischer Schiffe gemeldet wurden, die sich auf die holländische Küste zu bewegten. U. a. wurde ein grosses englisches Kriegsschiff gesichtet, das längs der Küste von Hoek van Holland bis Den Helder fuhr. In der Nacht vom 13. zum 14. April sind englische Torpedobootjäger bereits in holländische Hoheitsgewässer eingefahren. In den letzten Tagen kamen ständig Informationen über Transporte von den französischen und englischen Kanalfähren in nordöstlicher Richtung hier an. Da Norwegen nun, nachdem es von den Westmächten geräumt wurde, nicht mehr das Ziel

dieser Transporte sein konnte, so bestand grosse Möglichkeit, dass diese eingeladenen sowie die aus Norwegen zurückgezogenen Truppen auf holländischem und belgischem Boden gelandet werden könnten. Ein Anzeichen dafür war übrigens auch die Schliessung des Aermelkanals für die Handelschiffahrt, die kürzlich verfügt wurde. Und schliesslich traf am 3. Mai auf ganz sicherem Wege aus Utrecht die Mitteilung ein: „Vom 29. März an beobachtete man in Utrecht eine beträchtliche Anzahl von Zivilpersonen, die in Wirklichkeit englische und französische oder belgische Offiziere sind. Zumindest sieht man sie ständig in Begleitung holländischer Offiziere“. Es ist offenbar, dass diese „Zivilpersonen“ des erwähnten Berichts englische und französische Verbindungsoffiziere mit dem holländischen Oberkommando waren.

C. Resumé: Während der letzten Wochen wurde mehr und mehr deutlich, dass die englisch-französischen Massnahmen mit der Konzentration motorisierter Divisionen und Tanks an der belgischen Grenze sowie die Verstärkung des linken Flügels durch nordafrikanische Stossdivisionen, die Landung kanadischer Truppen auf französischem Gebiet und anderes mehr die Vorbereitung zu einem Angriff seitens der Westmächte gegen deutsches Gebiet durch belgisches und holländisches Gebiet waren. Trotz dieser für Belgien bedrohlichen Tatsachen wurde von diesem Frankreich gegenüber nicht die mindeste Massnahme ergriffen. Die Mobilmachung wurde einseitig gegen Deutschland gerichtet fortgesetzt, obwohl die angeblichen „Alarmnachrichten“ jeglicher Bestätigung entbehrten, die monatelang ausgestreut waren. An den belgisch-französischen Grenzen wurden die Hindernisse von den Landstrassen der ganzen Gegend bis zum Meer entfernt, während dieselben an der Front nach Deutschland ständig verstärkt wurden. Die belgisch-holländische Grenze steht also offen um jeden Augenblick einen überraschenden Einmarsch der Westmächte zu gestatten. Sehr entscheidend in dieser Hinsicht ist die innere Orientierung, vor allem in Belgien, die nicht gerade als neutral, sondern als einseitig feindselig gegen Deutschland bezeichnet werden muss. So kann man sich auch die Rechtfertigung belgischerseits für die einseitig gegen Deutschland gewandte Mobilmachung erklären und die Ausschaltung der Sicherheitsmassnahmen gegen Frankreich, obgleich dessen Konzentrationen Belgien vom französisch-englischen Angriffsflügel her bedrohen, der längs der belgischen Grenze aufgezogen ist. Die Rechtfertigung führt an, Belgien betrachte sich nur durch die deutschen Konzentrationen bedroht. Der zweifellos von Belgien begünstigte Einmarsch englisch-französischer Truppen setzt immer eine deutsche Invasion voraus. In dieser Massnahme beruht gerade der Irrtum, zu dem Zweck, die Aggressionsabsichten Englands und Frankreichs, durch Belgien begünstigt, zu vertuschen. Die plötzliche Umgruppierung der belgischen Streitkräfte nach der Ostfront hin, seit dem 2. Oktober 1939 — obwohl keinerlei Bedrohung durch deutsche Massnahmen vorlag — beweist schlagend die feindliche Haltung der belgischen Regierung. Die letzten eingelaufenen Nachrichten beweisen, dass in kurzem der Beginn der englisch-französischen Offensive über Belgien und Holland zu erwarten ist. So besagen beispielsweise die letzten Meldungen aus Brüssel, dass die Engländer und Franzosen „sich die Deutschen in Belgien und Holland nicht nochmals zuvor kommen lassen wollen“. Darüber hinaus ist einwandfrei erwiesen, dass die direkten militärischen Vorbereitungen zum Eingriff weitgehend durch die Entsendung vorbereitender englisch-französischer Militärkommissionen auf belgischem Gebiet durchgeführt wurden, zu dem zügigen die fortschreitenden Bewegungen der holländischen Streitkräfte und die gleichzeitigen Verteidigungsmassnahmen der Niederlande gegen Deutschland die enge Zusammenarbeit unter dem belgischen und holländischen Generalstab, was auch aus anderen Quellen bestätigt wurde. Die Lage an der deutschen Westgrenze hat somit seit Beginn des Frühjahres einen immer bedrohlicheren Charakter angenommen, nämlich mit fortschreitender Besserung der atmosphärischen Bedingungen und der Verbindungswege. Die Westmächte wollen also den Plan aufgeben, den Einmarsch deutscher Truppen abzuwarten — was sie in Wirklichkeit ja nur wollen, um ihrerseits die Offensive gegen Deutschland ungefähr durch den Mittelpunkt belgischen und holländischen Gebietes zu unternehmen. Die in diesem Bericht angeführten Beweisführungen und Dokumente sind in der Hand des deutschen militärischen Oberkommandos.

Der Chef des Oberkommandos der deutschen Wehrmacht. (gez.) Keitel."

**WOLLENE
BABY-ARTIKEL**

Jäckchen	11\$000
Schals	42\$000
Mützen	3\$500
Schühchen	4\$800
Gamaschen	6\$000
Handschühchen	4\$800
Strampelhöschen	17\$500
idem mit Ärmel	35\$000
Schlafanzüge	6\$000
Anfertigung von Baby-Aussteuern in eigener Näherei.	
Verlangen Sie Preisliste!	
CASA LEMCKE	
SAO PAULO — Rua Libero Badaró 303	
— SANTOS — Rua João Pessoa 45-47 —	

Texto dos Memoriaes aos governos da Hollanda e da Belgica

BERLIM, 10 (T.-O.) — E' o seguinte o texto do memorandum do governo alemão aos governos da Belgica e da Hollanda: "O governo do Reich sabe perfeitamente, desde ha muito tempo, qual o objectivo principal da politica de guerra da França e da Inglaterra, não nutrido duvida alguma que esses dois paizes pretendem extender as hostilidades a outros paizes, para isso utilizando-se, como forças auxiliares, dos mercenários inscriptos em seus exercitos. A ultima tentativa dessa ordem foi o projecto que visava occupar a Escandinavia, com a ajuda da Noruega, constituindo assim, uma nova frente com a Allemanha. Se não fora a rapida eenergica intervenção da Allemanha, teria esta se encontrado diante de mais um inimigo. Mas a Allemanha, accudindo em tempo, destruiu fragorosamente os novos planos alliados na Escandinavia. As provas que o Reich appresentou ao mundo desse plano diabolico dos alliados, já foram amplamente divulgados. Derrotados afinal na Escandinavia, os alliados procuraram outro ponto onde concentrar suas novas intenções de crear uma frente nova contra a Allemanha. Isso mesmo foi dicto pelo ministro Chamberlain, de publico, quando annunciou que, "em consequencia da nova situação creada pela guerra na Escandinavia, a Inglaterra viera a ter possibilidades de transportar o mais rapido possivel sua esquadra ao Mar Mediterraneo, em rumo do qual já navegavam grossos contingentes navaes de navios ingleses e francezes que deveriam estacionar em Alexandria". E, de facto, essa informação official foi confirmada dias depois. Daquelle momento em diante o Mediterraneo se converteu em objectivo militar dos alliados. O proposito dos alliados está evidenciado, claramente evidenciado. E' convulsionar os Balkans, para ali crear nova frente contra a Allemanha e envolver novos paizes na guerra. Mas a Allemanha estará preparada para repellar esses objectivos. De qualquer forma, a manobra aliada não escondeu a verdadeira finalidade que os franco-britannicos visavam no momento, que era, enquanto simulavam um ataque ao Mediterraneo, invadir ou atacar a Allemanha pelo oeste, atravessando com consentimento de seus governos os territorios da Belgica, da Hollanda e do Luxemburgo, pretendendo com esta manobra, occupar o territorio do Ruhr. A Allemanha procurou manter até agora a neutralidade que garantio estabelecer com aquellos paizes, mas desde que os mesmos paizes passaram a favorecer em forma unilateral os seus inimigos, como, succede, e conforme a Allemanha acaba de apurar, segundo o comunicado de 4 de maio do Estado Maior, resolveu:

1.º — Desde que começou a guerra, a imprensa belgo-holandeza e luxemburgueza se revelaram nitidamente favoraveis aos alliados, fazendo e escrevendo editoriais contra a Allemanha.

2.º — A despeito dos varios protestos do Reich, esta situação não foi mudada, agravando-se, principalmente, depois que as personalidades dirigentes dos 3 paizes accentuaram ultimamente, que o lugar dos mesmos na presente guerra "era e é ao lado dos alliados, ou seja, da Inglaterra e da França". Outros factos da vida politica e economica desses paizes revelam e revelaram ha muito á Allemanha as suas intenções. A Hollanda mostrou-se disposta a, de accordo com as autoridades belgas, apoiar os manejos do "Secret Service", destinados a provocar uma revolução na Allemanha, com isso violando, da maneira mais grosseira, seus mais elementares deveres de neutralidade. A organização do "Secret Service" constituída em territorio belga e holandez e que desfructa do mais amplo apoio das autoridades holandezas e belgas, inclusive dos funcionarios dos Estados Maiores, não visava outro objectivo, sinão a eliminação do Führer do governo do Reich, por todos os meios imaginaveis, substituindo-o por um governo que se mostrasse disposto a destruir a unidade nacional da Allemanha e a constituir um Estado Federal alemão impotente.

3.º — As medidas dos governos da Belgica e da Hollanda, no terreno militar, fallam um idioma ainda mais claro e fornecem a prova inequivoca das verdadeiras intenções da politica belgo-holandeza. Essas medidas se acham, alem do mais, em contradicção evidente com todas as declarações feitas pelos governos da Belgica e da Hollanda, de que estavam dispostos a impedir, por todos os meios e modos, viessem de onde viessem, quaesquer tentativas de utilização do territorio delles para a passagem de tropas estrangeiras.

4.º — A Belgica, por exemplo, não fortificou sinão a sua fronteira de Este, na linha contra a Allemanha, enquanto siquer fortificou sua fronteira com a França. Os protestos insistentes e reiterados de parte do governo do Reich, obtiveram sempre a mesma resposta da Belgica, isto é: a segurança de que seria posto fim a essa situação uilateral; todavia, em que pesem taes respostas, nada foi feito para cumprimento das promessas, e tudo continuou como estava. Muito ao contrario foi o que aconteceu: a Belgica vem trabalhando nestes ultimos tempos, exclusiva e intensivamente, na construção de suas fortificações na linha com a Allemanha, enquanto que suas fronteiras de oeste ficaram abertas aos inimigos da Allemanha.

5.º — A porta da entrada, que é a Hollanda, ficou aberta também á aviação britannica. O governo do Reich levou ininterruptamente ao conhecimento do governo holandez a prova das violações praticadas contra sua neutralidade, por aviões ingleses. Desde o inicio da guerra, os aviões britannicos vem sobrevoando sem interrupção sobre a Hollanda, em direcção da Allemanha, 127 desses casos puderam ser comprovados, de modo irrefutavel, e, immediatamente comunicados ao governo holandez.

6.º — Em verdade, essa cifra é, todavia, muito maior ainda e ultrapassa, em muito, o numero dos casos notificados. Em todos os

demais casos, em que aviões estrangeiros transitaram sobre a Hollanda, não ha a menor duvida de que se trata de aviões ingleses. O grande numero de detalhes de violações praticadas contra a neutralidade desse paiz e o facto do governo holandez não haver tomado medidas efficientes para impedir taes violações, converteram o territorio holandez em ponto de partida para as operações alliadas contra a Allemanha, com o consentimento e com o assentimento do proprio governo holandez.

7.º — Uma prova ainda mais evidente, da verdadeira attitudo da Belgica e da Hollanda é constituída pelo movimento exclusivamente dirigido contra a Allemanha, por todas as forças belgas e holandezas. Enquanto que, no inicio do mez de setembro de 1939, a Belgica e a Hollanda repartiam com relativa paridade as suas forças, em todas as suas fronteiras, nos tempos que se seguiram a essa data e á medida que se accentuavam a colaboração dos Estados Maiores belgas e holandezas com os Estados Maiores francez e inglez, desgarneciam-se as tropas das fronteiras occidentaes desses paizes, concentrando-as em suas fronteiras orientaes, na linha com a Allemanha. Esta concentração de tropas belgas e holandezas na fronteira com a Allemanha foi levada a termo no momento em que a Allemanha ainda não havia concentrado tropa alguma em suas fronteiras com a Belgica e com a Hollanda, enquanto a Inglaterra e a França concentravam em contraposição na fronteira franco-belga, um exercito motorizado, de grande eficiencia. O que equivale dizer que a Belgica e a Hollanda, em uma epoca em que sua neutralidade se achava ameaçada pela attitudo da Inglaterra e da França, e pela concentração de tropas de ataque franco-britannicas aoeste — isto é, teriam por essa mesma razão, motivos sufficientes, para augmentar as medidas de segurança. As suas proprias forças das fronteiras occidentaes, ameaçadas também, foram retiradas e enviadas para as fronteiras orientaes, que se encontravam inteiramente desgarnecidos de tropas alemãs. Foi então que a Allemanha adoptou suas proprias medidas, collocando também, por sua parte, tropas nas fronteiras belgas e holandezas. Os Estados Maiores belga e holandez, com essas

medidas inesperadas, e em contradicção com todas as regras militares, descobriram seus verdadeiros intentos. Entretanto, sua actuação é comprehensivel, desde que se saiba que taes medidas foram adoptadas após previa intelligencia com o Estado Maior franco-britannico, e que as tropas belgo-holandezas jamais conseguiram outra cousa sinão prover a retaguarda do exercito de ataque franco-britannico.

8.º — O pretexto appresentado pelos belgas e holandezes a respeito dessa situação, não pode ser reconhecido como bom. Apesar de tudo, a situação não mudou nada em relação á Allemanha. O governo do Reich não está disposto nesta luta pela sua existencia, que lhe foi imposta pela França e Inglaterra, a esperar inactivo o ataque da Inglaterra e da França e permittir que a guerra entre pelo territorio germanico atravez dos territorios da Hollanda e da Belgica. Por esses motivos, as tropas teutas garantirão, com toda a força militar do Reich, a neutralidade desses paizes. O governo do Reich deve accrescentar o seguinte a esta declaração: As tropas germanicas não vão como inimigas dos povos belga e holandez, pois o governo do Reich não desejou nem provocou estes acontecimentos. A responsabilidade cabe exclusivamente á França e á Inglaterra, que prepararam, de antemão, todos os detalhes para um ataque á Allemanha, atravez dos territorios belga e holandez e esse plano foi favorecido pelos departamentos governamentais da Belgica e da Hollanda.

O governo do Reich declara ainda mais, que não tem intenção de attentar agora e nem para o futuro, contra a soberania dos reinos da Belgica e da Hollanda, nem suas possessões europeas ou fóra da Europa, pertencentes a esses mesmos paizes. Os governos desses reinos, entretanto, tudo deverão fazer, afim de que não se opponha resistencia ás tropas germanicas. O governo do Reich exhorta immediatamente esses paizes a tomarem essa attitudo. Se as tropas germanicas encontrarem resistencia na Belgica e na Hollanda, essa resistencia será quebrada por todos os meios e modos. As consequencias naturaes dessa acção e seu deramamento de sangue, serão da exclusiva responsabilidade dos governos dos reinos da Hollanda e da Belgica".

Relatorio complementar do Alto Commando do Exercito

BERLIM, 10 (T.-O.) — E' a seguinte a informação do Alto Commando alemão, dirigida ao governo do Reich, secretamente, a 4 de maio corrente:

Documentação sobre a Belgica

No mez de outubro de 1936, o rei dos belgas declarou que, de futuro, o seu paiz evitaria receber todo e qualquer apoio de uma grande potencia, tendo a intenção de seguir uma politica independente de todo o grupo de potencia. Em consequencia dessa politica de neutralidade, era de se esperar que, desde aquella época, fossem adoptadas medidas militares, para a defeza da nação, não só na frente alemã como também contra a França e a Inglaterra. A este respeito deve ser frizado: 1.º — A defeza da Belgica dirigiu-se, desde a Guerra Mundial, unilateralmente, contra a Allemanha. Liège foi convertida na mais poderosa fortaleza europeia, na parte occidental, e as construções de Namur foram estreadas apenas na parte oriental. Nas fronteiras entre a Allemanha, Luxemburgo e Hollanda foi extendida uma grande rede de fortificações. As fronteiras com esses paizes só foram fortificadas do lado da Allemanha, nada tendo sido feito em face da França. Esse systema de fortificações não está de accordo com a politica de neutralidade iniciada, cousa que foi admittida pelo proprio chefe do Estado-Maior do exercito belga, general Van den Borgen, no verão de 1937. Essa alta patente declarou então que todo o systema de defeza da Belgica se encontrava na frente oriental. Em tempo opportuno, porém dar-se-ia á Allemanha a occasião de verificar que, por parte belga, o paiz seria fortificado por todos os lados. Estas declarações belgas deixaram de ser cumpridas em dois annos e meio. Já a 2 de março de 1938, o ministro da Defeza da Belgica, tenente-general Denis, falando numa sessão da Camara, affirmou que a Belgica é livre quanto á escolha dos locais para a construção de suas fortificações, admittindo a condição de "poder acompanhar os conselhos alheios, ou seja levar em consideração a necessidade de trabalhar em commum accordo com outros Estados". O desenvolvimento futuro dos acontecimentos mostrou que esse trabalho commum referia-se á colaboração com a França e a Inglaterra. Enquanto que esse concedia, em 1939, 90 milhões de francos para as fortificações da fronteira sul da Belgica, na fronteira oriental foram gastos 270 milhões. Com isso, o mal estar existente em ambas as fronteiras augmentou. Os vãos de reconhecimento dos alemães, sobre as fortificações francezas, na região das fronteiras com a Belgica, demonstraram, de modo inequivoco, que a fronteira belgo-franceza continuava absolutamente livre de toda e qualquer fortificação. Por outras noticias fidedignas soube-se que apenas ao sul de Bruxellas, aproximadamente sobre a linha Minove-Hal-Waterloo, foi construida uma pequena quantidade de fortificações. A debilidade dessas posições, entretanto, não poderá ser qualificada de fortificações, visto que essa linha constitue uma ampliação do "reduit national", ou seja o espaço necessario á retirada do exercito belga, no caso de uma guerra com a Allemanha, servindo esse espaço também para a evacuação da capital da Belgica. No sector sul do paiz, de ambos os

lados do Sambre e Maas, encontram-se estradas abertas para o avanço francez contra a fronteira germano-belga. Esse facto levantou violenta discussão, a 8 de fevereiro deste anno, na Camara belga, entre o ministro da Defeza e o deputado Crammens. Em comparação á pouca actividade da fronteira franceza, não só depois do verão de 1937 como também nestes ultimos tempos, trabalhava-se febrilmente nas fortificações dirigidas contra o supposto ataque alemão. Segundo o general francez, Dosse, quando era inspector do Corpo dos Officiaes da Reserva, em janeiro de 1931, visitou a escola de aperfeiçoamento dos officiaes da reserva, nunca se chegou a saber ao certo em que escola os officiaes belgas das suas actividades. De qualquer modo porém sabe-se que entre os generaes belgas nisso trabalhou o ministro da Defeza, como representante official do exercito do seu paiz, tomando parte do banquete que foi offerecido na occasião da visita da referida escola. Essa actividade franceza em territorio belga com a aprovação e a participação de personalidades officiaes belgas jámais poderia concordar com a politica de independencia proclamada pelo rei. A Belgica nada fez para preparar o terreno necessario para uma verdadeira attitudo de neutralidade, industriando a sua população de modo especialmente contrario ao exercito alemão. Enquanto que mantinham entre si as mais estreitas relações notadas entre os exercitos da Belgica, França e Inglaterra, era notorio que as missões de honra francezas permaneciam ainda em 1939 visitando installações do exercito belga e celebrando publicas manifestações de irmandade entre ambos os povos de modo verdadeiramente insidioso ao exercito alemão. Em confronto com esse factor, torna-se significativamente que, ainda em 1937, se encontrava na cidadella de Namur o edificio militar onde estavam expostos os desenhos relativos a supostas atrocidades, que teriam sido commetidas na Guerra Mundial. Esse material era utilizado para incitar systematicamente o povo contra o governo do Reich. Em 4 actas, encontradas em Varsovia, no estado-maior polonez, ficou perfeitamente provada a colaboração do governo belga, a respeito do intercambio de noticias referentes á Allemanha. Com effeito, o addido militar polonez em Paris, coronel do estado-maior, Fyda, escreveu ao chefe do estado-maior polonez, a 1.º de maio de 1937: "O estado-maior belga approvou, de accordo com o Ministerio da Guerra, o trabalho commum com a segunda repartição do estado-maior polonez, referente á troca de noticias sobre o exercito alemão. Ficou sublinhado que se manteria sobre o assumpto o mais absoluto segredo. O referido intercambio deverá ser feito por intermedio do addido, militar polonez em Bruxellas." Além disso, o coronel Fyda informava poder supprir que o ministro das Relações Exteriores da Belgica estaria ao par da colaboração belgo-poloneza. O chefe do estado-maior da Belgica offereceu-se immediatamente para auxiliar o intercambio alludido, offerecendo os trabalhos belgas desde março de 1937, dando conta dos juizos emittidos sobre o exercito alemão, de terra, ar e mar. O coronel Fyda, ao mesmo tempo, pretextou aguardar, a respeito, uma ordem, que fóra solicitada ao chefe da segunda secção do estado-maior polonez, com sede em Varsovia. Foi esta a resposta de

Varsovia: "De accordo. O material polonez seguirá em meados de junho." Ficou, assim, claramente comprovada a colaboração belgo-poloneza, que prosseguiu até ao inicio da campanha da Polonia.

A disposição das forças e preparação do exercito belga foram dirigidas unilateralmente contra a Allemanha. Já em tempos de paz a fronteira oriental belga estava muito mais occupada com tropas do que a fronteira do sul e a do occidente.

A isso accrescente-se que a fronteira germano-belga tinha suas tropas em constante estado de alarme. No inicio da guerra o exercito cobriu as fronteiras do sul do paiz com a maioria das suas divisões. Em fins de setembro ultimo as fronteiras do sul e do oeste dispunham de suas divisões de infantaria, duas de cavallaria, na frente este, outras tres de cavallaria e mais uma divisão de reserva além de outras duas, dispostas nas proximidades de campos de exercicios em Beverloo. Desde o dia 2 de outubro de 1939 foram levadas a effeito varias alterações por disposição do exercito belga. A maior parte dessas medidas foi effectivada na fronteira de nordeste. Surpreendentemente, a 2 de outubro foi mobilizada uma parte das divisões de infantaria da 2.ª linha. No mesmo dia os alemães residente na Belgica começaram a sentir difficuldades de toda a ordem. A partir da segunda quinzena de outubro, das 21 divisões mobilizadas, 14 encontravam-se nas fronteiras de norte e de leste, entre Amberes e ao sul de Liège; tres divisões foram destinadas para a reserva do exercito, nos arredores de Bruxellas e quatro divisões foram destacadas para a terceira linha da fronteira sudocste e no sector costeiro. Na noite de 7 para 8 de novembro foram suspensas as licenças para todo o exercito belga, em todo o paiz foram requisitados numerosos automoveis e caminhões. Ficou confirmado que a 8 de novembro foi iniciado um transporte pelo qual foram retirados fortes contingentes das forças acampadas perto de Bruxellas, da região costeira e do sueste. Essas operações deixavam perfeitamente descobertas as fronteiras da Belgica com a França e com o canal da Mancha. O ulterior deslocamento de tropas demonstrou claramente que dois terços das forças belgas foram deslocados para a frente oriental, localizada atraz do canal Alberto.

As restantes forças do exercito foram destinadas, parte para a reserva e parte para a região costeira. Destarte, a fronteira franceza e o respectivo sector costeiro ficaram debilmente fortificados, deixando de possuir ao menos, a artilharia necessaria. Uma outra medida unilateralmente tomada pelas forças belgas contra a Allemanha, foi conhecida quando se effectivou a concentração de consideraveis forças motorizadas anglo-francezas, na fronteira belgo-gauleza. A partir de 10 de abril deste anno, outros deslocamentos de tropas foram iniciados, do canal Alberto, para o interior do paiz, sem que, entretanto, constituísse um reforço á fronteira do sul da Belgica. Tratava-se, evidentemente, da concentração de determinadas reservas, partes destas forças, pouco depois, foi novamente desviada para a fronteira de noroeste. Constava-se, pois, que não soffreram nenhuma alteração, as disposições das forças belgas, todas dirigidas contra alemães. Com effeito, as tropas que foram concentradas no sudoeste belga, não poderiam oppôr notavel resistencia, ao adversario que por alli avançava. A tal resistencia nada se deveria oppôr, como ficou irrefutavelmente comprovado, na manhã de 14 de janeiro, quando foi prohibido ás forças belgas tomar qualquer iniciativa contra as forças inglesas e francezas, que penetrassem na fronteira de sudoeste ou na região de Ardenas.

Por outro lado, os preparativos feitos pelos engenheiros militares foram dirigidos unilateralmente contra a Allemanha. Ao estalar a guerra, foi disposta na fronteira alemã, uma densa rede de barricadas bem preparadas e vigiadas, enquanto que na fronteira franceza existiam poucas e inefficientes barricadas. Estas, na fronteira de leste e de norte da Belgica foram febrilmente ampliadas, e aquellas, do lado francez, consoante ficou comprovado, foram totalmente retiradas, desde outubro de 1939, e especialmente, desde principio de janeiro de 1940, quando também, foram retirados os explosivos, alli collocados.

Os preparativos militares só foram levados a effeito nos districtos fronteiriços adjacentes á Allemanha, de onde foram evacuadas as installações militares e as fabricas consideradas de importancia, sob o ponto de vista bellico, tomadas as disposições necessarias para a evacuação da população civil. Esta, devia ser feita na direcção da fronteira e das costas francezas, cousa que não deixa de ser caracteristica.

Desde outubro de 1939 foram colhidas manifestações cada vez mais claras de que a Belgica, por sua attitudo militar, unilateral, não só favoreceu a Inglaterra e a França, como também, concertou accordos militares, com ambas essas potencias. Numa declaração do Comité Exterior, do Senado, a 22 de junho de 1939, a Belgica reservou ao seu estado-maior, o direito de celebrar conversações com paizes estrangeiros. O ministro da Defeza belga, nos debates da Camara, a 7 de fevereiro de 1940, declarou, a respeito das garantias militares dadas por determinadas potencias, que essas potencias deviam funcionar muito rapidamente para que pudessem ser efficazes, afim de que as potencias garantidoras não abandonassem qualquer sector, deixando de cumprir as obrigações que foram voluntariamente contrahidas. Prova esta declaração, que foram effectivamente conversações entre os estados-maiores da Belgica e das potencias alliadas, posto que para tal, a Allemanha jámais fóra convidada. Também convém constatar que taes conversações não poderiam ser levadas a effeito, senão com o consentimento superior. Numa ordem, dada em 1937, pelo ministro da Defeza, foram fixadas,

WAS MACHE ICH
NUR GEGEN
DIESEN SCHMERZ!

CAFIASPIRINA
HILFT,
MEIN HERZ



Bestehen Sie auf Cafiaspirina Tabletten in der schützenden Cellophan Packung.

• Ohne Zweifel, in jedem Heim wird Cafiaspirina als das Qualitätsprodukt betrachtet. Es ist hervorragend, um Sie von Kopfschmerzen, Migräne oder Nervenschmerzen schnell und unfehlbar zu befreien. Cafiaspirina bringt Ihnen Erleichterung und Frische und verhilft Ihnen ausserdem zu Wohlbefinden. Es ist ein Bayer Präparat.

• Beugen Sie vor: Haben Sie stets Cafiaspirina zur Hand!

CAFIASPIRINA
gegen Schmerzen

Deutsches Farbenhaus
Henrique Zuehlke & Cia.
S. Paulo, R. Christovam Colombo 1, Tel. 2-0671

Alleiniger Vertrieb der bekannten
TEMPEROL-FABRIKATE
(Lacke - Oelfarben - Lackfarben)
Reichhalt. Sortiment. in: Pinseln, Buntfarben, Oelen, Schablonen und sonstigen Malerbedarfsartikeln.

Libraria Delinee

Älteste deutsche Buchhandlung
Rua São Bento 541 - Caixa Postal 2-V São Paulo
Reichhaltigstes Sortiment. Bestellungen werden rasch und gewissenhaft ausgeführt.



Deutsche
Edelstein
Schleiferei

R. Kröniger
Grösste Auswahl in
gefähten und unge-
fähten Edel- und
Halbedelsteinen

Rua Katter de Toledo 54 (em frente da Sigth)
Telephon: 4-1083 und privat 4-2240

Lacke Pinsel Farben

und alle übrigen Bedarfsartikel
für Hausanstrich und Dekoration

EMILIO MÜLLER / Rua José Bonifácio Nr. 114

Castell
SCHREIBGERÄT
repräsentiert!

Zahlreiche Fachhändler bestätigen die Beliebtheit des Copier CASTELL, eine Beliebtheit, die er seinen vorbildlichen Schreibigenschaften und seinem repräsentativen Äußeren verdankt.

ERKENNUNGSZEICHEN:
Die goldene Waage auf grünem Stiff.

Copier CASTELL

Für rasche, klare Schrift, zum schnellen, rechtsgültigen Unterschriften, für Statistik und Organisation, für Revision und Korrektur und das flotte, zügige Diktat.

A.W. FABER CASTELL Schreibkultur

Fogg bringt ein Mädchen mit

Roman von WALTHER KLOEPFFER — Verlag August Scherl GmbH., Berlin.

(11. Fortsetzung.)

„Passt schon“, urteilte Kern und blies die flackernde Nachtlischkerze aus, die nicht mehr vonnöten war.

„Meinst?“ fragte Fogg zweifelnd. Er stak in seiner vom Speicher geholten motzenrigen Reiteruniform, Stahlhelm auf, Gasmaske um.

„Leut, mir ist so gspassig zumute“, lächelte der Gsodmair und griff sich in die Halsbinde. Dann schnupperte er rasch und aufgeregt.

Fogg fand allerlei zu bekritteln und mehr als einen Regiemangel an seinem Werk.

Die viel zu kurze und wegen des Bauches vorn klaffende Hose des Kern bot einen höchst un militärischen Anblick. Dass Fenzl eine Zivilhose zum Waffenrock trug, mochte noch hingehen. Dass der Gsodmair an Equipierung aber nur einen zu engen Infanteriemantel hatte aufziehen können, war stillwiegend. Auch das, was Donka Stransky vorstellen sollte, bereitete ihm Sorge. Denn die Anna bedurfte der allergrössten Phantasie und Nachsicht. Ihre Beine schlotterten in Kanonenstiefeln, die sie nach oben in jene eng anliegende Seemannshose fortsetzten. Die Stelle des verschnürten Waffenrockes vertrat in aller Eile umgefärbter Pullover, und statt der hohen Kosakenmütze hatte sie die Krimmerpudelhäube von Kerns Vater auf.

Kritisch betrachtet, sah dies alles mehr nach Fastnacht als nach Schützengraben aus, aber man musste halt den guten Willen für das Werk nehmen und sich denken, der Ameiser werde es schon nicht merken. Sie alle empfanden ähnlich wie der Bürgermeister, aber nur er hatte diesem Gefühl ein Tor gelassen.

„Wir fangen jetzt an, Männer; es wird langsam Zeit“, flüsterte Fogg und trat ans Fessende von Ameisers Bett. „Geht an euren Platz, und dann gibst deinen Buben draussen das Zeichen, Fenzl. Und du, Anna, hast nichts zu tun als das Maschinengewehr zu bedienen und dich ans Fenster zu stellen. Los jetzt!“

Für das, was nun folgte, gab es nur einen Namen — Höllenspektakel. Die Fenzlbuben schossen im Freien die verabredeten Böller ab. Donnerschläge krachten, Raketen sausten gen Himmel, Gewehrsschüsse peitschten, und Feuerwerkskörper zischten hoch. Wo die Buben diese Echtheit und Naturtreue herbrachten, war ein Rätsel. Und gleichzeitig brach aus ihren Kehlen ein gewaltiges Geschrei, das kosakische „Urra“, dass es einem kalt über den Rücken lief. Die Fenzlischen nahmen ihren Auftrag blutig ernst und taten, was in ihren Kräften stand.

Drinnen in der Kammer aber, nahe beim Fenster, brüllte der Fenzl: „Achtung, die Russen kommen!“ und gab der Anna einen Schubs, sie möge mit dem MG-Feuer beginnen. Dieses Maschinengewehr, in normalen Zeitläuften Karfreitagsratsche genannt und aus der Sakristei stammend, war ein hölzernes Instrument, das in der Karwoche die Kirchenglocken ersetzte und, rasch gedreht, knatternde Töne von sich gab, die in ihrem seriennweisen aufbellenden Stakkato MG-Feuer ziemlich ähnlich waren.

Fogg liess den Ameiser nicht aus den Augen. Er hatte vorhin der Sicherheit halber

eine Kampferspritze gemacht, und der Puls benahm sich anständig. Dennoch schlug Fogg das Herz bis in den Hals hinauf. Wird das Vorhaben gelingen, wird kein unerwünschter Zufall passieren? Der Patient lag abgemagert, blass und flach atmend da, die Augäpfel leicht nach oben verdreht. Sein kleines Gesicht schien noch bekümmert als früher. Als nun der Lärm anhub und das Geschrei und das Geknatter, lief erst ein Zucken über dieses Gesicht, dann bewegten sich die Lippen, und schliesslich schoben sich die Augen langsam in ihre richtige Stellung. Das zusammen vermittelte den Eindruck des Wachwerdens und einer matten, fast widerwilligen Erstauntheit. Allmählich wurde die Miene angestrengter, gesammelter, und der Blick rang um Verständnis und Begreifen. Fogg beschloss, zu handeln. Er trat näher, beugte sich nieder und rief in das gelbliche, dünne Ohr:

„Ameiser! He, Ameiser! Die Russen kommen, hast du gehört? Die Kosaken!“

„Was ist?“ hauchte der Kranke mühsam.

„Die Russen! Verstehst du — die Russen! Aber wir lassen sie schon nicht in den Graben rein — da vorn schmeisst der Fenzl Handgranaten — und die Donka ist am Maschinengewehr. Hörst du es zwitschern?“

in das er eine entflozene Psyche da zurückgeholt hat, nur halb und stückhaft ist. Wenn er den Patienten nun wieder in seinen Schlaf entlässt, muss er der schwankenden Seele einen Halt mitgeben, eine Beschäftigung, ein Ziel, sozusagen. Und deshalb hämmert er den Begriff Donka immer wieder in den Kranken hinein. Denn an Donka Stransky scheint der Ameiser zu hängen, mehr als an jenem anderen.

„Die Donka hat jetzt Zeit. Soll sie an dein Bett kommen? Schön. So komm her, Donka, gib ihm die Hand, Ameiser ist ja so tapfer. Du kennst ihn nur noch nicht. Hast du gemerkt, wie er das mit der Handgranate gemacht hat? Sich einfach draufgeworfen; ja so ein Kerl ist das. Und jetzt seid ihr beieinander, na, siehst du ... Ameiser, schlaf jetzt wieder ein bisschen ... Die Donka setzt sich her und hält deine Hand ... Los, Donka!“

Der Kranke murmelt noch ein paarmal den Vornamen der Stransky und unverständliche Worte, dann fallen ihm die Augen zu, und der Schlummer nimmt ihn in die Arme.

„So, und nun ganz leise, ihr alle“, ordnet Fogg an. „Du, Anna, bleibst hier sitzen und rührst dich nicht. Wenn er aufwacht, bist

gehalten und das Abladen der neuen Maschinen überwacht. Auch eine Kleinigkeit gegessen hatte er von dem zähen Durcheinander, das das Fenzlmädchen für Bühelsteiner ausgab. Eine freundliche Sonne nahm Abschied von der Kammer, und nur zwischen Bettende und Fenster trödelte sie noch ein bisschen herum.

„Tag, Anna. Wirst müde sein. Was Besonderes los?“

Sie schüttelte den Kopf.

„Komm, ich löse dich ab.“

„Ach, Josi! Das ist alles so neu und komisch. Ob ich ihn wohl gernhaben kann?“ sagte sie verlegen und bedrückt.

„Das kommt alles mit der Zeit. Er sieht ganz ordentlich aus, wie? Ich glaube, dass er es durchreist. Ich bin gespannt, wenn er aufwacht.“

Ein Stuhl fiel um.

Der Ameiser öffnete langsam die Augen.

„Wo bin ich?“ fragte er verwirrt.

Jetzt ist es gewonnen, dachte Fogg und gab zur Auskunft:

„In deinem Bett, Ameiser, alter Freund. Und da sind ich und die Anna.“

„Ihr habt mich aus einem wunderschönen Traum gerissen —“, flüstert er.

„Du warst ein bisschen im Krieg, in Pinsk, gel?“

„Woher weisst du das?“

„Du hast von der Donka geträumt?“

Ein fragender Blick des Kranken.

„Du wirst jetzt wieder gesund. Wir werden uns doch von so ein bisschen Lungenentzündung nicht unterkriegen lassen, wäre ja noch schöner. Die Anna will dich doch nicht gleich wieder verlieren, was, Anna?“ lächelte Fogg.

„Sogar das weisst du?“ staunte der Ameiser mit unglücklichem Gesicht.

„Haltung, Mensch. So eine saubere Tochter bekommt man nicht alle Tage. Ich bin während deiner Krankheit oft zu dir gekommen, und einmal hast du in deinem Fieberwahn den Namen Donka vor dich hingesagt wie etwas extra Schönes, an das man gern zurückdenkt. Und damit war mir alles ziemlich klar, nicht? Aber du muusst dich jetzt auch zu ihr bekennen und darfst nicht wieder alles in dich hineinfressen und ängstlich sein.“

„Es war halt wegen der Afra“, entschuldigte sich Ameiser. „Die ist so viel angut. Ihr müsst nicht schlecht von mir denken, weil ich die Anni verleugnet habe.“

„Wir verstehen das schon, nicht wahr, Anna? Aber jetzt muusst du dich freuen, dass alles heraus ist, und die Anna es weiss. Die Afra überlasse mir; die bügle ich schon zu recht. Hörst, Ameiser?“

„Magst mir die Hand geben, Anna?“ bat der Postbote schüchtern. „Musst mir nicht böse sein; aber die Afra ist halt keine Gesspassige.“

Fogg liess die beiden allein.

Während sich so viel Absonderliches in der rückwärtigen Kammer zutrug, lag die Ameiserin mutterseelenallein und hilflos in der Wohnstube, die auf die Strasse hinausging.

Der Furunkel, von dem Fogg der Anna erzählte, macht ihr seit gestern früh erbärmlich zu schaffen. Er ist faustgross, hat sich die dümmste Stelle ausgesucht und will nicht aufbrechen trotz Meerzwiebel und Schusterpech und Leinsamen. Wenn die Afra nur einen Rucker tut, hört sie die Englein im Himmel musizieren. Aber auch sonst ist ein Brausen in ihrem Kopf, dass es schier nicht zum Aushalten ist. Mit diesem Furunkel blüsst sie vieles ab. Aber das ärgste ist, dass sich rein gar niemand um sie kümmert, dass

Confeitaria

EIGENE BÄCKEREI
EIGENE KONFITOREI

Bestellungen ins Haus werden gewissenhaft u. pünktlich ausgeführt

RUA BARÃO DE ITAPETININGA 239



Biennense

CAFÉ - BAR

Im Café nachmittags und abends
Erstklassiges Konzert

Leitung: Maestro Mauricio
Telephon 4-9230 — Ab 18 Uhr
können Autos vor der Tür parken

überschreit Fogg das Toben der anderen.

„Don—ka?“

„Ja, die Donka. Unsere tapfere Donka!“
„Donka, Don—ka“, zerdehnt der Kranke befriedigt die beiden Silben.

„Die Donka lässt keinen Russki heran, wirst sehen. Auf die können wir uns verlassen. Hör nur, wie sie schiesst! Aber der Fenzl braucht neue Handgranaten ...“

„Hand—gra—na—ten?“

„Du lässt keine fallen, gel?“

„Fallen ... Donka ...“

„Mensch, sonst sind wir alle hin. Auch die Donka. Die zuerst!“ überbrüllt Fogg den Spektakel. „Donka“ ist das Zauberwort, mit dem er immer wieder die davonhuschenden Lebensgeister und Gedanken des Patienten ködert, zurückholt und hält. Fogg winkt seinen Kameraden, und der Lärm verdrängt langsam.

„Kennst du uns, Ameiser? Mich, den Fogg — und die anderen — die Donka?“

Die Spur eines Nickens deutet an, dass Ameiser begriffen hat.

„Die Russen sind jetzt weg. Wir rücken jetzt bald ins Quartier. In das kleine Haus in Pinsk, weisst du. Und die Donka nehmen wir mit.“

„Mitnehmen ... Donka — gut ...“

Fogg ist es klar, dass dieses Bewusstsein,

du die Donka, verstanden? Hoffentlich geht alles, wie ich mir einbilde. Ich danke euch einstweilen. Ihr könnt heim. Ich werde mich nachher auch davontrollen. Ich will nur der Anna noch etwas erzählen.“

Die Männer schieben sich vorsichtig aus der Kammer, und der Fenzl fährt sich mit dem Aermel über die Stirn. —

Anna sass viele Stunden lang am Bett des Ameiser, grübelte ausharrend, lautlos. Der Arm schlief ihr ein, und die Augen fielen ihr manchmal zu. Zuweilen glitt ihr Blick forschend über das fremde kleine Gesicht, aber sie vermochte noch keine spürbare Beziehung und Vertrautheit herzustellen. Alles war noch zu neu und verstörend. Dieser unscheinbare Mann Ameiser, der erschöpft, aber befriedet neben ihr schlief, sollte plötzlich ihr Vater sein? Josi hatte ihr alles auseinandergesetzt und die Umstände erklärt, soweit er sie selbst wusste oder erriet. Dieser aus dem Nichts geschnittene Vater war verwirrend für das Mädchen.

Als Fogg am späten Nachmittag leise in die Kammer kam, schrak Anna aus einem dünnen, leicht zerreibbaren Schlaf empor, wobei sie die eine Hand etwas heftig von der Bettedecke zog. Fogg war lange weg gewesen, hatte seine Besuchsfahrt erledigt, Sprechstunde

Was wird einmal
aus Ihrem
Jungen?



WAS IST TONICO BAYER?

Es ist das Stärkungsmittel, das nach dem heutigen Stand der Wissenschaft alles enthält, was für den Organismus lebenswichtig und wertvoll ist: nämlich Vitamine, Leberextrakt, Calcium, Phosphor und andere Substanzen von grossem therapeutischem Wert. Tónico Bayer wird von den weltbekannten Bayer-Laboratorien hergestellt. Bedarf es noch einer weiteren Garantie?

TONICO BAYER

ERNEUERT DIE LEBENSKRAFT

DIE Kleinen wachsen schnell zu Männern heran. Welche von ihnen werden sich am ehesten im Lebenskampf durchsetzen? Sicher die, die eine gute Erziehung genossen haben und gesund, stark und energisch sind.

• Auch Ihr Junge soll robust und kräftig heranwachsen und von Krankheiten möglichst verschont bleiben. Geben Sie ihm deshalb von Zeit zu Zeit Tónico Bayer!

Die besten Schuhe bekommen Sie nur im bekannten

Casa Brasil

Damenschuhe
bis zur Nr. 40

Abfag Louis XV., jap.
Form 40\$000, 45\$000

Das Haus, welches beft.
bedient u. reelle Preise hat

Rua Sta. Efigenia 285
nahe der Rua Aurora

Extra Fino



Rua
das
Palmeiras
274

Tel. 5-4429

Oficinas Olympia

führen jede Reparatur, Überholung und Reinigung an

Schreib- u. Rechenmaschinen

aller Systeme sachgemäss aus.

Modern eingerichtete Werkstätten und wirkliche Fachleute bürgen für
erstklassige Arbeit,

Schnell / Gewissenhaft / Preiswert

Kostenanschläge unverbindlich



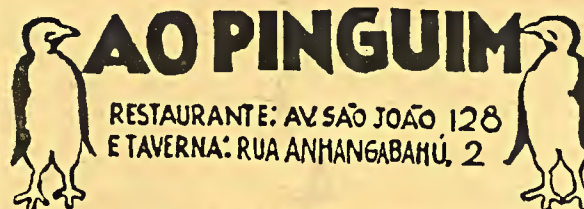
OLYMPIA MÁQUINAS DE ESCRIVER LTDA.

São Paulo

Rio de Janeiro

Praça da Sé 43 / Tel. 2-1895

Rua Beneditinos 21 / Tel. 43-6311



Alexandre Balbis

São Paulo

Telefon:

Bar 4-5507
Gruta 4-2626

Ausgezeich. Küche. Jeden Sonnabend: Feijoada completa
Allabendlich Künstlerkonzert, 7-1 Uhr; Sonn- u. Feiertags: Frühkonzert

CONDOR FLUGDIENST

→ PASSAGIERE

→ POST

→ FRACHT

Telegr. AERONAUTA

Succursol

S. PAULO: r. Alvares Penteado, 8

Agentur

SANTOS: r. 15 de Novembro, 19

Telef.: 2-7919 Telef.: 5001

„Wird dich vielleicht interessieren, wie das mit mir und der Donka war? In der Nacht, wo wir mit ihr aus dem Graben zurückgekommen sind, hab' ich im Quartier ein Mordstheater angestellt, gesungen, getanzt, auch ein bisschen gesoffen; grad lustig war's. Und vorher hast du die Post ausgeteilt. Die Donka hat mitgetan, um euch nicht zu kränken. Mir war aber gar nicht nach Gaudium und Lustigkeit zumute. Ich hab' mich hinausgeschlichen und auf die Treppe gesetzt. Plötzlich, wie ich so dasitzte, kommt die Donka und will wissen, was mit mir los ist. Am Anfang hab' ich herumgedrückt, aber mit der Zeit hat sie alles doch recht schön aus mir herausgezogen. Dass ich keine Post bekommen hab', dass ich nie ein Paket kriege, dass sich niemand daheim um mich abkümmernd und dass mir alles schiefgeht im Leben. Ich hab's nicht sagen wollen, aber sie hat eine so gute Art zu fragen gehabt, dass man ihr das Herz hat ordentlich auftun müssen.“

„Ja, ja, die Donka!“ nickte Fogg. Er konnte sich das schon vorstellen, den Ameiser mit seiner harten, liebelosen Jugend damals, mit seiner Verlassenheit im Leben und seinem Pech. Als schwächlicher Sohn einer Dienstmagd war er von jeher der Schuhabstreifer und Sündenbock für andere gewesen. Auch die Donka war ihm in diesen Minuten ganz nahe und greifbar. „Erzähle weiter, Ameiser!“

„Ja, also, und dann hat mich die Donka getröstet, hat mir gute Worte gegeben und gesagt, das mit der Handgranate sei schneidig von mir gewesen, und ich sei ein netter Mensch, und sie stünde auch allein auf der Welt und habe viel durchgemacht. Wie man eben so zueinander findet. Und grad gut ist sie gewesen und gar nicht stolz und völlig zutraulich. Und dann sind wir zwei halt so dagesessen und haben uns an den Händen gehalten und eine Zeitlang gar nichts gesagt. Muss komisch ausgesehen haben: zwei Soldaten, ein bayerischer und ein russischer, so Hand in Hand auf der obersten Treppenstufe ... denn sie hat ja immer noch die Uniform angehabt. Damals hab' ich noch ein Stückel besser ausgesehen wie heut“, lächelte Ameiser kümmerlich.

„Warst ein sauberer Bursch dazumal“, übertrieb Fogg voll Herzenshöflichkeit. „In dich hat sich ein Mädel schon vergucken können.“

„Meinst?“

„Wenn ich dir sag.“

„Siehst du, das hat vielleicht auch die Donka gedacht und ist mir deshalb gut gewesen“, schwelgte der Ameiser in seiner Erinnerung. „Oder glaubst, dass es bloss Mitleid war?“

„Aus Mitleid macht so was keine.“

„Ja, und dann ist das halt so weitergegangen, und am Morgen war sie verschwunden. Ich hab' auch nicht gewusst, wohin. Ich hab' nie etwas von ihr gehört. Wie ist sie denn gestorben?“

„Ganz manierlich, Ameiser. Wenig Schmerzen, fast gar keine, und ich und die Anna waren um sie herum. Sie hat zwar deinen Namen nicht genannt, die Donka war eine grossartige und feine Frau, das lass' ich mir nicht nehmen, aber ich bin sicher, sie hat gern an dich zurückgedacht. Und was die Anna betrifft, so musst du ihr halt Zeit lassen, sich in das Neue hineinzufinden. Wird schon recht. Muss dir einen schönen Stoss gegeben haben, wie du das damals im Sprechzimmer von mir erfahren hast. Ich gönne ihr, dass sie jetzt den Maril bekommt; bei dem ist sie gut aufgehoben. Und der Gsodmair

ist auch nicht ohne. Wie trägt es denn die Atrá?“

„Du, mit der ist es sonderbar. Die ist jetzt viel besser zum Haben. Sie schimpft nimmer so viel, bloss brummen tut sie. Eine richtige Wohltat. Oft denk' ich mir, der Gsodmair muss das doch recht schön beigebracht und ihr liebreich eingegeben haben, weil sie jetzt so ganz anders ist. Ach, Josef, weil wir schon beim Beichten sind — ich hab' noch was auf dem Herzen.“

„Schiess los; das geht jetzt in einem Aufwaschen hin“, spornete ihn Fogg an.

„Leicht wird mir's nicht, aber es muss sein. Es handelt sich um den Tutschek —“

„Was, um den?“ rief Fogg erstaunt.

Der Ameiser nickte schuldbehaftet.

„Hast etwa gar du —?“

„Freilich hab' ich. Siehst, das ist so zugegangen. Ich bin damals auf meinem Dienstgang über Land durch das Mühlhölzel gekommen und denke gerade an den Sternmoser, der ein Strapporto zu zahlen hat. Da hör' ich auf einmal streifende Stimmen in der Nähe. Ich laufe rasch hin, weil es mich interessiert hat, wer da so einen Spektakel macht, und stelle mich hinter einen Busch. Ich seh' die Anna und den Verwalter. Das Mädel macht ihm Vorwürfe, dass er sie verführt hat und jetzt sitzenlässt. Plötzlich reist sie einen Revolver aus der Schürzentasche, schreit etwas, spuckt den Tutschek an, schiesst

Ich hab' mich schon gemeldet und das nicht auf dir sitzenlassen, aber ich war ja krank, bin halbtot dagelegen, und die Atrá hat keinen Schnauter gefan von allem, so gut sie anderweitig mit der Zunge umgehen kann. Von der erfahre ich keine Neuigkeiten, und wenn die Welt untergeht.“

Die Anna hat mir erzählt, dass der Tutschek ins Bein geschossen war und dass er sich wieder zusammengerappelt hat. Ich bin tofroh darüber, das darfst du glauben. Josef, du kannst dir keinen Begriff machen, was man aussteht, wenn einem so was passiert. Die reine Hölle ist's. Jede Minute glaubst du, der Gendarm kommt zur Tür herein und holt dich. Ein Stein ist mir vom Herzen, dass der Tutschek seine geraden Glieder behält und nicht gestorben ist.“

„Freilich“, murmelte Fogg, und die vielen Gedanken zersprengten ihm fast den Kopf. Sieh mal an — die Anna! Hat also doch was Ernstliches mit dem Verwalter gehabt, die Kröte! Es ist nur gut, dass ich es die ganze Zeit her nicht gewusst habe. Und meinen Revolver stibitzt hat sie auch! Und mir die Schweinerei eingebrockt. Na, wart, der werd' ich das Lederzeug anstreichen! Und der Ameiser, der tut, als ob er nicht bis fünf zählen könnte, macht solche Geschichten! Mit der Donka, mit dem Tutschek. Zum Glück ist wenigstens alles gut hinausgegangen. Einen Dusel will Ferdinand ...

Fogg wollte schon losplatzen, da fiel ihm gerade noch rechtzeitig ein, dass er einen

ein weissglühendes Geschützrohr, und die trockene Erde zeigt Sprünge. Ein Wetter für einen gewaltigen Durst, ein Festwetter ganz einfach. Wenn nur das Geld nicht so rar wäre.

„Rein kennen tust sie nimmer, die Kuhlerten“, röchelte der Schellori und zog pfeifend den knappen Atem ein. „Wenns d' bedenkst: Nichts als Steiner zuvor und Gras, über das du dich hast ärgern müssen, und jetzt schaufeln s' blanke Geld aus der Erde! Männer, was waren wir dazumal für Rindviecher!“

Der Schellori hatte so unrecht nicht. Von Gras war auf der Kuhlerten wirklich nimmer viel zu sehen. Im hinteren Teil des Grubenfeldes lagen die überdeckten Eingänge zum Bergwerk, die beiden Schächte mit Wasserführung, Pumpe und Förderkörben. Vorne, gegen die Büchelkammer Landstrasse zu, waren grosse offene Schuppen aus dem Boden geschossen, die zum Aufstapeln und Sortieren des Roherzes dienten, ferner eine weitläufige Graphitschmelze. Auch ein Lastauto war da, Maschinenhalle, in der die Aufbereitung des das das Fertigerzeugnis an die Bahn brachte, und eine Baracke, die halb als Büro, halb als Versandraum diente. Die Anlagen waren durch blinkende Gleise verbunden, auf denen an gewöhnlichen Tagen die Kippwägelchen rollten.

Es war schon berechtigt, wenn Fogg sich zuweilen die Hände verstaubten. Das „Graphitwerk Schellenberg“ war zwar nicht das grösste im Bayerischen Wald, aber ein neuzeitlich angelegtes und vor allem ergiebiges. Das Landschaftsbild hatte natürlich nicht gewonnen durch all den Lärm, den Dunst, die zertrampelte, aufgerissene Erde; aber was wollte das besagen gegenüber dem handgreiflichen Segen, der von der Kuhlerten ins Dorf floss?

(Schluss folgt.)

An unsere Leser!

Nochmals möchten wir darauf hinweisen, daß wir ab 1. d. M. den Bezugspreis unserer Zeitung auf **Rs. 30\$000 im Jahr** erhöhen mußten.

Bereits viele unserer Leser haben für diese wirtschaftliche Notwendigkeit vollstes Verständnis gezeigt. Wir hoffen, daß auch die Leser im Innern unseres in der Folge 17 erschienenen Appell Folge leisten.

aber nicht, sondern läuft wie eine Wilde davon, dicht an mir vorbei, ohne mich zu sehen, und lässt den Revolver fallen. Ich heb' ihn auf und sause auf den verdatterten Tutschek zu. Und dann hat sich alles so schnell abgespielt, dass ich es selber nimmer weiss. Ich hab' den Tutschek angeschrien und ihm vorgehalten, dass er ein Lump ist, wenn er das macht, und dass die Anna mein Kind ist und dass ich das nicht auf ihr sitzenlasse. Da hat er mir eine freche Antwort gegeben, und in meinem Zorn und in meiner Aufregung habe ich losgedrückt. Vom Zielen war keine Rede. Dann bin ich der Anna nach; denn ich hab' gemeint, sie tut sich ein Leid an. Aber ich hab' sie nicht mehr gefunden. Dann bin ich eine Zeitlang kreuz und quer gelaufen, hab' den Revolver ins Wasser geworfen und bin dabei ausgerutscht. Daheim hab' ich mir nicht getraut, die teuchten Kleider auszuziehen, damit die Atrá nichts merkt. Am nächsten Morgen hab' ich schon herumgehustet und mit den Zähnen geklappt, und die Erkältung war fertig. Und wie es weitergegangen ist, weissst du ja selber. Und was ich sonst durchgemacht habe, frag' nicht. Ich, wo keiner Katze was tun kann, hab' plötzlich einen Menschen auf dem Gewissen! Und das mit der Anna hat mich doch auch gedrückt. Dass man dich im Verdacht gehabt hat, weil es dein Revolver war, hab' ich erst gestern von der Anna erfahren. Kannst mir verzeihen, Josef?

Kranken und vom Schicksal bereits ziemlich Geschlagenen vor sich hatte, und er brummte nur: „Der Tutschek hat sich in deiner Affäre eigentlich ganz anständig benommen. Er hat dich nicht verraten, obwohl der Untersuchungsrichter ihm mächtig zugesetzt hat. Ich war übrigens vorhin droben und habe ihm meinen letzten Besuch gemacht. Die Geschichte ist jetzt geheilt, und morgen früh fährt er weg, ins Böhmisches. Will einen Verwalterposten auf einem andern Schloss der Fürstin antreten. Den sind wir los. Der hat die Nase voll von Schellenberg. Du, da fällt mir gerade ein, er hat mir ja einen Brief für dich mitgegeben. Wird eine Holzrechnung sein. Da.“ Er zog ein weisses Kuvert aus der Tasche und hielt es dem Ameiser hin. „Vielleicht hast dein Brennholz von der letzten Versteigerung her noch nicht bezahlt?“

„Ich hab' mein Holz bezahlt!“ verwahrte sich der Ameiser. „Mach' nur das Zeug auf, sei so gut, Josef.“

Fogg entnahm dem geöffneten Umschlag einen grossen Bogen, auf den die Worte gekritzelt waren: „Ich denke, wir sind quitt, Herr Ameiser!“

Der Schellori, der alte Geizkragen, und noch einige, die ein bisschen was im Strumpf oder auf der Sparkasse hatten, stapften schwitzend die Kuhlerten hinauf. Die Sonne brannte wie

Ausspannung tut not!

Wenn man die klimatischen Verhältnisse berücksichtigt, dann darf man wohl ruhig feststellen, dass hierzulande oft intensiver gearbeitet wird als drüben. Besonders in den heissen Sommermonaten verspürt der Eingewanderte das lebhafteste Bedürfnis, vorübergehend auszuspannen. Für einige Zeit sich einmal völlige Ruhe gönnen, von Geschäften und unruhigen Zeitläuften nichts sehen und hören, wer möchte das nicht gerne?

Nicht jeder von uns kann Körper und Geist diese Erholung verschaffen. Der Existenzkampf wird von Tag zu Tag härter und rücksichtsloser und wieviele müssen auf eine Ruhepause Verzicht leisten, weil besondere Verhältnisse es nicht anders erlauben. Andere wieder halten sich für unentbehrlich und bereuen erst dann ihre Unterlassungssünde, wenn der geschwächte Körper streikt.

Soweit soll man es aber nicht kommen lassen. Wer jährlich eine Tonofosfan-Kur durchführt, der verschafft dadurch seinem Organismus dringend notwendige Aufbaustoffe. Tonofosfan, ein Bayer-Produkt, gibt Körper und Geist neue Frische und Widerstandsfähigkeit.

Dienst am Kunden!

Jeden Wunsch nach Möglichkeit gerecht zu werden, ist Grund-idee unserer Organisation und unseres geschulten Personals.

Banco Germanico

da America do Sul

São Paulo

Rua Alvares Penteado 121
(Ecke Rua da Quitanda)

Rio de Janeiro: R. da Alfandega 5
Santos: Rua 15 de Novembro 114

VIGOR-MILCH

Die beste Milch in São Paulo

S. A.

Fabrica de Productos Alimenticios "VIGOR"

Rua Joaquim Carlos 178
Tel.: 9-2161, 9-2162, 9-2163

Deutsche Färberei und chem. Waschanstalt „Saxonia“

Annahmestellen: R. Sen. Feijó 50. Tel. 2-2396
u. Fabrik: Rua Barão de Jaguara 980. Tel. 7-4264

Luckt es, dann niemals kratzen



das ist verlorene Mühe. Man muss zu einem unfehlbaren Mittel von bequemer und sauberer Anwendung, wie Mitigal es ist, greifen. Mitigal ist das weltbekannte, unersetzliche Mittel gegen Krätze, Hautjucken und andere parasitäre Hautkrankheiten. Beachten Sie also den Rat: Luckt es, dann niemals kratzen.

Nimm **Mitigal**

Liebeswerk Ostdeutschland

Nur noch jeden Dienstag von 3 bis 6 Uhr Spenden-Annahme und Arbeits-Ausgabe in der Rua Arthur Prado Nr. 492

Hugo Lichtenthäler

Rua Aurora Nr. 135
Allg. deutsches Möbelhaus
Grosse Auswahl
in kompl. Zimmern und
Einzelmöbeln. - Auch
TAUSCH u. KAUF von
gebraucht. Möbelstücken

Deutsche Schuhmacherei

Rua Sta. Ephigenia 225
Ausführung all. ins Fach
schlagenden Arbeiten

Hermann Radelsberger

João Knapp

Klempner, Installateur
Regist. Rep. de Aguas e
Esg. Rua Monf. Passa-
laqua 6. Telefon 7-2211.

Werner Pfeffer

Nickelacão Cambucy
Rua Lavapés 801
SAO PAULO

Uhren • Reparaturen
Deutsche Uhrmacherei

OTTO

Rua São Bento Nr. 484
4. Stock, Saal 25

Josef Hüls

Erstklassige Schneiderei.
Mäßige Preise. Rua Dom
José de Barros 266, fobr.,
São Paulo, Tel. 4-4725

Jorge Dammann

Deutsche Maßschneiderei
für Herren und Damen
Gut sortiertes Stofflager
Rua Piranga 193
Tel. 4-2320

Dr. Max Rudolph

Allg. Chirurgie, Frauenheilkunde u. Geburtshilfe
Röntgen-Beirahlungen

Consult.: Pr. Ramos Azevedo 16, II., Tel. 4-2576

Wohnung: Rua Hollanda 5, Tel. 8-1337

Sprechstunden v. 3-5, Sonntags v. 11-1 Uhr

Dr. Mario de Fiori

Spezialarzt für allg. Chirurgie - Röntgenapparat

Sprechst.: 2-5 Uhr nachm., Sonntags: 10-12 Uhr

Rua Barão de Itapetininga 139 - II. andar - Tel. 4-0038

Dr. G. H. Nick

Facharzt für
innere Krankheiten.

Sprechst. täglich v. 14-17 Uhr
R. Lib. Badaró 73, Tel. 2 3371

Privatwohnung: Tel. 8-2263

Dr. Erich Müller-Carrioba

Frauenheilkunde, Geburtshilfe

Röntgenstrahlen - Diathermie

Ultraviolettstrahlen

Konsult.: R. Aurora 1018 von

2-4,30 Uhr - Tel. 4-6898

Wohnung: Rua Groenlandia

Nr. 77 - Tel. 8-1481

Deutsche Apotheke

In Jardim America

Anfertigung ärztl. Re-

zepte, pharmazeutische

Spezialitäten - Schnelle

Lieferung ins Haus.

RUAGUSTA 2843

Tel. 8-2182

Dr. Erich Müller-Carrioba

Frauenheilkunde, Geburtshilfe

Röntgenstrahlen - Diathermie

Ultraviolettstrahlen

Konsult.: R. Aurora 1018 von

2-4,30 Uhr - Tel. 4-6898

Wohnung: Rua Groenlandia

Nr. 77 - Tel. 8-1481

Deutsche Apotheke

In Jardim America

Anfertigung ärztl. Re-

zepte, pharmazeutische

Spezialitäten - Schnelle

Lieferung ins Haus.

RUAGUSTA 2843

Tel. 8-2182

Dr. Erich Müller-Carrioba

Frauenheilkunde, Geburtshilfe

Röntgenstrahlen - Diathermie

Ultraviolettstrahlen

Konsult.: R. Aurora 1018 von

2-4,30 Uhr - Tel. 4-6898

Wohnung: Rua Groenlandia

Nr. 77 - Tel. 8-1481

Deutsche Apotheke

In Jardim America

Anfertigung ärztl. Re-

zepte, pharmazeutische

Spezialitäten - Schnelle

Lieferung ins Haus.

RUAGUSTA 2843

Tel. 8-2182

Dr. Erich Müller-Carrioba

Frauenheilkunde, Geburtshilfe

Röntgenstrahlen - Diathermie

Ultraviolettstrahlen

Konsult.: R. Aurora 1018 von

2-4,30 Uhr - Tel. 4-6898

Wohnung: Rua Groenlandia

Nr. 77 - Tel. 8-1481

Deutsche Apotheke

In Jardim America

Anfertigung ärztl. Re-

zepte, pharmazeutische

Spezialitäten - Schnelle

Lieferung ins Haus.

RUAGUSTA 2843

Tel. 8-2182

Dr. Erich Müller-Carrioba

Frauenheilkunde, Geburtshilfe

Röntgenstrahlen - Diathermie

Ultraviolettstrahlen

Konsult.: R. Aurora 1018 von

2-4,30 Uhr - Tel. 4-6898

Wohnung: Rua Groenlandia

Nr. 77 - Tel. 8-1481

Deutsche Apotheke

In Jardim America

Die Denkschrift der Reichsregierung an Belgien, Holland und Luxemburg

Sicherung der Neutralität Belgiens, Hollands und Luxemburgs mit allen zur Verfügung stehenden militärischen Machtmitteln

Berlin, 10. (T.-O.) — Das Memorandum der Reichsregierung an die belgische und die niederländische Regierung hat folgenden Wortlaut:

„Die Reichsregierung ist sich seit langem über das Hauptziel der britischen und französischen Kriegspolitik im Klaren. Es besteht in der Ausweitung des Krieges auf andere Länder und in dem Missbrauch, deren Völker zu Hilfs- und Söldnertruppen Englands und Frankreichs zu machen. Der letzte Versuch in dieser Richtung war der Plan, Skandinavien mit Hilfe Norwegens zu besetzen, um hier eine neue Front gegen Deutschland zu errichten. Nur durch das Eingreifen Deutschlands in letzter Stunde wurde diese Absicht zunichte gemacht. Deutschland hat hierfür vor der Weltöffentlichkeit einen dokumentarischen Nachweis erbracht. Sofort nach dem Scheitern der britisch-französischen Aktion in Skandinavien haben England und Frankreich ihre Politik der Kriegsausweitung in anderer Richtung wieder aufgenommen. So verkündete noch während des fluchtartigen Rückzuges der britischen Truppen aus Norwegen der englische Premierminister, dass England infolge der veränderten Situation in Skandinavien nunmehr in der Lage sei, eine Verlagerung des Schwergewichtes seiner Flotte nach dem Mittelmeer vorzunehmen, und dass englische und französische Einheiten bereits unterwegs seien. Das Mittelmeer wurde jetzt zum Mittelpunkt der englisch-französischen Kriegspolitika. Dies sollte teils die Niederlage und den erlittenen Prestigeverlust bei den anderen Völkern wieder heben und dadurch der Anschein erweckt werden, als ob nun der Balkan zum nächsten Kriegsschauplatz gegen Deutschland ausersehen wäre. In Wirklichkeit aber diente diese Verlagerung der englisch-französischen Kriegspolitik nach dem Mittelmeer ganz anderen Zwecken: sie war nichts anderes als ein Ablenkungsmanöver grössten Stiles, um Deutschland über den Ansatz des nächstmöglichen englisch-französischen Angriffs zu täuschen. Denn der Reichsregierung war seit langem

als das wahre Ziel Englands und Frankreichs bekannt, Deutschland im Westen über belgisches und niederländisches Gebiet anzugreifen und ins Ruhrgebiet vorzustossen.

Deutschland hat die Integrität Belgiens und Hollands stets anerkannt und respektiert unter der Voraussetzung, dass diese Länder die strikteste Neutralität wahren. Belgien und Holland haben indessen diese Voraussetzung nicht erfüllt, sondern die Feinde Deutschlands einseitig begünstigt. Die Verletzung der Neutralität beider Länder und die Zusammenarbeit der Generalstäbe beider Länder mit denen der Westmächte werden anschliessend durch Berichte des Reichsaussenministeriums und des Oberkommandos der Wehrmacht illustriert. Unter diesen Umständen kann kein Zweifel darüber bestehen, dass Belgien und Holland gewillt sind, nicht nur einen bevorstehenden englisch-französischen Angriff zu dulden, sondern ihm auch Vorschub zu leisten. Die Reichsregierung ist nicht bereit, den bevorstehenden englisch-französischen Angriff passiv abzuwarten und zuzulassen, dass der Angriff über das Gebiet beider Länder nach deutschem Lande getragen wird. Darum hat die Reichsregierung den Befehl erteilt, mit allen dem Reich zur Verfügung stehenden militärischen Mitteln die Neutralität beider Länder zu sichern. In diesem Zusammenhang erklärt die Reichsregierung, dass die deutschen Truppen nicht als Feinde nach Belgien oder Holland gehen. Sie haben es ja nicht gewollt und sie sind auch nicht die Urheber an diesem Verlauf der Dinge. Fer-

ner erklärt die Reichsregierung, dass sie nicht die Absicht hat, die Souveränität oder die europäischen oder aussereuropäischen Besitzungen beider Länder anzutasten, weder jetzt noch in Zukunft, und ersucht beide Regierungen, die dem Fall angepassten Massnahmen zu treffen, damit den deutschen Truppen keinerlei Widerstand geboten wird. Sollten die deutschen Truppen dennoch auf Widerstand stossen, dann wird dieser mit allen Mitteln gebrochen werden müssen.“

Berlin, 10. (T.-O.) — Am Freitagmorgen veröffentlicht die Reichsregierung ein an die luxemburgische Regierung gerichtetes Memorandum, in dem sie dieser mitteilt, dass England und Frankreich beschlossen haben, Deutschland über belgisches und holländisches Gebiet her anzugreifen. Belgien und Holland seien diesem Angriff günstig gesinnt. Zu ihrer Verteidigung haben die deutschen Truppen den Befehl erhalten, mit allen militärischen Mitteln, die dem Reich zur Verfügung stehen, die Neutralität Belgiens und Hollands zu sichern. Die Reichsregierung, die Abschriften der an Belgien und Holland gerichteten Memoranden beifügt, erwartet, dass die Regierung des Grossherzogtums Luxemburg der Lage Rechnung trage, damit die luxemburgische Bevölkerung den deutschen Aktionen keine Schwierigkeiten in den Weg legt. Die Reichsregierung versichert, dass Deutschland nicht die Absicht hat, weder jetzt noch in Zukunft an die Integrität und politische Unabhängigkeit des Grossherzogtums zu rühren.

Die Proklamation des Führers

Berlin, 10. (T.-O.) — Der Führer erliess am Freitagmorgen folgende Proklamation:

„Soldaten der Westfront! Die Stunde des Entscheidungskampfes für die Zukunft der deutschen Nation ist gekommen. Seit 300 Jahren war es das Ziel der französischen und

englischen Führer, jede wahre Konsolidierung Europas zu hintertreiben und vor allem Deutschland in einem Zustand der Schwäche und Machtlosigkeit zu halten. Zu diesem Zweck haben sie in zwei Jahrhunderten 31mal Krieg gegen Deutschland geführt. Seit Jahrzehnten ist es indessen vor allem das Ziel der französischen Führer, mit allen Mitteln die deutsche Einheit zu verhindern und dem Reich jene Güter vorzuenthalten, deren es für die Unterhaltung eines 80-Millionen-Volkes bedarf. England und Frankreich haben diese Politik konsequent durchgeführt, ohne auf das Regime Rücksicht zu nehmen, das gerade in Deutschland herrschte. Was sie wollten, war stets, das deutsche Volk zu verwunden. Die verantwortlichen französischen und englischen Machthaber gestehen dies heute auch offen ein. Deutschland muss in eine Reihe von Kleinstaaten aufgeteilt werden, so dass das Reich seiner politischen Macht verlustig ginge und damit auch die Möglichkeit verlöre, dem deutschen Volk seine Lebensrechte sicherzustellen. Aus diesem Grunde haben sie alle meine Friedensbemühungen zurückgewiesen und darum haben sie uns am 3. September vergangenen Jahres den Krieg erklärt. Das deutsche Volk hegt keinen Hass und keine Feindschaft gegen das französische und gegen das englische Volk. Es steht heute indessen vor der Frage, ob es leben oder sterben will. Unsere Truppen schlugen in wenigen Wochen den polnischen Feind, der von England und Frankreich gegen uns vorgeschickt worden war und sie schalteten jede Gefahr im Osten Europas aus. Angesichts dessen beschlossen England und Frankreich, Deutschland aus dem Norden her anzufallen. Vom 9. April an hat Deutschland auch dieses verbrecherische Attentat im Keime erstickt. Heute nun ist das eingetreten, was uns seit Monaten als eine bedrohliche Gefahr vorschwebte. Unter Benutzung eines Manövers lenkten sie die Aufmerksamkeit nach dem Balkan ab, um über Belgien und Holland ins Ruhrgebiet einzudringen.

Soldaten der Westfront! Das bedeutet, dass nun für euch die Stunde gekommen ist. Der Kampf, der heute beginnt, entscheidet über das Schicksal des deutschen Volkes für das kommende Jahrtausend. Erfüllt eure Pflicht. Das deutsche Volk wird euch immer mit seinen besten Wünschen und seinem Segen begleiten.

Berlin, den 10. Mai 1940. Adolf Hitler.“

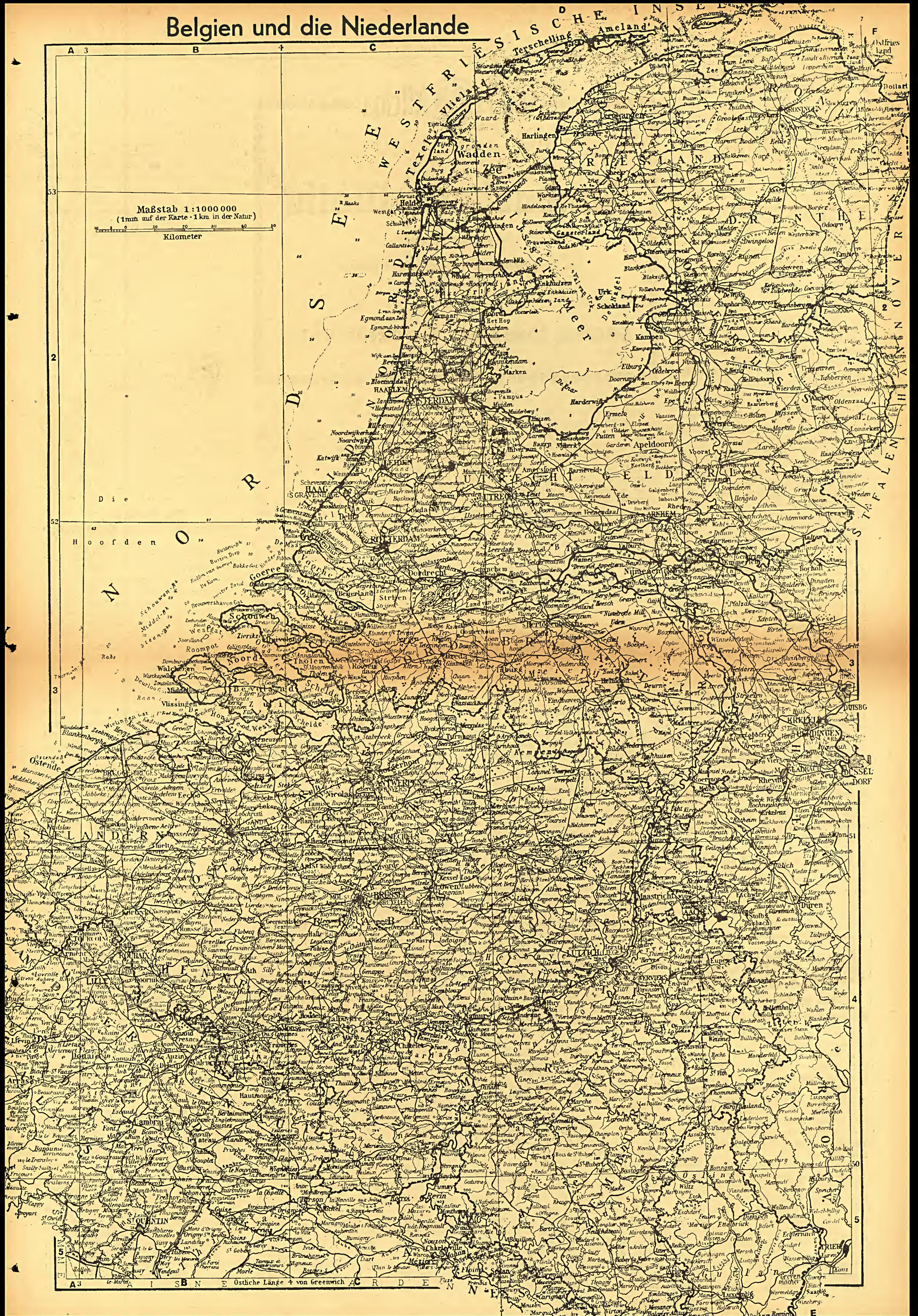
KRIEGSKARTE VON EUROPA

ist weiterhin noch zum Preise von Rs. 6\$000 zu haben. Nach dem Innern Rs. 7\$000

Die Karte ist an folgenden Stellen zu beziehen:

São Paulo: Rua Victoria 200 — Deutsche Buchhandlung C. Hahmann — Livraria Delinee
Rio de Janeiro: Franz Kumlin, Rua dos Andradas 84, 2. Stock, App. 23, Telephone 23-4977 —
Livraria Allemã, Rua da Alfandega Nr. 69

Belgien und die Niederlande



Reichsaussenminister von Ribbentrop vor den ausländischen Pressevertretern

Berlin, 10. (T.-O.) — Kurz nach 8 Uhr am Freitagmorgen gab der Reichsaussenminister von Ribbentrop den Vertretern der deutschen und der ausländischen Presse bekannt, Deutschland werde mit allen Mitteln die Neutralität Belgiens und Hollands gegen den Angriff verteidigen, den Frankreich und England durch diese Gebiete vorbereitet haben. Der Minister schloss mit den Worten: „Jetzt wird die deutsche Wehrmacht mit England und Frankreich sprechen, die einzige Sprache, die die gegenwärtigen Machthaber zu verstehen scheinen und wird mit diesen Machthabern endgültig abrechnen.“

Berlin, 10. (T.-O.) — Die Erklärung des Reichsaussenministers von Ribbentrop vor der deutschen und der ausländischen Presse hat folgenden Inhalt:

„Meine Herren! Jetzt haben Frankreich und England endgültig die Maske fallen lassen. Ein Misslingen der Invasion in Skandinavien zog den Alarm im Mittelmeer nach sich. Dieses grosse Betrugsmanöver sollte das wahre Ziel Englands verbergen: den Vormarsch in das deutsche Ruhrgebiet durch Belgien und Holland. Dieser Angriff war, wie die Reichsregierung weiss, seit langem vorbereitet, und zwar unter Zustimmung Belgiens und Hollands. Die Nachrichten der letzten Tage über Verladungen englischer Truppen nach holländischen und belgischen Häfen reden eine deutliche Sprache. Gestern erfuhr die Reichsregierung, dass England der belgischen und der holländischen Regierung mitgeteilt hat, die Landung englischer Truppen auf belgischem und holländischem Gebiet sei unmittelbar bevorstehend. Diese Mitteilung stimmt mit den unwiderlegbaren Beweisen überein, die sich in Händen der Reichsregierung befinden, und zwar über den Vormarsch der englischen und französischen Heere und über einen unmittelbaren Angriff auf das Ruhrbecken durch belgisches und holländisches Gebiet hindurch. Der Führer ist nicht gesonnen, das Ruhrgebiet, dieses wichtige Zentrum der deutschen Wirtschaft, neuen englisch-französischen Angriffen auszuliefern. Infolgedessen beschloss er heute, die Neutralität Belgiens und Hollands gegen die englisch-französischen Angreifer unter seinen Schutz zu nehmen. Es kann sich nur um einen neuen Akt von Eigenmächtigkeit Englands und Frankreichs handeln, die Deutschland diesen Krieg aufzuzwingen haben, es kann auch sein, dass dieser Akt englischer Aggressivität ein Akt der Verzweiflung ist, mit dem die gegenwärtigen Machthaber Englands und Frankreichs ihre Kabinette zu retten versuchen, die sich durch die bisherigen Misserfolge bedroht fühlen; der deutschen Regierung kann dies gleichgültig sein. Von jetzt an wird die deutsche Wehrmacht mit England und Frankreich die einzige Sprache sprechen, die die heutigen Machthaber dieser Nationen verstehen und nunmehr endlich und entschieden mit ihnen die Rechnungen begleichen.“

Der Entscheidungskampf hat begonnen

Berlin, 10. (T.-O.) — Amtlich wird mitgeteilt: „Das deutsche Volk ist in den Entscheidungskampf eingetreten. Im Angesicht des Ernstes der Stunde werden alle öffentlichen Tanzveranstaltungen verboten.“

Putz gemacht

Das Wichtigste der Woche

Aus dem Transocean-Dienst (Agencia Mema)

Berlin, 8. — Bei den Kämpfen in Norwegen wurden nach Mitteilung zuständiger deutscher Stellen insgesamt 79 feindliche Maschinen abgeschossen, während die Deutschen 33 Flugzeuge verloren.

Berlin, 8. — Der italienische Propagandaminister Alessandro Pavolini hat sich zu einem Besuch des Reichspropagandaministers Dr. Goebbels nach Berlin begeben. — Der bisherige italienische Botschafter in der Reichshauptstadt, Bernardo Attolico, verlässt am 10. Mai Berlin.

Berlin, 9. — Der Leiter des amerikanischen Nachrichtenbüros „United Press“ in Europa, Webb Miller, wurde neben den Gleisen einer Londoner Vorortbahn mit einer Kopfverletzung tot aufgefunden. Die deutsche Presse zweifelt an einem blossen Unglück und belastet den Secret Service auch mit diesem Mord. Webb Miller sei in seiner Arbeit unbestechlich gewesen und habe an der britischen Kriegführung offene Kritik geübt.

Amsterdam, 9. — Die Unterhausausprache über den Misserfolg der britischen Truppen



Casa Alemã

Handarbeits-Wolle

In großer Auswahl

zu für jedermann erschwinglichen Preisen

Schädlich, Obert & Cia. Rua Direita 162-190

in Norwegen erreichte ihren Höhepunkt in den scharfen Angriffen der Opposition gegen den Premier Chamberlain. Am heftigsten verurteilte der 77jährige Lloyd George die Haltung der Regierung. Hitler, so sagte er, habe den Alliierten viel ernstere Schläge versetzt als es seinen Vorgängern 1914 jemals gelungen sei. Wenn England siegen solle, müsse zunächst Chamberlain abtreten. Die englischen Beistandsangebote hätten auf dem Markt all ihren Wert eingebüsst. — Churchill erklärte in der Aussprache, dass die Ueberlegenheit der deutschen Luftwaffe zum Rückzug der Engländer in Norwegen geführt habe. Die Alliierten können ihre teure Flotte nicht den deutschen Bomben aussetzen.

Berlin, 9. — Der Führer und Oberste Befehlshaber der Wehrmacht hat für hervorragende Verdienste im Zusammenhang mit den Operationen in Norwegen das Ritterkreuz zum Eisernen Kreuz verliehen: im Heer: Generalleutnant Dietl, Kommandeur einer Gebirgsdivision; Generalleutnant Pellengahr, Kommandeur einer Infanteriedivision; Generalmajor Engelbrecht, Kommandeur einer Infanteriedivision; Oberst Hermann Fischer, Kommandeur eines Infanterieregiments; Major Walter Klein, Bataillonskommandeur in einem Infanterieregiment; Oberleutnant Leopold Matthess, Kompaniechef in einem MG-Bataillon; Oberleutnant Waldemar Gerlach, Kompaniechef in einem MG-Bataillon; in der Kriegsmarine: Generaladmiral Saalwächter, Marinegruppen-Befehlshaber West; Kapitän zur See Bey, Führer der Zerstörer; in der Luftwaffe: Oberst Fiebig, Kommandeur eines Kampfgeschwaders; Hauptmann Hozzel, Kommandeur einer Kampfgruppe; Oberleutnant Elmar Schäffer, Flugzeugführer in einer Kampfgruppe; Leutnant Martin Möbus, Flugzeugführer in einer Kampfgruppe; Leutnant Werner Baumbach, Flugzeugführer in einer Kampfgruppe; Unteroffizier Gerhard Gensel, Flugzeugführer in einer Kampfgruppe. Das Ritterkreuz zum Eisernen Kreuz wurde ferner dem Korvettenkapitän Werner Hartmann, U-Boots-Kommandant, verliehen.

Island von den Briten besetzt

Berlin, 10. — Die Engländer haben auf der dänischen Insel Island Truppen gelandet, um, wie sie vorgeben, einer Besetzung der Insel durch deutsche Truppenteile zuvorzukommen. Das „Deutsche Nachrichtenbüro“ bemerkt hierzu, dass dieser Vorwand zu erbärmlich ist, um die wahren Methoden der Briten zu verhüllen, die immer nur kleine wehrlose Länder zu knebeln versuchen.

Oslo, 10. — In Norwegen haben deutsche Eisenbahnpioniere die dortigen Eisenbahnstrecken in grossem Umfange wieder hergestellt. 2000 Kilometer wurden für den Verkehr freigegeben, 700 Meter Eisenbahnbrücken mussten auf dieser Strecke neu errichtet werden.

Berlin, 10. — Alle Ereignisse dieses Tages stehen im Zeichen des deutschen Einmarsches in Holland und Belgien, um diese Länder gegen einen überraschenden Angriff der Alliierten unter den Schutz des Reiches zu nehmen. (Siehe auch die an anderer Stelle veröffentlichten Sondermeldungen.)

Rom, 10. — Die italienische Presse unterstreicht einmütig die entscheidende Bedeutung der deutschen Aktion im Westen und macht sich ganz den deutschen Standpunkt zu eigen. Man bezeichnet es als gerechtfertigt, dass Deutschland nach Bekanntwerden der abenteuerlichen Pläne der Westmächte, die sich nach der schweren Schlappe in Norwegen auf einem neuen Kriegsschauplatz vor-

wagten, den Vergewaltigungsabsichten der Alliierten zuvorgekommen ist.

Kopenhagen, 10. — Wie bekannt wird, hat Chamberlain dem König von England seinen Rücktritt angeboten. Georg VI. hat dem Ansinnen des 70jährigen Politikers entsprochen. Als Chamberlains Nachfolger wird Churchill genannt.

Berlin, 10. — Von amtlicher deutscher Stelle wird am Freitagmorgen folgendes über den Einsatz deutscher Fallschirmabspringer gemeldet: „In der letzten Zeit veröffentlichte die Auslandspresse zahlreiche Meldungen über den angeblichen Versuch, deutsche Fallschirmjäger in holländischer Uniform einzusetzen. Wie zu erwarten, erscheint diese Behauptung jetzt neuerdings in der feindlichen Propaganda. Die Erfahrungen in Polen haben erwiesen, dass solche Nachrichten einzig zur Beunruhigung und Erregung der Bevölkerung dienen. Man erinnert daran, dass der polnische Rundfunk die Bevölkerung aufhetzte, alle Fallschirmabspringer als Spione zu betrachten und sie dementsprechend zu behandeln. Das Ergebnis war, dass deutsche Flieger, die abstürzten und mit Fallschirmen sich zu retten suchten, nicht nur von der polnischen Soldateska, sondern auch von Zivilpersonen misshandelt wurden. Die Fallschirmabspringer einer regulären Truppe tun, wie alle übrigen Formationen der Wehrmacht, Dienst in einer für sie geeigneten und besonders geschaffenen Uniform, die den Anforderungen ihrer Tätigkeit entspricht. Diese Uniform kann weder mit der Kleidung von Zivilpersonen noch mit den Uniformen anderer Formationen verwechselt werden.“

Offene Stadt Freiburg i.B. bombardiert

Berlin, 10. — Drei französische Flugzeuge warfen über der Innenstadt von Freiburg i. B. mehrere Bomben ab, wovon eine auf einem Kinderspielplatz explodierte. Insgesamt wurden 35 Erwachsene und Kinder getötet. Die deutsche Luftwaffe wird in Beantwortung dieses jedem internationalen Recht widersprechenden Vorgehens jeden Luftangriff auf die deutsche Zivilbevölkerung mit fünffacher Stärke auf eine französische oder englische Stadt vergelten.

Berlin, 10. — Nach Mitteilung des Oberkommandos der Wehrmacht haben die deutschen Truppen heute um 5 Uhr 30 früh die Reichsgrenzen nach Holland, Belgien und Luxemburg überschritten und jeden feindlichen Widerstand schnell gebrochen. Bei Maastricht wurde der Maasübergang trotz der Brückensprengung durch die Holländer erzwungen.

Berlin, 10. — Der nordamerikanische Geschäftsträger Kirk, der sich auf der Fahrt nach den Vereinigten Staaten befand und gerade München erreicht hatte, kehrte auf die Nachricht vom Einmarsch der deutschen Truppen in Holland, Belgien und Luxemburg wieder auf seinen Berliner Posten zurück.

Berlin, 10. — Alle belgischen und holländischen Staatsangehörigen im Reich müssen sich bis zum Sonnabend (11. Mai) bei der Polizei melden.

Berlin, 11. — Das „Deutsche Nachrichtenbüro“ schreibt zur Ernennung Winston Churchills zum britischen Premierminister, dass mit ihm ein Exponent der Plutokratie, der schon immer den rücksichtslosen Vernichtungskrieg gegen das deutsche Volk predigte, das Regierungssteuer übernommen habe.

Berlin, 11. — Der „Völkische Beobachter“ schreibt zum Beginn des Entscheidungskampfes im Westen: „Der drohende Stoss in Deutschlands industrielles Herz ist vom Füh-

rer wie immer zur rechten Stunde mit einem gewaltigen Gegenschlag pariert worden. Mitten im Aufmarsch trifft Deutschlands Wehrmacht den Feind. Der Krieg ist durch die Verblendung seiner Urheber in sein strategisches Zentrum getragen worden, auf dem die Entscheidung fallen muss.“

Rom, 11. — Der deutsche Botschafter von Mackensen hatte mit dem Duce eine lange Aussprache. Ebenso fand zwischen dem deutschen Botschafter in Moskau, Graf von der Schulenburg, mit dem Volkskommissar des Aeussern, Molotow, eine längere Unterredung statt.

Bern, 11. — Die belgische Regierung liess die Flamenführer Staff, Gramens, Tollenaere und den Rexistenführer Degrelle verhaften.

Newyork, 11. — Dem „New York Daily Mirror“ zufolge liegen gegenwärtig fünf britische Schlachtschiffe, die von deutschen Fliegerbomben beschädigt wurden, in den Werftdocks. Die Schiffe sind für Wochen und Monate ausser Gefecht gesetzt.

Stockholm, 11. — Aus London wird amtlich gemeldet, dass der König heute auf den Vorschlag des neuen Premierministers folgend: fünf Minister des Kriegskabinetts ernannte: Premierminister und Verteidigungsminister Winston Churchill, Lordpräsident des Geheimen Rates Neville Chamberlain, Lordsiegelbewahrer Major Attlee, Aussenminister Lord Halifax, Minister ohne Portfeuille Arthur Greenwood. Weiter ernannte er, ebenfalls auf Vorschlag des Premierministers, folgende Minister der nationalen Verteidigung: Erster Lord der Admiralität Alexander (Arbeiterpartei), Kriegsminister Anthony Eden (Konservative Partei), Luftfahrtminister Sir Archibald Sinclair (Liberales Partei).

Die Alliierten verletzen amerikanische Hoheitsrechte

Amsterdam, 11. — Die Briten und Franzosen haben auf Curaçao und Aruba, dem beiden wichtigsten Inseln Westindiens, Truppen gelandet. Dort befinden sich die grossen Petroleumraffinerien von Shell, die das aus Venezuela kommende Oel verarbeiten. Die Inseln gehören den Holländern und wurden besetzt, obwohl sie von niemanden bedroht sind. Die „Deutsche Diplomatisch-Politische Korrespondenz“ in Berlin schreibt, dass die Besetzung gegen den Wunsch der amerikanischen Republiken vorgenommen wurde, die jegliche Veränderung in der Zone des Panamakanals höchst ungern sehen.

Rom, 11. — Die Faschistische Partei hat den Befehl erhalten, die zivile Mobilmachung Italiens durchzuführen; diese Mobilmachung bezieht sich vor allem auf die Frauen und Minderjährigen zwischen 14 und 18 Jahren.

Rom, 11. — Nach Mitteilung des Abteilungsleiters der Kriegswirtschaft im italienischen Aussenministerium hat Italien durch die britisch-französische Seekontrolle seit Beginn des Krieges einen Schaden von einer Million Lire erlitten.

Bukarest, 12. — Der ehemalige polnische Aussenminister Oberst Beck, der in Kronstadt interniert war, hat mit seiner Familie einen Fluchtversuch unternommen. Es war ihm bereits gelungen, sich mit Frau und Tochter in einem Bukarester Hotel einzumieten. Die Polizei entdeckte jedoch seinen Plan und zwang Beck zur Rückreise nach Kronstadt, wo er indessen bisher nicht angekommen ist.

Berlin, 13. — Der Marinesachverständige der italienischen Zeitung „Popolo d'Italia“ schätzt den Verlust der Westmächte bei den Flottenoperationen in Norwegen auf 120.000 Tonnen Kriegs- und 200.000 Tonnen Transportschiffe. Diese Verluste sind weit grösser als in der Skagerrak-Schlacht, wo die Engländer 115.000 Tonnen verloren.

Köln, 13. — Feindliche Flieger bombardierten in der Nacht vom 12. zum 13. Mai offene westdeutsche Ortschaften und Städte. Bomben fielen auf Aachen, Erkelenz, Beckerheide, Schönhausen und Kückelhoven. Einige Zivilpersonen wurden getötet, Industrieanlagen wurden nicht getroffen und militärische Ziele sind in den genannten Orten nicht vorhanden. — Bei einem Angriff französischer Flugzeuge auf die Stadt Emmerich wurde der Operationssaal eines Lazarets zerstört, wo bei gleichfalls Zivilpersonen den Tod fanden. — In der Stadt Linnich fiel eine Bombe auf den Kirchplatz, eine zweite Bombe traf die Apotheke; hier wurden 9 Personen getötet. Bomben wurden auch auf Wartberg bei Frechen abgeworfen.

Berlin, 13. — Den Eroberern des Forts Eben Emael und der Brücken über den Albert-Kanal überreichte der Führer und Oberste Befehlshaber der deutschen Wehrmacht am Montag persönlich das Ritterkreuz zum Eisernen Kreuz für ihre kühne Tat, wie am Montag aus dem Hauptquartier des Führers gemeldet wird. Aus der Hand des Führers



DIE NÄHMASCHINE FÜR JEDEN HAUSHALT

AGENTEN AN ALLEN PLÄTZEN

THEODOR WILLE & CIA. LTDA.
 AVENIDA RIO BRANCO 79/81 RIO DE JANEIRO

Casa Esperança

 Delikatessen
 Aufschnitt
 Feinkostmittel
 nach deutschem
 Geschmack
 stets frisch
 BARBETRIEB

 Rua 7
 de Setembro 79
 nahe Avenida
 RIO DE JANEIRO
 Telefon: 31-2505

Rio = Besucher

besucht

DANUBIO AZUL

Avenida Mem de Sá 34

Telefon 22-1354

Prima Küche

 Täglich Konzert
 Jmersten Stadt Tanz

"UFAR"

 Electro-Transformadores Ltda.
 Rio de Janeiro, Rua da Alfandega, 84, sobr.
 Telegrammadresse: "UFAR"

Fabrikation von: Transformatoren jeder Art

 Import von: Zimmerantennen
 Stablaternen
 Fahrradlaternen
 Trockenelementen
 Radio-Material
 Messinstrumenten

OTTO MEISTER

 Rua Buenos Aires Nr. 84 / Telefon 23-4772
 Telegr.: "ENSINO" / RIO DE JANEIRO
 Filiale: Praça Patriarcha, 8, 8.º and. / S. PAULO
 Lehrmittel für Gymnasien u. wissenschaftliche Institute - Physik - Chemie - Naturgeschichte - Geographie
 Konstruktion und Reparatur von Präzisionsinstrumenten

Deutsches Heim, Rio de Janeiro

 Rua 7 de Setembro 140 - 1. Stock
 Tel. 42-3601

 Mittag- und Abendessen auch nach der Karte
 Stets frischer Schoppen — Reichhaltige Getränke

Bar und Restaurant Fischerklause

 RIO - Tel. 43-5178
 Rua Th. Ottoni 126 / Deutsche Küche / Brahma-Chopp — Inhaber: Fritz Schaade

Merztetafel Rio

Dr. Archimedes Peçanha

 Adjunto do serviço do Dr. Paulo Brandão
 no H. S. F. de Assis

Ohren-, Nasen- und Halsleiden

Consultorio:

Rua Quitanda 5 — Tel. 22-5550 — Rio

Dr. Fridel-Schöppe

Säuglings- und Kinderarzt. Moderne Behandlung der Ernährungsstörungen (Bredurchfall, Blutarmut, Tuberkulose und Hautkrankheiten, Ultraviolett-Strahlen).

 Consultorio: Rua Miguel Couto 5
 von 2—5 Uhr. Tel. 22-0713. — Wohnung:
 Tel. 22-9930 Rio de Janeiro

Haut- und Geschlechtskrankheiten

Dr. Paul Cardozo-Legène

in Deutschland ausgebildeter und approb. Arzt

Rua Alcindo Guanabara 15, 4. Stock

Telephon 22-0912 Rio de Janeiro

Sprechstunden: 9—12 und 3—6

Samstag: 9—11 und 12—3 Uhr

Breikwert Kölnisch Wasser Erfrischend

das beliebte Qualitätsprodukt der

Deutschen Apotheke - Rio

Rua da Alfandega 74 - Tel. 23-4771

Casa Germania

RESTAURANT UND BAR

GEORGI & FUCHS

SPEZIALITÄT: Mittag- u. Abendessen

Aufschnitt

RUA DOMINGOS FERREIRA, 220 — RIO

(Ecke Barão de Ipanema)

Geöffnet bis 1 Uhr nachts — Tel. 47-0805

2 Italienisch-Deutsche Musikabende

im grossen Saal der „CASA D'ITALIA“

Rio de Janeiro, für das

Deutsche Rote Kreuz

MITWIRKENDE:

 Violeta Coelho Netto de Freitas
 Maria Amelia Rezende Martins
 Christina Maristany
 Francisco Mignone
 Tomás Terán
 Oscar Bergerth

PROGRAMM:

 Italienische und deutsche Musik u. a.
 Beethoven — Pathétique
 Brahms (Violin-Sonate in D-Moll)
 Correlli (Variationen)
 Frescobaldi (Toccata und Fuga)
 Rossini — Puccini (Arien)
 Mignone (Lenda n.º 7 Congada)
 Schubert-Brahms-Mignone (Lieder)

 Das erste Konzert findet am **18. Mai, abends 9 Uhr** statt.
 Das zweite Konzert am **29. Mai, abends 9 Uhr.**

Einlasskarten je Konzert 11\$000, inkl. Steuer.

VORVERKAUF:

Casa d'Italia — Bonbonniere Allemä — Deutsche Apotheke.

URCA - RIO

 Bar u. Restaurant / TABAJARAS
 Rua Candido Gaffrée 205

 An der Praia gelegen, herrliche Aussicht auf
 die Bucht - Deutsche Spezialplatten, End-
 station der Omnibuslinien Nr. 13 und 41,
 Telefon: 26-1145 / Rio de Janeiro

BAR ALPINO

 RIO DE JANEIRO / Rua Gustavo Sampaio 115
 Avenida Atlantica Nr. 142 / Telefon: 47-0939

 Angenehmer Aufenthalt / Bayrische
 Stimmungsmusik / Erstkl. Bar- u. Restau-
 rations-Betrieb / Ww. Karoline Krips

Bertretung

des

Deutscher Morgen

Rio de Janeiro

R. dos Andradas 84

2. Etod, App. 23

Telefon 23-4977

Franz Humlin

erhielten folgende Offiziere der Luftwaffe das Ritterkreuz des Eisernen Kreuzes: Hauptmann Koch, Oberleutnant Witzig, Oberleutnant Altmann, Oberleutnant Kies, Leutnant Delica und Leutnant Meissner. Für die bei der Durchführung des Unternehmens verwundeten Leutnants Schacht und Schächter nahm der Hauptmann Koch die Ritterkreuze in Empfang. Gleichzeitig beförderte der Führer den Hauptmann Koch zum Major, den Oberleutnant Witzig zum Hauptmann.

Holländische Regierung geflohen

Stockholm, 14. — Nach einer amtlichen Mitteilung der holländischen Telegraphenagen-

PETER JURISCH

RECHTSANWALT

 RIO DE JANEIRO — CAIXA POSTAL 136
 EDIFICIO ODEON, SALA 809

tur ist die Regierung der Niederlande aus dem Haag nach London geflohen. Königin Wilhelmine, Thronfolgerin Juliana mit ihren beiden Töchtern nebst ihrem Gatten, Prinz Bernhard, sind gleichfalls in London eingetroffen.

Berlin, 14. — In Arnheim fanden die deutschen Truppen 32.000 Generalstabskarten vom Rheinland, die im Gebäude eines holländischen Divisionsstabes verborgen waren.

Berlin, 14. — Die deutsche Presse sieht in Duff Cooper, dem neuen Informationsminister Britanniens, den Anstifter für die neue Welle der Lügen-, Verleumdungs- und Greuelmeldungen über Deutschland.

Genf, 14. — Die Grossherzogin Charlotte von Luxemburg ist in Begleitung des Prinzegehalts und ihrer Kinder in Paris eingetroffen.

Washington, 14. — Der Präsident des Heeresausschusses des Repräsentantenhauses stiess mit seinem Vorschlag, den sogenannten Johnson-Akt zu annullieren, auf lebhaften Widerspruch. Jenes Gesetz sieht nämlich vor, dass an keine Nation neue Anleihen oder Kredite

gewährt werden dürfen, die ihre Schulden aus dem Weltkriege noch nicht bezahlt haben. Senator Johnson selbst erklärte, die Erfahrung aus dem Weltkrieg habe gelehrt, dass der sicherste Weg, in einen Krieg hineingezogen zu werden, darin bestehe, an einen der Kriegführenden Anleihen zu gewähren. Er erinnerte dabei an den Ausspruch des Bankiers Bernard Baruch (Jude), des Ratgebers Roosevelts: „Unsere Herzen werden immer auf der Seite derjenigen sein, die unser Geld haben.“

Rom, 14. — Wie der T.-O.-Vertreter meldet, herrscht in Italien die Ansicht vor, dass der Krieg sich jetzt mit Riesenschritten seinem Ende nähert. Von Tag zu Tag gewinne der Gedanke des Eintritts Italiens mehr an Boden. Selbst die Pessimisten, die bisher die Lage Italiens im Mittelmeer für sehr unvorteilhaft ansahen, kommen angesichts der vom Reich gegen England geführten Schläge zu der Ueberzeugung, dass der britische Kriegswille in wenigen Wochen gebrochen sein wird. Die Landung deutscher Truppen in England wird als durchaus möglich erörtert. Ein italienischer Offizier äusserte sogar: „Es könnte sich ergeben, dass die englische Admiralität in London durch Bomben zerstört würde und dass die Engländer im Mittelmeer ausser Gefecht gesetzt würden, bevor die britischen Admirale überhaupt in Aktion treten.“

Die holländische Armee kapituliert

Berlin, 14. — Grösstes Aufsehen hat in der ganzen Welt die am fünften Tag des deutschen Vormarsches im Westen bekanntgegebene Kapitulation der holländischen Wehrmacht hervorgerufen. In der Reichshauptstadt herrscht darüber grosse Begeisterung. Die Zeitungen stellen fest, dass die Entfernung vom westlichen Holland bis zur Südküste Englands jetzt nur noch 200 bis 300 Kilometer beträgt. Die Einnahme der Städte Dinant, Givet und Sedan, die Besetzung Lüttichs sowie erfolgreiche Angriffe auf britische Kriegsschiffe und Transporter im Kanal stehen im Mittelpunkt des Tagesgesprächs. Allgemein wird festgestellt, dass England sich diesmal grundsätzlich in der Einschätzung der deutschen Schlagkraft geirrt hat und dass es jetzt selbst den Kampf durchfechten muss, den es am 3. September an Deutschland erklärte.

Berlin, 14. — Deutsche Truppen haben britische, französische und belgische Kräfte an der Geste geworfen und verfolgen sie in Richtung auf die Dyle-Stellung bei Loewen und Wavre.

Köln, 15. — Feindliche Flieger warfen in der Nacht vom 12. zum 13. Mai über dem Stadtgebiet von Köln Bomben ab. Glücklicherweise wurde nur Sachschaden angerichtet.

Berlin, 15. — Das deutsche Oberkommando gibt den Durchbruch durch die Verlängerung der Maginot-Linie bei Sedan bekannt. Die deutschen Truppen haben auch zwischen Namur und Givet in Belgien die Maas überschritten. Zwei Forts der starken Festung Namur wurden bereits genommen.

Das Oberkommando der Wehrmacht gibt bekannt...

Hauptquartier des Führers, 10. (T.-O.) — Das deutsche Oberkommando teilt am Freitag mit:

„Angesichts einer bevorstehenden feindlichen Aktion, um das belgische und holländische Gebiet in den Krieg einzubeziehen und der folgerichtigen Bedrohung des Ruhrbeckens hat das deutsche Heer am 10. Mai den Angriff an der deutschen Westfront auf einem sehr weiten Frontabschnitt begonnen. Gleichzeitig hat die deutsche Luftwaffe mit grossem Erfolg die feindlichen Flugplätze mit Bomben belegt und hat mit starken Kampfstärken in die Bodenkämpfe eingegriffen, um das Heer zu unterstützen. Der Führer und Oberste Befehlshaber hat sich nach der Front begeben, um die Gesamtoperationen zu leiten.“

Hauptquartier des Führers, 11. (T.-O.) — Das Oberkommando der deutschen Wehrmacht teilt am Sonnabend mit:

„Das deutsche Heer warf an den belgisch-holländisch-luxemburgischen Grenzen feindliche Truppenteile zurück und befindet sich trotz zahlreicher Brückensprengungen und anderer Hindernisse in schnellem Vormarsch. An verschiedenen Punkten haben sich die Fallschirm-Abteilungen bei den Kämpfen hervorgetan, die der Luftwaffe zur Sicherung beigegeben sind. In ständigem Eingreifen unterstützen die Luftstreitkräfte das Heer und zerstören oder beschädigen mit ihren Bomben jede Art von Befestigungen, Eisenbahnen und Brücken. In

Rom, 15. — In britischen Kreisen in Rom rechnet man nach der Kapitulation Hollands mit einer deutschen Landung in England. Man fürchtet eine Ausdehnung der Blitzkriegtaktik, wie sie in Polen, Norwegen und Holland angewandt wurde. Dabei wird betont, dass England keineswegs auf einen Krieg im eigenen Lande vorbereitet ist. Man spricht daher bereits von einer Verlegung der Regierung nach Nordirland, und falls sie dort nicht mehr sicher sei, nach Kanada. Ebenso soll die Kriegs- und Handelsflotte, soweit sie noch Bewegungsfreiheit hätten, nach Kanada geschafft werden. Bezüglich der französischen Regierung hat man ein Asyl in Kanada gleichfalls als Ideallösung in Aussicht genommen.

Erweiterung der Aufklärung wurde völlige Klarheit über die Bewegungen der feindlichen Heere geschaffen. Mit schärfstem Einsatz der deutschen Luftflotte wurde am 10. Mai der erste Tiefenangriff durchgeführt und in Frankreich, Belgien und den Niederlanden die feindlichen Flugstützpunkte angegriffen. 72 Flughäfen wurden angegriffen, wobei auf dem



Boden zwischen 300 und 400 feindliche Flugzeuge vernichtet wurden, zahlreiche Landplätze wurden zerstört und die Flugzeugschuppen durch Brand und Explosionen vernichtet. Ganz besonders wurden bei diesem Angriff die französischen Luftbasen Metz, Nancy, Romilly, Reims, Dijon und Lyon in Mitleidenchaft gezogen.

Bei den Luftkämpfen verlor der Gegner

23 Apparate, 11 eigene wurden abgeschossen, 15 werden vermisst. Wie bereits mitgeteilt wurde, hat der Feind am 10. Mai die Stadt Freiburg bombardiert und in der Nacht vom 10. zum 11. Mai Brandbomben auf Zivilpersonen abgeworfen, von denen mehrere verletzt wurden und geringer Materialschaden verursacht wurde. Drei feindliche Flugzeuge wurden von der Flak abgeschossen. Ferner wurden versenkt: durch Bomben zwei Handelsdampfer von 5000 und 2000 Tonnen zwischen Calais und Duenkirchen, ein feindliches U-Boot durch unsere U-Boote und ein Zerstörer durch ein deutsches Schnellboot versenkt. In Norwegen ist die Lage unverändert. Vor Narvik konnte ein englisches Schlachtschiff und ein Kreuzer durch mehrere Bomben verschiedenen Kalibers getroffen werden."

Hauptquartier des Führers, 12. (T.-O.) — Das Oberkommando der Wehrmacht veröffentlicht folgenden Heeresbericht:

„In enger Zusammenarbeit zwischen Heer und Luftwaffe wird der deutsche Angriff im Westen an der ganzen Front rasch weitergeführt. In Nordost-Holland haben die deutschen Truppen die Provinz Groningen besetzt. Harlingen und die Ostküste der Zuidersee wurden erreicht. Nach dem Durchbruch durch die IJssel-Stellung wurde auch in direktem Angriff in westlicher Richtung die Grebbe-Linie, die sich von Amersfoort bis Rhenen und Maas bis südlich zur Peel-Stellung hinzieht, durchstossen. Zwischen Hasselt und Maastricht wurde der Übergang über den Albert-Kanal erzwungen. Wie durch Sondermeldung bereits bekanntgegeben, befindet sich das Fort Eben Emael, südlich von Maastricht, der stärkste Eckpfeiler Lüttichs, in deutscher Hand; der Kommandant und die Besatzung in Stärke von 1000 Mann ergaben sich. Vor Lüttich drangen die deutschen Truppen teilweise tief in das Vorfeld der Befestigung ein. Auch die im Süden Belgiens vordringenden Teile des deutschen Heeres gewinnen schnell an Boden, trotz des Widerstandes des Feindes. Ganz Luxemburg ist in deutscher Hand. Am 11. Mai setzte die deutsche Luftwaffe ihren am Vortag begonnenen Grossangriff gegen die feindliche Luftwaffe in Frankreich, Belgien und Holland fort.

Wiederum wurde eine Anzahl von Flugplätzen angegriffen, Hallen in Brand gesetzt, Werften zerstört und Munitionslager, Tanks und Minen in die Luft gesprengt. Allein auf dem Flughafen Vreux konnten 30, auf dem Flughafen von Orleans 36 Flugzeuge vernichtet werden. In Luftkämpfen wurden 53 feindliche Flugzeuge abgeschossen, die Flak holte 12 Apparate herunter. Es kann als sicher angenommen werden, dass auch am gestrigen Tage insgesamt 300 Flugzeuge unserem Angriff und unserer Luftverteidigung zum Opfer fielen. Truppenkonzentrationen, Transportzüge, Eisenbahneinrichtungen, in Marsch befindliche Kolonnen und Lastkraftwagen Transporte hinter der belgischen und französischen Front waren Ziele wirksamer Angriffe. An der belgischen und holländischen Küste wurden Seestreitkräfte, Transportzüge und Landungen angegriffen, in Vlissingen wurden drei Transporter aufs Korn genommen und ein Tanker getroffen, in der mittleren Nordsee wurde durch Bomben ein feindlicher Zerstörer vernichtet. In der Nacht vom 11. zum 12. Mai versuchten vereinzelt Flugzeuge den Einflug nach Westdeutschland und griffen wiederum eine Reihe nichtmilitärischer Ziele ohne besonderen Erfolg an. Die eigenen Verluste an Flugzeugen sind, verglichen mit den erzielten Erfolgen, wieder als sehr geringfügig zu bezeichnen. 35 Flugzeuge werden vermisst.

Hauptquartier des Führers, 13. (T.-O.) — Das Oberkommando der Wehrmacht gibt am Montag bekannt:

„Der Angriff der deutschen Wehrmacht im Westen machte am 12. Mai gute Fortschritte. In Holland gehen deutsche Truppen westlich des Süd-Willem-Kanals vor. Sie haben die Verbindung mit den in Rotterdam auf dem Luftwege gelandeten Truppen hergestellt. In Belgien wurde der Übergang über den Albert-Kanal auch nordwestlich Hasselt erzwungen. Unsere Truppen sind westlich von Lüttich im Vorgehen, nördlich der Maas nach Westen und sind in die Stadt Lüttich eingebrochen. Auf der Zitadelle weht seit dem 13. Mai vormittags die deutsche Flagge, während einzelne Aussenforts der Besetzung noch Widerstand leisten. Oestlich der Ourthe in Südbelgien wurden französische Truppen geworfen. Unsere Divisionen sind dort in flüssigem Vormarsch und nähern sich mit ihren Anfängen schon dem gesteckten Ziel. Südlich Saarbrücken und südostwärts Zweibrücken wurden unsere Stellungen vorverlegt und dabei mehrere Hundert Gefangene gemacht. Das Vorgehen des Heeres wurde durch Angriffe der Luftwaffe gegen Truppenansammlungen,

Marschkolonnen, Eisenbahnen wirkungsvoll unterstützt. Ausserdem setzte die Luftwaffe den Grosskampf um die Luftüberlegenheit über dem westlichen Operationsraum mit fühlbarem Erfolg fort. Insgesamt sind am Sonntag etwa 320 Flugzeuge vernichtet worden. Allein 25 Flugzeuge bei einem britischen Angriff auf die Maasübergänge bei Maastricht sind durch Flakartillerie zum Absturz gebracht wurden. Die eigenen Verluste waren gegenüber denen des Feindes und gemessen an den Erfolgen auch am gestrigen Tage gering. Sie betragen 31 Flugzeuge. Auch auf See erlitt der Feind starke Einbusse. Vor der holländischen Küste wurde ein Kreuzer durch Bombentreffer schwer beschädigt, ein Kreuzer der Southhampton-Klasse versenkt, sieben weitere Handelsschiffe getroffen und in Brand geschossen.

Vor Narvik, wo verstärkte feindliche Seestreitkräfte auftraten, erlitten ein Zerstörer und vor Hemmesoy ein Kreuzer durch Bomben-

treffer schwere Beschädigungen. Den in Mitelnorwegen bei Mosjön und bei Mo operierenden deutschen Truppen sind weitere Verstärkungen zugeführt. Die Gruppe Narvik stellt im Abwehrkampf gegen einen weit überlegenen Feind."

Hauptquartier des Führers, 14. (T.-O.) — Das Oberkommando der Wehrmacht teilt mit: „In Holland wurde die Bresche in der Grebbe-Linie südöstlich vom Amersfoort erweitert und in Richtung Utrecht ein Geländegewinn verzeichnet. Unsere Streitkräfte drangen, vom Süden kommend, in die Festung Holland ein; unsere vorrückenden Truppen sind nach Vernichtung feindlichen Widerstandes in Dordrecht bis Rotterdam vorgerückt. Weiter südlich stehen unsere Truppen an der Scheldemündung und sind über Breda hinausgekommen. Rozendaal wurde genommen. In Belgien wurde gestern der Turnhout-Kanal südöstlich der Stadt gleichen Namens überschritten, noch mehr südlich wurde die grosse

Gette erreicht. Nördlich von Namur stiessen unsere Panzertruppen auf feindliche Panzerformationen, die sich nach schweren Schlägen durch vorausgehende Luft- und Landangriffe auf die Dyle-Linie zurückzogen. Lüttich ist in deutscher Gewalt. Im Gebiet südlich der Linie Lüttich-Namur sind unsere Truppen über die Ardennen gegangen, die Vorhut ist zwischen Namur und Givet an die Maas gelangt.

Auch in Südfrankreich sind unsere Bewegungen schnell und planmässig durchgeführt worden. Fast überall wurde die französisch-luxemburgische Grenze bis zur Höhe von Mezieres nach Charleville erreicht und vielfach die französische Grenze überschritten. Unter dem Schutze unaufhörlicher Luftangriffe und deren ungeheuren Wirkungen konnte die Maas auch auf französischem Boden überschritten werden. Südlich von Saarbrücken zeichnete sich der Leutnant eines Infanterieregiments, Otto Schulz, durch Unerschrockenheit aus. In Ausweitung der gestrigen Erfolge drangen wir im Gebiet von Merzig und südlich Pirmasens in die feindlichen Stellungen ein und brachten englische und französische Gefangene zurück. Mehrere feindliche Flugplätze wurden angegriffen. Allein auf dem Flugplatz Hamstede wurden 26 Apparate am Boden zerstört. Am 13. verlor der Feind insgesamt 150 Flugzeuge, 47 in Luftkämpfen und 37 durch Flak; 27 eigene Apparate kehrten nicht zurück."

Berlin, 14. (T.-O.) — Amtlich wird hier heute abend gemeldet, dass Rotterdam kapituliert hat.

Das Oberkommando der deutschen Wehrmacht gibt bekannt: „Nach der Kapitulation Rotterdams und angesichts der drohenden Gefahr für die holländische Hauptstadt und Utrecht hat der Oberkommandierende der Holländer das Nutzlose eines Widerstandes eingesehen und den Truppen Befehl erteilt, den Kampf einzustellen. In der Provinz Zeeland wird noch gekämpft. — Im Norden Belgiens verfolgen deutsche Panzertruppen den fliehenden Feind und haben das historische Schlachtfeld Ligny erreicht. Die Provinz Zeeland stellt eine Gruppe von Inseln dar, deren friedliche Besetzung eine Frage von Tagen ist. Der grosse Sieg wurde in engster Zusammenarbeit von Land- und Luftwaffe errungen."

Hauptquartier des Führers, 15. (T.-O.) — Das Oberkommando der Wehrmacht teilt heute mittag mit:

„Angesichts der Nutzlosigkeit eines Kampfes gegen die Ueberlegenheit des Angriffes der deutschen Land- und Luftwaffe hat die Festung Holland kapituliert. In Belgien erreichten die den auf dem Rückzug befindlichen Feind verfolgenden Divisionen Dyle. Zwischen Namur und Givet wurde die Maas in breiter Front überschritten. Am westlichen Ufer des Flusses wurde ein Gegenangriff französischer Tanks abgewiesen. Deutsche Kampfflugzeuge und Zerstörergeschwader nahmen am Kampf teil, wobei sie eine grosse Anzahl von Tanks vernichteten. Beim Uebersteigen der deutschen Truppen durch die feindlichen Linien in Sedan wurde die nordöstliche Verlängerung der Maginot-Linie durchbrochen. An dieser Operation hatte die deutsche Luftwaffe wirksam Anteil. Auch in diesem Sektor scheiterten die französischen Gegenangriffe mit schweren Verlusten für den Feind. Bei den Angriffen auf die Saar zeichnete sich Hans Schöne, Oberleutnant eines Infanterieregiments, durch seinen ausserordentlichen Mut aus; er stürmte mit seiner Kompanie eine feindliche Position südlich von Pirmasens.

„Die hauptsächlichsten Operationen der Luftwaffe am gestrigen Tage waren Angriffe gegen die rückwärtigen Verbindungen des Feindes, seine Strassen und Transporte, wie auch Entladestationen. Die feindlichen Versuche, die deutschen Aktionen aufzuhalten, indem starke Luftverbände eingesetzt wurden, sind unter schweren Verlusten für den Feind abgeschlagen worden, der die Bewegungsfreiheit der deutschen Luftstreitkräfte nicht einzudämmen vermochte.

An einer bestimmten Stelle wurden 70 englische und französische Jagd- und Kampfflugzeuge abgeschossen. Gestern beliefen sich die Gesamtverluste des Feindes auf über 200 Flugzeuge, von denen 170 im Luftkampf abgeschossen, 17 von den Flaks heruntergeholt und die übrigen auf dem Boden vernichtet wurden. 35 deutsche Flugzeuge sind nicht nach ihren Heimathäfen zurückgekehrt. Die bewaffneten Aufklärungen an der holländischen Küste brachten grosse Erfolge. Wie schon gemeldet, sind zwei Kreuzer und ein Zerstörer durch deutsche Flugzeugbomben versenkt, ein weiterer Kreuzer schwer beschädigt, ein 25.000-Tonnen-Handelsschiff beschädigt sowie vier Transporter vernichtet worden. Die Verteidigung Narviks wird fortgesetzt."

CALMA! Deveres do cidadão em face da neutralidade brasileira

Faz hoje exactamente uma semana que começou a batalha decisiva desta guerra europeia. Mal se podem conceber os resultados até aqui registados. Nomes e algarismos impressos nada dizem. Dão-nos apenas uma pallida idéa do avanço victorioso do Exército Allemão, constituído de milhões de homens, no occidente europeu. Nós, como crentes na victoria das armas teutas, e os outros, como inventores, ás cegas, de derrotas, encontramos-nos afastados demais do scenario da luta, para nos abalancarmos a assumir o papel de advogados ou juizes nesta hora em que se decide a sorte da revolução e do futuro europeus.

Somos apenas assistentes do grandioso espectáculo. Nenhuma discussão acalorada, por mais necessaria que pareça, faz com que esta bomba ou aquella granada tombem de modo diferente do determinado pelo Estado Maior allemão em obediencia a planos previamente delineados. Por mais humanamente comprehensivel que possa parecer a expressão impulsiva de um sentimento, a manifestação de uma opinião ou uma discussão entre amigos, tudo isso deve ser considerado superfluo, se apenas serve para alardear uma sabichonice egoistica ou ostentar o conhecimento mais ou menos dissimulado dos sabetudo ou dos estrategistas de mesa de café.

E com maior propriedade ainda isso deve ser dito em relação ás scenas nas vias publicas, onde elementos provocadores e hostis desejariam abafar sua sanha num innocente qualquer. Não vae bem, sovar por ahi phrases ocas, quando gente de pulso arrisca a vida a todo segundo. O silencio é duplamente valioso neste instante. Façamos, pois, todos, uma lei não reduzida a termos da attitudde silente, clara e firme brotada do dever intimo.

Die Ruhe behalten! Verpflichtung gegenüber der brasilianischen Neutralität

Die entscheidende Schlacht dieses europäischen Krieges währt jetzt genau acht Tage. Ihre bisherigen Ereignisse sind kaum fassbar. Gedruckte Namen und Zahlen sagen nichts. Sie geben nur blasse Vorstellungen vom sieghaften Vormarsch der deutschen Millionennarmee im Westen. Wir sind als Gläubige an ihren Sieg, die anderen als blinde Erfinder von Niederlagen zu weit vom Kriegsschauplatz entfernt, um uns zu Anwälten oder Richtern dieser Schicksalsstunde der europäischen Revolution und Zukunft aufzuwerfen. Wir sind Aussenstehende. Keine Erreiferung, mag sie noch so notwendig erscheinen, lässt auch nur eine Bombe oder Granate anders fallen, als der deutsche Generalstab planmässig bestimmte. So menschlich verständlich ein impulsiver Gefühlsausdruck, eine Erörterung oder eine Aussprache unter Kameraden erscheint — sie ist überflüssig, wenn sie nur der Befriedigung eines egoistischen Besserwissens, der bemäntelten Neunmalklugheit oder Biertischstrategie dient.

Erst recht auf der Strasse, wo missgünstige provozierende Elemente ihr Mütchen an einem Ahnungslosen kühlen möchten. Es geht nicht an, billige Phrasen zu dreschen, wo ganze Kerle in jeder Sekunde ihr Leben einsetzen. Das Schweigen ist zur Stunde doppelt kostbar. Die aus der inneren Verpflichtung geborne stille, klare und feste Haltung sei darum uns allen ein ungeschriebenes Gesetz.

Damit werden auch jene sogenannten Intellektuellen, die das deutsche Volk offen als „Hunnen“, „Barbaren“ und „Kosaken“ be-

Graças a isso, também esses assim chamados intellectuaes, aos quaes era permitido dirigir, abertamente, improperios ao povo tudesco, dando-lhe os epithetos de „hunos“, „barbaros“ e „cossacos“, se veem privados do prazer barato de deitar seu despejo sem pé nem cabeça. Sem duvida foi mui intencionalmente que o clarividente chefe do governo brasileiro, s. ex. o Presidente da Republica Dr. Getulio Vargas, o creador do Estado Novo, apontou, precisamente nestes dias, para a observancia estricta da neutralidade brasileira.

Este Paiz offerece protecção e dá o pão de cada dia a muitos milhares de filhos das nações belligerantes da Europa, tanto que é, nada mais nada menos, um dever de gratidão natural, que individuo isoladamente considerado e politicamente interessado observe, uma attitudde leal em relação ás leis leaes da neutralidade deste Estado soberano.

Podemos ter plena convicção de que o accleramento dos successos europeus offerece parcas oportunidades para commentarios unilateraes a quaesquer abundantes escrevedores sophisticos ou propagandistas pagos. Exclue-se, assim, automaticamente, esse perigo que pairava no espaço e que provinha, durante os oito mezes de guerra já transcorridos, de uma excitação irresponsavel através da imprensa. Podemos, pois, aguardar, tranquillamente, o ulterior desenrolar dos acontecimentos.

Seja como for, nada altera na realidade de que a Inglaterra e a França declararam a guerra á Alemanha em 3 de setembro de 1939 e que agora os adversarios foram chamados, finalmente, para a liça onde se fere a batalha decisiva. Isto é a verdade e continua a ser a verdade, tanto que porisso ninguém carece de se deixar abalar por uma colerica grita de desespero. ep.

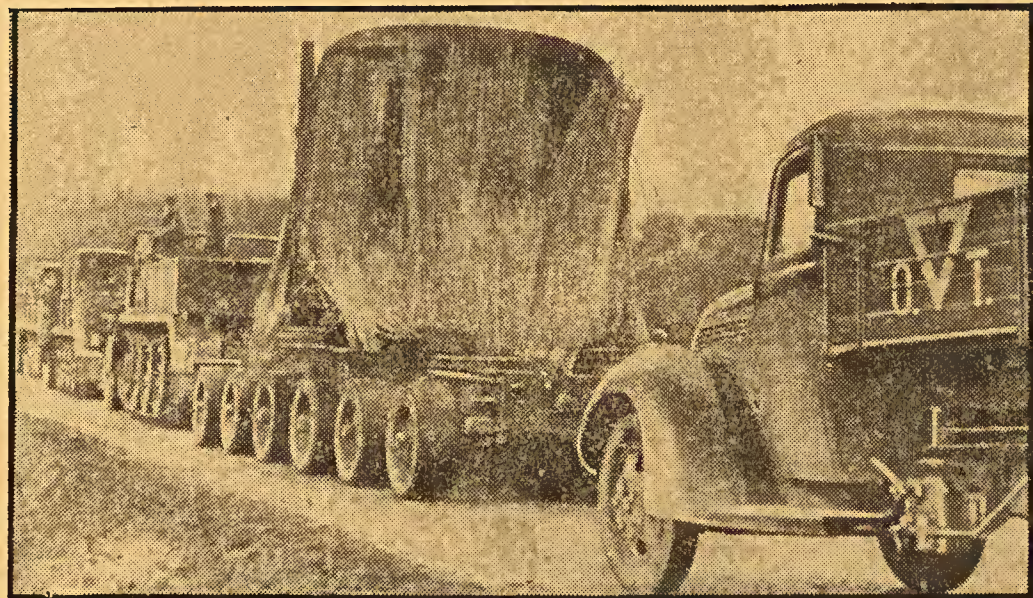
schimpfen dürfen, um die unsauberen Ziele ihrer geschichtslosen Ergüsse gebracht. Sicher mit voller Absicht hat Brasiliens weit-schauender Regierungschef, Bundespräsident Dr. Getulio Vargas, der Schöpfer des Estado Novo, gerade in diesen Tagen auf die strikte Einhaltung der brasilianischen Neutralität hingewiesen.

Dieses Land bietet vielen Tausend Angehörigen der kriegführenden Nationen Europas Schutz und Brot, und es ist nicht mehr als eine selbstverständliche Dankeschuld, dass sich der einzelne, politisch interessierte Mensch den loyalen Neutralitätsgesetzen des souveränen Staates gegenüber selbst loyal verhält.

Man darf die Ueberzeugung hegen, dass das Tempo der europäischen Entwicklung irgendwelchen sophistischen Vielschreibern oder bezahlten Propagandisten nur knappe Gelegenheit zu einseitigen Kommentaren bietet. So wird ganz automatisch jene Gefahr ausgeschaltet, die sich während der acht Verhandlungsmonate des Krieges durch eine unverantwortliche Pressehetze ergab. Mit aller Ruhe kann der weitere Gang der Ereignisse abgewartet werden.

Schliesslich ist an der Tatsache nicht zu rütteln, dass England und Frankreich am 3. September 1939 den Krieg an Deutschland erklärt haben und dass der Gegner jetzt endlich zur entscheidenden Schlacht gestellt wurde. Das ist wahr und bleibt wahr, und darum braucht sich auch niemand durch ein wütendes Verzweiflungsgeschrei erschüttern zu lassen. ep.

Uma turma da Organização Todt conduzindo uma carga de 30.000 quintaes. Vemos aqui uma pesadíssima cupula de aço de blindagem sobre uma plataforma especial tirada por grandes tractores de roda de lagarto.



Die Männer von der Organisation Todt — Eine Last von 30 000 Zentnern. — Drei grosse Raupenschlepper sind nötig, um die schwere Panzerkuppel zu transportieren. Sie ruht auf einem besonderen Fahrgestell.

Transporte de feridos por avião — Assistimos aqui á chegada de um avião da Cruz Vermelha Alemã num dos campos de pouso nas proximidades de Oslo e á trasladação de soldados feridos, cuidadosamente conduzidos, para os automóveis já de promptidão.



Verwundetentransport mit dem Flugzeug — Ankunft eines Roten-Kreuz-Flugzeuges auf einem Flughafen in der Nähe von Oslo. Behutsam werden die Verwundeten von Bord des Transporters in die bereitstehenden Kraftwagen des Roten Kreuzes gebracht.

Narvik e respectiva circumvizinhança.



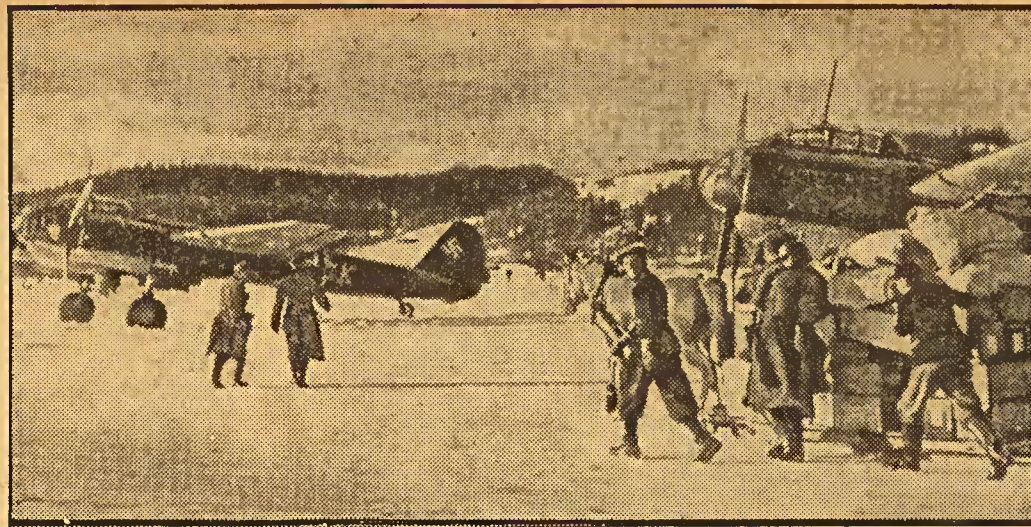
Narvik und Umgegend.

No aérodromo de Oslo — Vemos aqui uma sentinella junto á entrada do posto de comando do campo de aviação de Oslo, depois da respectiva ocupação pelas forças armadas teutas.



Auf dem Flugplatz von Oslo — Am Eingang zur Fliegerhorstkommandantur des Flughafens von Oslo steht nach der Besetzung durch deutsche Streitkräfte ein deutscher Posten.

Pouso num lago congelado da Noruega — A photographia apresenta avioes militares tentos e, á direita, um tosco trenó tirado a cavallo em que é transportada a bagagem dos aviadores.



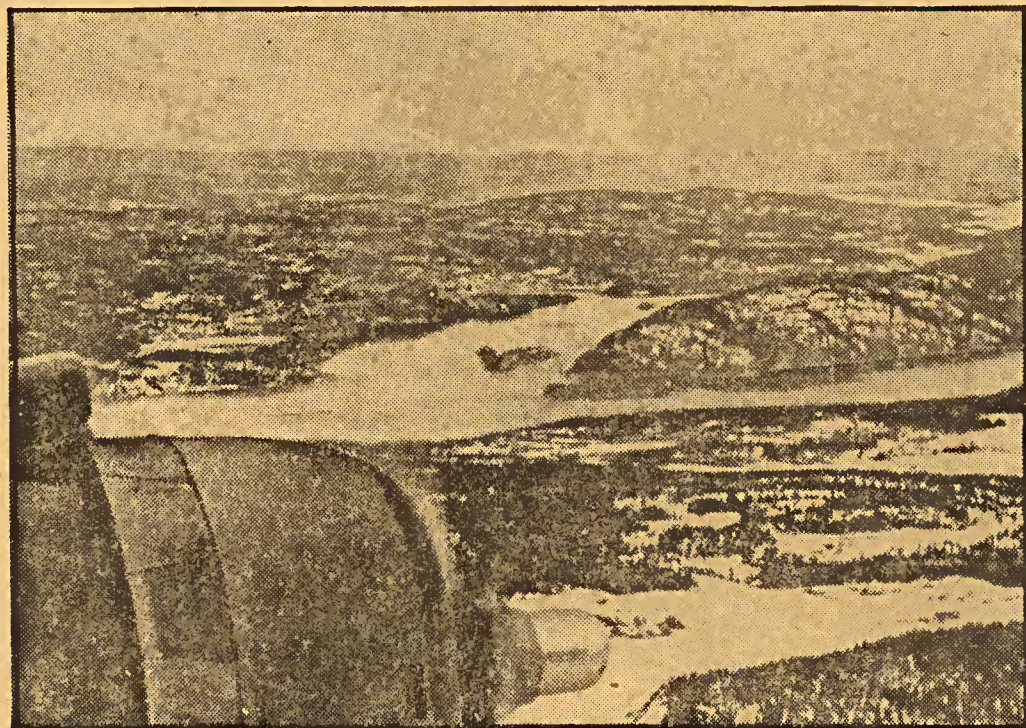
Landung auf einem zugefrorenen norwegischen See — Hier waren die deutschen Maschinen, auf einem noch zugefrorenen See in Norwegen gelandet. Auf primitiven Pferdeschlitten wird das Gepäck abtransportiert.

Baldur v. Schirach na frente de luta — O commandante da divisão alemã cumprimenta Baldur v. Schirach, chefe da Juventude Alemã, que acaba de ser removido para a frente, onde se juntou ás tropas, como asneçada.



Baldur v. Schirach bei der Fronttruppe — Der Divisionskommandeur begrüsst Baldur von Schirach, der jetzt als Gefreiter zur Fronttruppe versetzt wurde.

Aviões de combate alemães aproximam-se aqui de Oslo.



Auf dem Flug nach Norwegen — Deutsche Kampfmaschinen nähern sich Oslo.

Soldados tentos ao serem transportados, de avião, para a capital norueguesa.



Deutsche Truppen werden im Flugzeug nach Oslo gebracht.

Carro blindado na vanguarda das forças alemãs — A infantaria das forças de ocupação teutas na Noruega avança protegida por tanques.



Panzerwagen an der Spitze der vorgehenden Truppen — Die Spitze der vorgehenden Truppen in Norwegen bilden Panzerkampfwagen, unter deren Schutz die Infanterie ihren Vormarsch durchführt.

Luta em alto mar — Quando de uma das travessias de tropas alemãs para a Noruega, foi posto a pique um destroyer inglês. Attingido pelos alemães, o barco se incendiou.



Kampf auf hoher See — Während der Ueberfahrt nach Norwegen wurde ein englischer Zerstörer vernichtet. Er geriet in Brand und sank nach kurzer Zeit. Im Vordergrund der Bug des deutschen Kriegsschiffes.



Norwegens Nationalheiligtum ist unversehrt — Wie seinerzeit im Polenfeldzug die angebliche Zerstörung des Muttergottesbildes von Tschenschau, so hat sich jetzt auch die vom feindlichen Rundfunk gemeldete Bombardierung des norwegischen Städtchens Eidvold-Bygningen als Falschmeldung erwiesen.

A' esquerda:

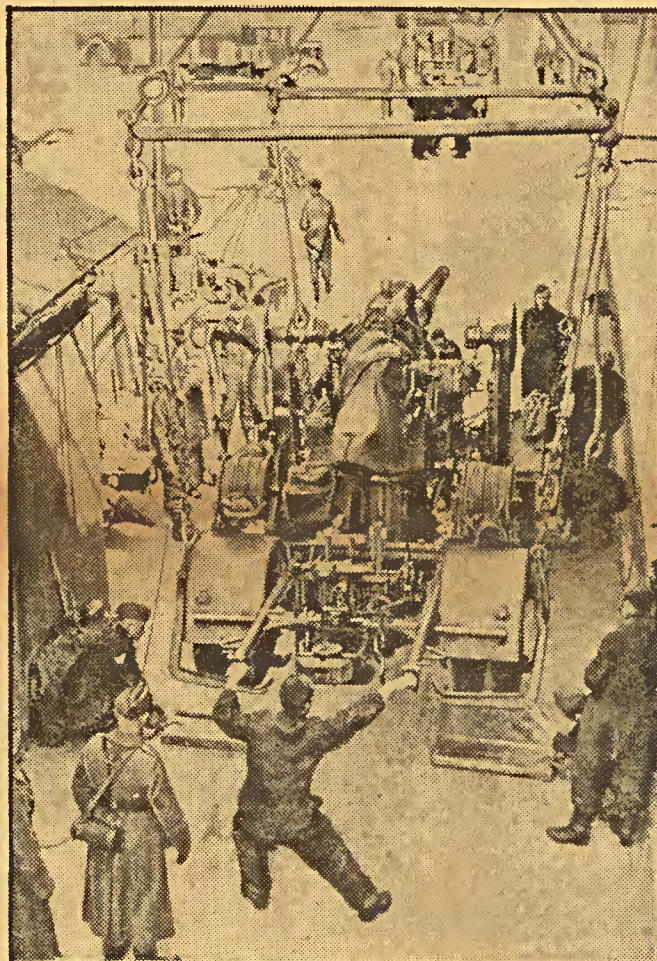
Continua intacto o sacrário nacional da Noruega — Da mesma forma que se assoalhou, quando da campanha na Polónia, que havia sido destruída pelos teutos a imagem de Nossa Senhora Preta de Tschenschau, também agora o rádio aliado divulgou a patranha do bombardeamento da cidadezinha norueguesa de Eidvold-Bygningen.

A' direita:

Chegam à Noruega cada vez mais reforços alemães — O clichê mostra a manobra do descarregamento, de um barco de transporte, de um pesado canhão antiaéreo no porto de Christiansand.



Commissario do Reich Terboven para Noruega



Immer neue Verstärkungen treffen in Norwegen ein — Ständig kommen neue grosse Transportschiffe mit Truppen und Waffen nach Norwegen. Unser Bild zeigt, wie schwere Flak im Hafen von Christiansand aus dem Transportschiff ausgeladen wird.

Em luta contra caçadores montanhezes noruegueses — Neste ponto as tropas tudesacas enfrentaram, no seu avanço, soldados montanhezes noruegueses. Vemos, no fundo, um carro de assalto alemão que seguiu à frente do respectivo destacamento.



Im Kampf gegen norwegische Gebirgsschützen — Hier waren die deutschen Truppen auf ihrem Vormarsch in Norwegen in einen Kampf gegen norwegische Gebirgsschützen geraten. Im Hintergrund ein deutscher Kampfwagen, der als Spitze vorausging.

O campo de operações no extremo norte europeu — Eis uma vista do archipelago dos Lofoten, cuja topographia é analoga à da zona de Narvik ocupada pelas tropas alemãs. Vê-se uma cachoeira no fjord de Trolld. No fundo, o morro Trolldtinder, de 1045 metros.



Das Operationsgebiet im hohen Norden — So sieht das Gelände auf den Lofoten und in dem von deutschen Truppen besetzten Raume von Narvik aus. Man sieht den Wasserfall im Trolldfjord. Im Hintergrund der 1045 m hohe Trolldtinder.

Die Deutsche Frau



Blumen am Skagerrak

Einzig-Erlebnis von Matthias Thebold

Wir kamen von Norden. Nun wussten wir, wie schön die Welt ist, wussten, was „Kraft durch Freude“ heisst.

Schwach schimmerte die Südküste des Märchenlandes zu uns herüber. „Du“, sagte ein Mädchen neben mir, „wenn wir jetzt drüben wären, könnten wir zu Fuss noch einmal nach Odda laufen.“

Hastig wandte sie sich ab. Da kann auch ich es nicht mehr aushalten. Ich will, ich muss jetzt allein sein. Im Achterschiff weiss ich einen guten Platz. Aber als ich hinkomme, steht eine alte Frau da. Verlegen schaut sie mich an. Auch ich bin verlegen, denn ich fühle, dass auch sie diese stille Ecke gesucht hat, um allein zu sein. Ich schwanke, will gehen, da spricht die Frau mich an. Mit dem Recht ihrer grauen Haare sagt sie „Du“ zu mir.

„Bleib hier, Junge. Du störst mich nicht.“ Aber ich denke, es sei die Höflichkeit, die sie so sprechen lasse, und will gehen. Da nimmt sie mich bei der Hand und sagt noch einmal: „Bleib hier, Junge.“

Weich und mütterlich ist diese Stimme. Ich bleibe. Und da spricht die Frau wieder.

„Es ist sogar gut, dass du gekommen bist. Wenn das Herz voll ist, dann läuft der Mund über, und dann muss man einen Menschen um sich haben. Komm, setz dich, ich will es dir erzählen.“

Ich setzte mich. Ganz seltsam wurde mir auf einmal zumute. Die Augen der alten Frau gingen in die Weite, eine ganze Weile. Dann sprach sie, und ihre Stimme war voll von jenem Glück, das so gross ist, dass es weinen macht.

„Du gleichst ihm, Junge. Nur ein wenig, aber doch. Die hellen Haare und die grauen Augen, ja, auch das Alter mag stimmen. So war auch er, damals, als er ging. Die Bänder seiner Mütze flatterten im Winde, mir war's so schwer ums Herz — und dann kam der Briefträger. Gefallen am Skagerrak. — Das war schwer, Junge, aber das schwerste, nie konnte ich daran denken, auch nur ein einzigesmal sein Grab zu schmücken. Eine solche Reise war ja so teuer, woher sollte ich all das viele Geld nehmen. Aber immer hab' ich davon geträumt, habe mir ausgemalt, wie schön es wäre, wenn — ja, und dann kam vor einigen Wochen der Mann von der NSV und gab mir das Geld und die Fahrscheine. Das ganze Dorf hatte zusammengelegt, damit ich — und nun bin ich hier, wo mein Junge kämpfte und starb.“

Die alte Frau schwieg eine ganze Weile. Still rannen die Tränen über ihre Wangen. Dann richtete sie sich auf und sagte:

„Du musst nicht denken, ich sei traurig, Junge. Ach, ich bin ja so glücklich! Sieh, all die Jahre hab' ich mich an der Frage gequält, warum und wofür ist er gestorben? Jetzt weiss ich es, und alles ist gut.“

Und nun war's auf einmal ganz still. Wie von fernher drang das glückliche Lachen der Reisegesellschaft an unsere Ohren. Das Meer hob und senkte sich wie in tiefen, ruhigen Atemzügen. Dann scholl der Lautsprecher:

„Kameraden, Kameradinnen! Wir sind an heiliger Stätte! Hier kämpften, starben und siegten die Helden vom Skagerrak. — Helm ab zum Gebet!“

Ruhig und wehevoll erklang Musik. Die Töne schwebten dahin, rissen letzte Herzen auf und küsstes das ruhig atmende Meer. Und das Meer gab Antwort und orgelte in mächtigen Bässen darin.

Da richtete die alte Frau sich auf und sprach.

„Ja, hier ist es. Ich fühle es.“

Sie neigte sich über die Reeling.

„Jung, hörst du mich? Ich bin hier. Deine Mutter ist zu dir gekommen. — Hast doch keine Ruhe gehabt da unten, bis ich einmal bei dir gewesen bin. Schau, hab' dir auch Blumen mitgebracht, Blumen von zu Hause.“

Wir feiern den Muttertag

Wie in den vergangenen Jahren, so rüsten wir auch jetzt wieder zur Feier des Muttertages. Fast zu einer Selbstverständlichkeit ist es uns bereits geworden, an diesem Tage der Mutter einen wirklichen Festtag zu bereiten und sie mit besonderer Liebe zu umgeben. Sie, die tagaus, tagein schaffte und sorgt, soll einmal ausruhen von aller Mühe und Arbeit, soll ihren Feiertag haben. Zwar sind die Auswirkungen des Krieges auch hier in Brasilien so deutlich spürbar, dass vereinzelt die Frage aufgeworfen worden ist, ob es dem Ernst der Stunde angemessen sei, in diesem Jahre den Muttertag in der üblichen Weise zu begehen. Man könnte diesen Einwand vielleicht für berechtigt halten, wenn es sich bei der Muttertagsfeier lediglich um eine äussere Ehrung handelte. Wir erblicken aber den tiefsten Sinn dieses Tages in einer inneren Verpflichtung der Gemeinschaft gegenüber, in die wir hineingestellt sind. Und diese grosse Gemeinschaft umschliesst alle Frauen, alte und junge, auch die Frauen und Mädchen, denen es nicht vergönnt ist, Kinder ihr eigen zu nennen. Die Frau, die im harten Kampf des Berufslebens steht, der nur gar zu oft schwerer ist als die Anforderungen, die täglich an die Hausfrau und Mutter gestellt werden, gehört ebenso zu uns wie die Mutter von Kindern. Denn Mütterlichkeit ist eine seelische Eigenschaft, unabhängig davon, ob eine Frau Mutter von Kindern ist oder nicht. Wie jede Frau einer Mutter Kind ist, der sie an diesem Tage in Dankbarkeit gedenken wird, so hat auch die kinderlose oder unverheiratete Frau in ihrem Kreise die Möglichkeit, ihre Mütterlichkeit unter Beweis zu stellen.

Ein wie hohes Mass von Mütterlichkeit bewundern wir nicht auch an den vielen Frauen, die ihr Leben ganz in den Dienst der Verwundeten und Kranken gestellt haben. Es ist dabei ja nicht allein mit der körperlichen Pflege getan: Es gilt seelische Not zu lindern, neuen Lebensmut zu schenken und in vielen kleinen Dingen überall da zu helfen, wo der Kranke oder Verwundete in seiner Hilflosigkeit sich sonst selbst überlassen wäre. Dazu ist aber nur eine Frau fähig, die in ihrem Wesen Frau und Mutter ist, die Kraft zu spenden vermag allen denen, die in ihren Wirkungsbereich treten.

Allen diesen Frauen gilt unser Gedenken am Muttertag!

mf.

Das Heim - Kraftquell aller Schaffenden

Feierabend! Das bekannte Signal tönt durch Räderrollen und Maschinenlärm, es unterbricht aufgeregtes Hasten in den Büros und dringt in stille Räume, wo mit konzentrierter Kraft wissenschaftliche Arbeit geleistet wird, und es klingt hinaus aufs weite Feld zum pflügenden Bauern. Feierabend! Jeden trifft der Ruf zu irgendeiner Zeit. Freilich, der Rhythmus der Arbeit, der im harten Takt der Pflicht mit dem ungeheuren Schwung einer alles beherrschenden Idee unser Vaterland heute stärker denn je durchpulst, steht niemals still. Aber er gönnt all den Menschen mit ihren kleinen bescheidenen Kräften die nötigen Pausen, um Kraft zu schöpfen, froh zu werden für das neue Tagwerk. Und Tausende, die den Feierabendruf vernehmen, keh-

ren dann heim ins Haus der Frau, zur Mutter.

Wisst ihr eigentlich, all ihr Mütter, Frauen, Schwestern und guten Hausgeister, welche Aufgaben euch bevorstehen, wenn ihr euch durch einen letzten Blick auf die Uhr überzeugt habt: Jetzt werden sie alle gleich heimkommen! Müde, manchmal auch verärgert hat der Vater seine Arbeitsstätte verlassen, berstend angefüllt mit neuen Erlebnissen kommen die Kinder aus der Schule, abgespannt hat das berufstätige Mädel den Heimweg angetreten, und hungrig, aber mit wenig Zeit, stürzt der erwachsene Sohn ins Haus. Jeder kommt mit anderen Erwartungen, anderen Wünschen. Und doch freuen sich alle, nach Haus zu kommen. Plötzlich steht das

**Mutter sein heisst:
entsagen, opfern, wach
und immer bereit sein.**

Gertr. Scholz-Kliff.

Haus, in dem es bisher so still war, im Mittelpunkt des lärmenden Lebens.

Jetzt beginnen neue, grosse Aufgaben der Hausfrau. Sie sind zwar weit weniger sichtbar als das Tagewerk der Männer und Frauen, die draussen berufstätig sind, aber das alles könnte keinen Segen bringen, wenn daheim in den deutschen Familien die Quellen der Kraft, der Ruhe und der Freude versiegt.

Kaum denken wir noch daran, wenn wir im Buch der deutschen Geschichte blättern, dass die Taten der Grossen, die darin mit ehernen Lettern verzeichnet sind, oft auch aus kleinen verborgenen Quellen gespeist wurden. Aber schauen wir tiefer, so müssen wir doch erkennen, dass ein Bismarck die Kraft zum politischen Werk in der Harmonie der Häuslichkeit schöpfte, die ihm seine Johanna zu bereiten verstand; dass ein Goethe aus dem Haus der Frau Rat den Funken hinstieg, den sein Genie zum lodernen Brand entfachte. Aber die Aufgaben dieser Frauen in den Jahren, als noch Zeit blieb zu einer wahrhaft geruhigen Pflege der Häuslichkeit, waren doch ganz andere als die der Frauen von heute. Unsere Zeit drückt überall auf das Tempo und fordert intensivste Ausnützung aller Kraftreserven. Das Haus ist nicht mehr eine ruhige Insel fern vom Zeitgeschehen. Nein, das Rundfunkgerät holt die ganze Welt in einen kleinen Raum, und das grosse Geschehen unserer Tage fordert gebieterisch, dass die Frau auch ausserhalb ihrer vier Wände an ihrem Platz in der Volksgemeinschaft steht. Trotzdem soll und darf nichts vernachlässigt werden an der Pflege des Heimes.

Das ist nicht mit Aeusserlichkeiten allein getan. Dem deutschen Heim rühmt man in der ganzen Welt nicht zu Unrecht geheime seelische Kräfte nach. Diese Kräfte müssen erhalten werden. Aber sie werden in einer Zeit so starken Umbruchs unbarmherzig verschüttet, wenn die Frau des Hauses nicht wachsamer denn je ist. Mit klarem Blick muss sie versuchen, in das Geschehen der Welt und besonders des eigenen Vaterlandes zu schauen, um das Vorwärtsdrängen der Männer, das Aufbegehren der Jugend, den einzigen grossen politischen Dienst eines ganzen Volkes zu verstehen. Kann die Frau nicht Schritt halten, hat das Heim seinen kraftspendenden Quell verloren. Darüber täuscht kein noch so blitzblankes Haus, keine noch so tadellose Wirtschaft hinweg.

Aber die wache Frau ist interessiert an allen Erlebnissen, Wünschen und Nöten ihrer heimkehrenden Berufstätigen. Sie nimmt ihnen alle seelischen Lasten mit bereitem Herzen ab und schenkt in ihrer Anteilnahme dem anderen die nötige Ruhe. Sie wird nicht müde dabei, obwohl es unendlich viel ist, was heutzutage von einer Familie schaffender Menschen heimgetragen und oft recht unbekümmert in die Hände der Frau des Hauses gelegt wird. „Nun werde du damit fertig, wir alle müssen wieder hinaus, müssen unbelastet und frisch unser neues Tagewerk beginnen.“

Da gibt es nun keine schönere Aufgabe für die Hüterin des Hauses, als immer bereit zu sein, aufopfernd bereit zu sein, alle Gedanken und Pläne, Sorgen und Nöte aufzunehmen und in den stillen Stunden, die ihr bleiben, innerlich zu verarbeiten. Dann kann all das Neue sowohl in den äusseren Dingen, die das Heim verschönern, als auch in der Prägung des ganzen Lebensstiles, die der Art der Familie entsprechende Gestalt gewinnen. Und die Berufstätigen fühlen sich geborgen, wenn sie heimkehren in diese Atmosphäre. Gewiss sind diese Aufgaben nicht leicht, aber sie sind schön. Ausserdem kommt unsere Zeit, wie kaum eine andere vor uns, den uralten, zu tiefst mütterlichen Kräften entgegen. Fast hatten es ja unsere Frauen in den vergangenen wirren Jahrzehnten vergessen, dass sie Hüterin der Familientradition sind und es dabei zu ihren schönsten Aufgaben gehört, die Feste des Jahreslaufes der Familie in ihrem Kreise zu gestalten. Da gibt es auch heute noch tausend Möglichkeiten, die noch nicht ausgeschöpft sind. Auch die Aeusserlichkeiten an Tisch und Herd sind dabei nicht unwesentlich. Und all die vielen Kleinigkeiten, die der Alltag mit sich bringt, stellen die Frauen des Hauses immer wieder von neuem vor die Aufgabe, ob es ihnen



Reichsmütter schule in Berlin

Sie nestelte an ihrer Tasche und brachte einen Strauss blühender Glockenheide hervor. Die verarbeiteten Hände hielten den Strauss eine kleine Weile über die Reeling, als müssten sie dem toten Kinde erst zeigen, was sie ihm Schönes mitgebracht hätten, dann liessen sie den Strauss sachte ins Wasser gleiten.

Mit halber Kraft zog das Schiff seine Bahn. Wie ein roter, leuchtender Fleck trieb der Blumenstrauss dahin, saugte sich voll und schwer. Langsam sank er in die Tiefe, dem

toten Helden da unten den Gruss seiner Mutter zu bringen.

Stärker, kraftvoller klang jetzt die Musik, nun schmetterte sie wie jauchzender Siegeschall.

Da packte die Mutter mich am Arm, wies über das Schiff mit all seinen glücklichen Menschen, zeigte nach Süden, nach Deutschland und sagte:

„Für das alles hat er gekämpft. Nein, er ist nicht umsonst gestorben. — Komm, mein Junge, wir wollen zu den andern gehn.“

gelingt, das Heim zu gestalten, das Mittelpunkt, Ausstrahlungspunkt der Kräfte ist für die Familie unserer Zeit.

Wie schön ist es, wenn die Mutter mit ihren Kindern musiziert, wenn sie ihre Lieder mitsingen kann! Welche Freude macht es dem eiligen Zeitungsleser, wenn ihm seine Frau, die die Zeitung mit grösserer Ruhe durchlesen kann, die Berichte kurz ankreuzt, von denen sie weiss, dass sie ihn besonders interessieren! Dieses sind Beispiele winziger Kleinigkeiten, und man glaubt kaum, wie wichtig sie trotzdem sind.

Aber gerade diese Kleinigkeiten machen so manche Hausfrau, besonders die junge, ungeduldig; denn es scheint so, als ob sie in

der Hast des Alltags weit öfter übersehen als gewürdigt werden. Da kommt dann der oft geseufzte und viel beklatschte Einwand, dass in unserer Zeit kein ruhiges und friedliches Familienleben und keine geordnete Häuslichkeit mehr gedeihen könne. Darauf die Antwort, dass dies heute wie immer in den Händen der Gestalterin, der Hausfrau, liegt.

Denn das deutsche Heim und die Gestalt der Hüterin dieses Heimes wird es ja immer sein, die denen da draussen leuchtend vorsteht, wenn sie im Schaffen, Ringen und Kämpfen vor letzte Entscheidungen, vor höchsten Einsatz gestellt werden.

Marianne Zech



Gesundheitspflege

Wie verhält sich die Mutter bei Kinderkrankheiten?

Wie fangen alle Kinderkrankheiten an? — Plötzlich! Das Kind jedenfalls spürt plötzlich ein Schütteln, ein Frostgefühl, einen stechenden Schmerz in den Gliedern, ein dumpfes Drücken im Kopf und das Bestreben des Magens, das vorher schon mit geringem Appetit Verzehrte wieder herzugeben. Das Kind fühlt sich krank.

Die Mütter wissen oftmals nicht so rasch Bescheid. „Wie siehst du aus,“ fragt die eine und hat die Ringe um die Augen des Kindes bemerkt. „Hast du etwas Verbotenes gegessen?“ sagt die andere und denkt mit Schreck an den letzten Schulspariergang, der in den Wald führte. „Schon gestern legte es sich so früh ins Bett,“ überlegt die Mutter, „etwas ist nicht in Ordnung.“ Gewisse Verbote gehen der eigentlichen Krankheit voraus, und aufmerksame Beobachter können sie erkennen.

Das Kind selbst hat sofort das Krankheitsgefühl: es scheint sich nicht mehr nach dem Spiel mit den anderen, es greift kein Essen mehr an; es trachtet nur einfach ins Stille, auf eine Liegestatt, wo es nicht so ganz hell ist, auf der man liegen und den schweren Kopf ausruhen kann. Alles andere noch so Schöne gilt im Augenblick nichts.

Diesem natürlichen Trieb des kranken Kindes haben die Mütter nachzugeben. Sie halten deshalb die Spielgefährten entfernt, sie helfen dem Kinde aus der Kleidung heraus, sie drängen nichts mehr zu essen auf.

Ist nun eine sogenannte „Infektionskrankheit“ im Anzug? Oder liegt nur Ueberbelastung des Magens durch unvernünftiges Vielessen vor? Auf Kindergesellschaften und auf Schulfesten wird manchmal Unglaubliches in dieser Hinsicht geleistet.

Das Fieberthermometer gibt hier wertvollen Aufschluss: zeigt es ungefähr normale Höhe oder nur wenig über 37 Grad, so ist bestimmt keine schwere Erkrankung da; zeigt es aber 38 Grad oder darüber, so gibt es keinen Zweifel, dass eine Krankheit im Kinde steckt. Das Fieber ist der deutlichste Beweis dafür, dass im Körper des Kindes ein Kampf stattfindet, — Kampf der körpereigenen Abwehrkräfte gegen die aus irgendeinem Grunde eingedrungenen Schädlinge. Gerade ein kräftiger Körper pflegt sich mit hohem Fieber gegen den Eindringling zu wehren. Es braucht also die Mutter nicht um so mehr zu erschrecken, je höher das Fieber ist, sondern sie soll immer gleich sorg-

fältig und vorsichtig zu Werke gehen, wenn sie überhaupt Fieber feststellt. Die ganz Vorsichtige holt sofort den Arzt und unternimmt selbst gar nichts, damit sie nichts falsch machen kann. Hat der Arzt die Behandlung übernommen, so hat er die Gesamtverantwortung der Mutter abgenommen, sie kann sich danach einem Gefühl der Beruhigung hingeben, auch bei schwerer Krankheit ihres Kindes, und hat nun Kräfte frei für die Pflege.



Fröhliche Jugend am 1. Mai

Aufnahme: Fouquet

Denn ganz gewiss erholt sich der kleine Patient bei umsichtiger, ruhig und mit einer leichten Fröhlichkeit ausgeübten Pflege schneller als in trostloser Umgebung.

Bastelecke

Mein Besenschrank

Nur eine kleine Ecke in meiner Küche zwischen Schrank und Wand — 35 cm breit und 37 cm tief — stand mir zur Verfügung, um meine Besen, Schrubber, Kehrmaschine

usw. unterbringen zu können; ein sehr schmaler Schrank hätte in dieser Ecke zwar noch Platz gehabt, aber in ihm hätten nicht alle diese Geräte aufbewahrt werden können. Ich habe mir deshalb auf folgende Weise geholfen: ein einfaches, 1,5 cm starkes Brett von 40 cm Breite und 37 cm Länge befestigte ich zunächst in Höhe des Schrankes mit Bankhaken an der Wand, das andere Ende des Brettes legte ich auf den Schrank und schraubte es mit einigen Schrauben auf dem Schrank fest. Das Brett wurde an der Unterseite mit einigen krummen Schraubhaken versehen, die ich gestaffelt einschraubte, damit jeder Gegenstand nachher mit einem einzigen Griff herauszunehmen ist. In die oberen Enden der Besen-, Schrubber-, Bürsten- usw. Stiele schraubte ich passende Ringschrauben ein, an denen die Gegenstände auf die Schraubhaken gehängt werden. Die weniger häufig gebrauchten Geräte — Bohnenbürste, Teppichbürste, Ausklopfer — hängte ich in die hinterste Reihe, Besen, Mop, Staubsauger in die Reihe davor und in der vordersten Reihe fanden Möbelpop, Lampenschirmbürste, Teppichkehrmaschine Platz. In die den kleinen Raum abgrenzende Seite des Küchenschrankes schraubte ich in halber Höhe einige weitere Haken ein, auf die Handfeger, Staubtücher, Fensterleder u. a. gehängt werden können. So habe ich auf kleinstem Raume meine Reinigungsgeräte untergebracht. Ein heller Vorhang, der zum Ziehen eingerichtet ist, schliesst diesen Besenschrank gegen die Küche ab.

Maidi Wagner

Gebet des Soldaten

Von Gerhard Schumann

**Hergott, mit Worten sind wir harg.
Hör gnädig unser Beten nun:
Mach uns die Seelen hart und stark.
Das Andre woll'n wir selber tun.**

**Behüt daheim die stille Frau,
Wenn sie in dunkler Nacht sich härm't.
Entzünd den Stern im hohen Blau,
Daß ihr sein Trost das Herz erwärm't.**

**Behüt den Führer und das Land.
Die Kinder laß in Frieden ruhn.
Wir geben sie in deine Hand.
Das Andre woll'n wir selber tun.**

heit des Papiers zu einem wertvollen Reinigungsmittel. Besonders schmieriges Geschirr, das in Wasser allein schwer zu reinigen ist, an dem etwas Spinat, Zwiebelstange und ähnliches haftet, wird am besten mit Zeitungspapier vorgereinigt und dann erst in der üblichen Weise gesäubert. Eiserne Pfannen, in denen gebraten wird, sollte man nicht allzu viel mit Wasser waschen, da bekanntlich eine gut eingebratene Pfanne das leichteste Arbeiten ermöglicht. Gründliches Auswischen mit Zeitungspapier und Nachwischen mit reinem weissen Papier wird in den meisten Fällen zur Reinigung völlig genügen. Wenn man russische Töpfe tüchtig mit Zeitungspapier abreibt, so spart dies schmutzige Hände, schmutzige Tücher und schmutziges Wasser. Bügeleisen und sonstige Metallgegenstände, die Rost anzusetzen beginnen, reibt man ebenfalls mit unserem unermüdlichen Helfer ab. Fenster und Spiegelglasscheiben können sich keinen besseren Reiniger wünschen, als ihn: das Zeitungspapier darstellt, es putzt das Glas ganz klar. Für Schuhpflege ist Zeitungspapier ebenfalls von grossem Nutzen. Nasse Schuhe werden mit zerknittertem Zeitungspapier ausgestopft. Dadurch wird die innere Nässe, die sonst zuletzt verschwindet, zuerst ausgetrocknet, wodurch die Haltbarkeit des Schuhwerks gewinnt und die Elastizität und Geschmeidigkeit des Leders erhalten bleibt.

Der Wert des Zeitungspapiers als Packmaterial ist bekannt. Seine Weichheit macht es gerade für die Verpackung sehr empfindlicher Dinge geeignet. Für den Versand zerbrechlicher Gegenstände und beim Umzug ist es geradezu unentbehrlich.

Alle Metallgegenstände werden durch Abreiben mit Zeitungspapier blank und hell, einerlei, ob es sich um Messing, Kupfer, Nickel oder Aluminium handelt. Zeitungspapier erspart lange Zeit hindurch Putzpomade, schwarze Lappen und russige Arbeit.

Noch viele Verwendungsarten gibt es für diesen vielseitigen Helfer, und wenn man sich einmal daran gewöhnt hat, finden sich immer neue dazu. Hat die Hausfrau, die an die Nützlichkeit dieser Ausführungen glaubt, sich tatsächlich ein Paket alter Zeitungen zu recht gelegt und diese bei fast jeder Arbeit auf ihre Verwendbarkeit anschaut, dann wird sie finden, dass sie eigentlich überall tauglich sind und manche Mühe sparen.

Hebt also alte Zeitungen auf und benützt sie zur Arbeiterleichterung in der Hauswirtschaft!

Seht alte Zeitungen auf!

Das Zeitungspapier ist von so ausserordentlichem Nutzen für den Haushalt, dass es sehr empfehlenswert ist, in jeder Küche einen Stoss davon zur Verfügung zu haben. Wer nicht Bescheid weiss, dem mag dies befremdlich vorkommen, die vielfachen Verwendungsmöglichkeiten werden ihm aber bald von der Richtigkeit dieser Behauptung überzeugen.

Zeitungspapier enthält infolge der daran haftenden Druckerfarbe Petroleum, und dieses macht es in Verbindung mit der Weich-



Jubel um den Führer: Der Führer grüsst an seinem 51. Geburtstag die ihm auf dem Wilhelmplatz zujubelnden Berliner



Zu neuen Opfern bereit: Reichsminister Dr. Goebbels eröffnete in einer grossen Kundgebung im Berliner Sportpalast das „Hilfswerk für das Deutsche Rote Kreuz“